

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

A162m Abreu, Nayara dos Santos, 1989-
2017 Magia neopentecostal e "espírito" neoliberal / Nayara dos Santos
Abreu. - 2017.
130 f. : il.

Orientadora: Mariana Magalhães Pinto Côrtes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.
Inclui bibliografia.

1. Sociologia - Teses. 2. Pentecostalismo - Teses. 3. Neoliberalismo
- Teses. 4. Empreendedorismo - Teses. I. Côrtes, Mariana Magalhães
Pinto. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

CDU: 316

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
NAYARA DOS SANTOS ABREU

“MAGIA” NEOPENTECOSTAL E “ESPÍRITO” NEOLIBERAL

UBERLÂNDIA
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

NAYARA DOS SANTOS ABREU

“MAGIA” NEOPENTECOSTAL E “ESPÍRITO” NEOLIBERAL

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mariana P. Côrtes

UBERLÂNDIA

2017

NAYARA DOS SANTOS ABREU

“MAGIA” NEOPENTECOSTAL E “ESPÍRITO” NEOLIBERAL

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente:

Prof.^a Dr.^a Mariana M. P. Côrtes (Orientadora)
Universidade Federal de Uberlândia

1º Examinador:

Prof. Dr. Luciano S. P. Barbosa
Universidade Federal de Uberlândia

2º Examinador:

Prof. Dr. Jacob Lima
Universidade Federal de São Carlos

Uberlândia, 29 de Maio de 2017.

Aos meus pais André e Eleusa,
e ao meu irmão Vinícius, dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMG) por financiar esta pesquisa de mestrado na UFU.

Agradeço à orientadora deste trabalho, Prof. Mariana P. Cortês, por ter me auxiliado de forma generosa, sempre me instigando a explorar novas possibilidades, sem restringir minha autonomia, e me apoiando na realização das minhas ideias.

Às professoras Maria Elizabeth e Cláudia, que foram brilhantes na banca de qualificação, pois fertilizaram minhas reflexões e legitimaram meu trabalho.

Ao professor Luciano e à professora Patrícia pela disponibilidade, cordialidade e ajuda no decorrer da pesquisa.

Aos colegas do mestrado com quem dividi alegrias e angustias da difícil tarefa de “lançar tintas interpretativas” sobre o campo social.

Aos integrantes do grupo de estudo Galize, Matheus e Renata, que participaram ativamente da produção deste trabalho, com imensa sabedoria contribuíram de forma prática e teórica. A vocês, minha gratidão e afeto. E fica o ensinamento: quem tem amigos, têm tudo!

Ao Victor, meu companheiro de vida, pela presença cotidiana e compreensão de sempre.

Ao meu irmão, Vinícius, e minha cunhada, Mariana, pelo incentivo e apoio.

Aos meus pais, André e Eleusa, pelo investimento e dedicação. Tudo que sou devo a vocês.

“A liberdade de mercado permite que
você aceite os preços que lhes são
impostos”

Eduardo Galeano

RESUMO

O intuito desta pesquisa é encontrar as possibilidades de afinidade entre o neopentecostalismo e o neoliberalismo, através da observação da Igreja Universal do Reino de Deus (1977), tendo como recorte o culto destinado aos empresários. Embora a maioria dos fiéis da Universal não possuam empresas, o discurso ressalta que todos devem ter uma visão empreendedora. Tal religião oferece serviços mágico-religiosos na tentativa de resolver problemas que deveriam ser, a priori, responsabilidade do Estado, como a falta de empregos, o tratamento de doenças, e etc. E como o “novo espírito do capitalismo” exige que o indivíduo seja cada vez mais desprendido, corajoso e audacioso, na fé neopentecostal, tais características também são exigidas ao fiel. A igreja é gerenciada como um empreendimento, que se adequa ao capitalismo sendo dinâmica e flexível e constituindo um grande mercado de bens religiosos; aplicando a governamentalidade neoliberal na relação do indivíduo com a fé, razão do seu tamanho sucesso.

Palavras-Chave: Neopentecostalismo, neoliberalismo, governamentalidade, empreendedorismo, identidade.

ABSTRACT

The purpose of this research is to find the possibilities of affinity between Neo-Pentecostalism and neoliberalism through the observation of the Universal Church of the Kingdom of God (1977), with the cult of entrepreneurs as a cut. Although most of the Universal's faithful don't own companies, the speech emphasizes that everyone must have an entrepreneurial vision. Such a religion offers magic-religious services in an attempt to solve problems that should be a priority and the responsibility of the State, such as the lack of jobs, the treatment of diseases, and the list goes on. And as the "new spirit of capitalism" demands that, the individual be more and more detached, courageous and audacious in the Neopentecostal faith, such characteristics are also required from the faithful. The church is managed as an enterprise, which adapts to capitalism by being dynamic and flexible and constituting a large market for religious goods; applying the neoliberal governmentality in the relationship between the individual and the faith, reason of its great success.

Keywords: Neo-Pentecostalism, neoliberalism, governmentality, entrepreneurship, identity.

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Faixa etária dos entrevistados (IURD Centro)	74
Gráfico 2	Sexo dos entrevistados (IURD Centro)	74
Gráfico 3	Número de filhos dos entrevistados (IURD Centro)	75
Gráfico 4	Escolaridade dos entrevistados (IURD Centro)	78
Gráfico 5	Renda individual mensal dos entrevistados (IURD Centro)	79
Gráfico 6	Renda familiar mensal dos entrevistados (IURD Centro)	79
Gráfico 7	Ocupação principal dos entrevistados (IURD Centro)	80
Gráfico 8	Setor econômico em que os entrevistados atuam (IURD Centro)	81
Gráfico 9	Ocupação dos entrevistados por setor econômico de atuação (IURD Centro)	81
Gráfico 10	Área de atuação dos entrevistados no setor de serviços (IURD Centro)	82
Gráfico 11	Maneira pela qual o entrevistado soube da IURD (IURD Centro)	83
Gráfico 12	Nível de confiança na Folha Universal (IURD Centro)	84
Gráfico 13	Canais preferidos pelos entrevistados (IURD Centro)	84
Gráfico 14	Predileção dos entrevistados quanto os programas da Record (IURD Centro)	85
Gráfico 15	Principais fontes de informação dos entrevistados (IURD Centro)	86
Gráfico 16	A relação entre religião e política para os entrevistados (IURD Centro)	87
Gráfico 17	Faixa etária dos entrevistados (IURD Santa Mônica)	92
Gráfico 18	Bairro de origem dos entrevistados (IURD Santa Mônica)	93
Gráfico 19	Sexo dos entrevistados (IURD Santa Mônica)	93
Gráfico 20	Número de filhos dos entrevistados (IURD Santa Mônica)	94
Gráfico 21	Escolaridade dos entrevistados (IURD Santa Mônica)	95
Gráfico 22	Renda Individual mensal dos entrevistados (IURD Santa Mônica)	96
Gráfico 23	Renda familiar mensal dos entrevistados (IURD Santa Mônica)	96
Gráfico 24	Ocupação principal dos entrevistados (IURD Santa Mônica)	97
Gráfico 25	Setor econômico em que os entrevistados atuam (IURD Santa Mônica)	98
Gráfico 26	Maneira pela qual o entrevistado soube da IURD (IURD Santa Mônica)	98
Gráfico 27	Nível de confiança na Folha Universal (IURD Santa Mônica)	99
Gráfico 28	Canais preferidos pelos entrevistados (IURD Santa Mônica)	99
Gráfico 29	Principais fontes de informação dos entrevistados (IURD Santa Mônica)	100
Gráfico 30	A relação entre religião e política para os entrevistados (IURD Santa Mônica)	101
Gráfico 31	Estado civil dos entrevistados (IURD Centro)	117
Gráfico 32	Cor/Raça dos entrevistados (IURD Centro)	117
Gráfico 33	Se os entrevistados estão estudando atualmente (IURD Centro)	117
Gráfico 34	Naturalidade dos entrevistados (IURD Centro)	118
Gráfico 35	Bairro de origem dos entrevistados (IURD Centro)	118
Gráfico 36	Nível de confiança no Jornal da Record (IURD Centro)	118
Gráfico 37	Nível de confiança Folha de São Paulo (IURD Centro)	119
Gráfico 38	Nível de confiança do Jornal Estado de São Paulo (IURD Centro)	119

Gráfico 39	Nível de confiança Revista Veja (IURD Centro)	119
Gráfico 40	Nível de confiança Jornal Nacional (IURD Centro)	119
Gráfico 41	Nível de confiança Carta Capital (IURD Centro)	120
Gráfico 42	Nível de confiança Globo News (IURD Centro)	120
Gráfico 43	Nível de confiança El Pais (IURD Centro)	120
Gráfico 44	Se os entrevistados escutam música (IURD Centro)	120
Gráfico 45	Gênero musical preferido pelos entrevistados (IURD Centro)	121
Gráfico 46	Se os entrevistados possuem preferência partidária (IURD Centro)	121
Gráfico 47	Preferência partidária dos entrevistados (IURD Centro)	121
Gráfico 48	Estado Civil dos entrevistados (IURD Santa Mônica)	121
Gráfico 49	Cor/raça dos entrevistados (IURD Santa Mônica)	122
Gráfico 50	Se os entrevistados estão estudando atualmente (IURD Santa Mônica)	122
Gráfico 51	Naturalidade dos entrevistados (IURD Santa Mônica)	122
Gráfico 52	Nível de confiança na Folha de São Paulo (IURD Santa Mônica)	122
Gráfico 53	Nível de confiança no Jornal Estado de São Paulo (IURD Santa Mônica)	123
Gráfico 54	Nível de confiança na Revista Veja (IURD Santa Mônica)	123
Gráfico 55	Nível de confiança no Jornal Nacional (IURD Santa Mônica)	123
Gráfico 56	Nível de confiança Jornal da Record (IURD Santa Mônica)	123
Gráfico 57	Nível de confiança na Carta Capital (IURD Santa Mônica)	124
Gráfico 58	Nível de confiança na Globo News (IURD Santa Mônica)	124
Gráfico 59	Nível de confiança no El Pais (IURD Santa Mônica)	124
Gráfico 60	Programas que os entrevistados assistem na Record (IURD Santa Mônica)	124
Gráfico 61	Se os entrevistados escutam música (IURD Santa Mônica)	125
Gráfico 62	Gênero musical preferido dos entrevistados (IURD Santa Mônica)	125
Gráfico 63	Se os entrevistados possuem preferência partidária (IURD Santa Mônica)	125

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Confraternização Anual do grupo <i>Godllywood</i> em Uberlândia	126
Imagem 2	Quadro sobre as diferenças entre <i>Godllywood</i> Auto-ajuda e Grupo Fechado	126
Imagem 3	Renato Cardoso fazendo o “sinal de mão oficial – o soco da inteligência”	127
Imagem 4	Cartão-convite de divulgação do FJU	127
Imagem 5	Divulgação da consagração dos instrumentos de trabalho	127
Imagem 6	Divulgação da campanha do Vale do Sal	128
Imagem 7	Estola usada pelos fiéis	128
Imagem 8	Divulgação da reunião que irá distribuir o Anel da Arca da Aliança	129
Imagem 9	Divulgação da Reunião de domingo com a água consagrada	129
Imagem 10	Termo de compromisso para participar da campanha do “Vale do Sal”	130
Imagem 11	Palestra motivacional da reunião da prosperidade	130
Imagem 12	Exemplo de uma fiel da IURD que prosperou na área empresarial	130

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
PRIMEIRA PARTE: A FÉ PELA ÓTICA DA GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL	20
1. Histórico da Universal e as estratégias flexíveis da IURD para atender públicos alvos	21
1.1. As reconfigurações da Universal	25
1.2. As redes criadas através dos Grupos e a incorporação do “espírito” empreendedor.....	32
1.2.1. <i>Godllywood</i>	34
1.2.2. <i>Intellimen</i>	42
1.2.3. Força Jovem Universal	46
1.2.4. Calebe	49
1.3: A “magia” neopentecostal	50
2. A governamentalidade neoliberal e a biopolítica moderna: A exceção como componente necessário da regra	57
SEGUNDA PARTE: O DINHEIRO COMO MEDIAÇÃO DO SAGRADO	66
3. IURD Central: Um estudo de cunho etnográfico da reunião da prosperidade	67
3.1. Perfil socioeconômico do fiel	72
3.1.2 Concepções políticas e culturais do fiel	82
4. IURD Santa Mônica: A ação empreendedora pela resposta divina	89
4.1. Perfil socioeconômico do fiel	92
4.1.2. Concepções políticas e culturais do fiel	98
5. IURD Glória: A incompatibilidade da fé da Universal com o movimento social de luta pela terra do assentamento Élisson Prieto.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS AFINIDADES ELETIVAS ENTRE NEOLIBERALISMO E NEOPENTECOSTALISMO	109
REFERÊNCIAS	112
APÊNDICES	117
ANEXO	126

Introdução

“Então disse Deus: ‘Tome seu filho, seu único filho, Isac, a quem você ama, e vá para a região de Moriá. Sacrifique-o ali como holocausto num dos montes que lhe indicarei’”. Tais dizeres, encontrados no livro de Gênesis, do Velho Testamento, foram lembrados por vários entrevistados quando questionados acerca da doação proposta pela Teologia da Prosperidade, que propõe uma barganha com o divino, através da doação de dinheiro e de bens, em troca de bênçãos. Nas quinze entrevistas que realizei, todas e todos destacaram doar o que Deus pede, o que impulsiona a realização do pedido é o sacrifício feito por parte do fiel, pois é a partir de sua ação que a “mágica” acontece.

A inquietação que moveu essa pesquisa foi: porque a lógica da doação faz sentido para quem doa? Uma de minhas hipóteses foi pensa-la como uma tecnologia de poder. Será que a perspectiva de mundo, criada pela IURD, combina com a governamentalidade neoliberal¹ atual, e por isso atrai tantos fiéis? Pois a religião representa para o crente uma orientação, consiste em uma espécie de cultura, a religião é um sistema de significação de determinado grupo, uma razão simbólica que classifica o mundo que se vive, um sistema que oferece um modelo de classificação do mundo para o fiel (GEERTZ, 2008).

A partir da análise de Bourdieu (2007) temos que a religião pode também ser compreendida enquanto linguagem, sendo um instrumento de comunicação e de conhecimento, encarada como um vetor simbólico, trata-se de uma modalidade de poder, que inculca um tipo de “*habitus* religioso produtor de pensamentos, percepções e ações segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural, e sobrenatural” (BOURDIEU, 2007, p. 57), ou seja, precisamente ajusta os indivíduo a uma determinada perspectiva política do mundo social.

No caso da IURD, trata-se, na maioria das vezes, de um fiel que chega à Igreja, em situação de fragilidade, seja ela material, emocional ou física, e é colocado frente a um Deus que apenas retribui. O pastor incita a barganha com o divino como uma forma de investimento na fé, necessária para estabelecer a aliança, que corresponde a chamar a

¹ O termo governamentalidade foi usado primeiramente por Foucault (2008c), e retomado por Pierre Dardot e Christian Laval (2016) para designar as técnicas e procedimentos, usados pelo governo, para dirigir a conduta dos homens. Nesse sentido, a direção atual, chamada neoliberal, estabelece um “conjunto de discursos, práticas, e dispositivo que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (DARDOT, LAVAL, 2016, p. 17).

“atenção” da divindade. Impõe obediência e disciplina e ressalta que o indivíduo doador depende somente do seu sacrifício para conseguir alcançar a sua prosperidade neste mundo (MARIANO, 1999).

O interesse foi em compreender a relação da doação, por isso a pesquisa foi feita, especificadamente, no culto de segunda-feira, o “Congresso Empresarial”, que tem como tema central a doação como forma de alcançar a prosperidade. Embora a maioria dos fiéis da Universal não possuam empresas, o discurso ressalta que todos devem ter uma visão empreendedora, para isso promovem-se palestras motivacionais com a exibição de vídeos que mostram testemunhos de pessoas que trabalhavam como empregados, mas que, por serem “fiéis à Deus”, obtiveram a graça de ter uma ideia empreendedora, e conseguiram prosperar no mundo dos negócios. Nessa direção, a conexão com o neoliberalismo fundamentava-se como uma hipótese relevante e interessante para o presente trabalho.

Mas como e por quê essa lógica “mágica”², perder para ganhar, sacrificar para receber retorno, possivelmente funcionaria? Iniciei a pesquisa de campo com o propósito de investigar tais questões, em agosto de 2015. E frequentei as reuniões da Universal, pelo menos uma vez na semana, durante um ano. Retomei o trabalho de campo em dezembro de 2016, para aprofundar a pesquisa empírica, e analisar com mais clareza a apropriação que a IURD faz do discurso capitalista neoliberal, transformando a relação do indivíduo com a fé, e se constituindo enquanto uma indústria simbólica de bens culturais que comercializa modelos de identidades, e molda, assim, um certo tipo de sujeito.

Os instrumentos de coleta de dados foram as técnicas de observação e aplicação de entrevistas e questionários, além de conversas informais que estabeleci com os frequentadores quando ia às reuniões, e via internet. Entrevistei dez membros que frequentam a IURD localizada no Centro de Uberlândia e apliquei cinquenta questionários aos fiéis dessa unidade: metade destes foram aplicados pessoalmente, ao abordar fiéis que estavam presentes na reunião de segunda na Igreja, e a outra metade aplicada via internet, a partir de uma busca feita no grupo no Facebook da Universal de

² Para Weber (2000) a magia é racional quanto aos fins e irracional quanto aos meios. Nesse sentido, a forma ritualística proposta pela IURD possui traços mágicos, como: ungir objetos, doar dinheiro para receber benções específicas para este mundo, coagir a divindade, manipular e instrumentalizar os poderes divinos. Nas entrevistas que realizei, foi dito, por muitos, que bastava seguir o que o pastor dizia para mudar de vida, como se houvesse uma fórmula, um manual, uma receita mágica que não falha se seguida a risco.

Uberlândia, aceitando respostas apenas de quem frequentava o Congresso Empresarial na Catedral da Fé.

Realizei cinco entrevistas e apliquei dezesseis questionários com fiéis da IURD que frequentam a unidade do bairro Santa Mônica em Uberlândia. Ao contrário da catedral do Centro, esta igreja possui relativamente poucos membros; nas visitas de campo, pude observar a presença de trinta pessoas, em média, por culto. A grande maioria mora no mesmo bairro que a igreja se localiza, por vezes, há uma relação de comunidade entre alguns membros, e muitas vezes é frequentada por mais de um integrante da mesma família.

No início do trabalho de campo realizei também algumas visitas à unidade da IURD localizada no assentamento Élisom Prieto, conhecido como Glória, um bairro não legalizado, onde vivem cerca de 2,2 mil famílias. Mas em maio de 2016 o contrato de uso do imóvel onde funcionava a Igreja não foi renovado. Devido à falta de espaço físico, a ação da Igreja no bairro se tornou menos frequente, mas ainda havia, por vezes, o trabalho de evangelização. Em janeiro de 2017 a Universal voltou a atuar no assentamento, promovendo, uma vez por semana, na quinta-feira, um núcleo de oração, realizado por uma equipe de obreiros vindos da unidade do centro. Entrevistei uma fiel da Universal que é moradora do Glória, conversei com os obreiros responsáveis por realizar o trabalho na localidade, e observei as especificidades de uma IURD localizada em um bairro em construção, onde as pessoas precisam lutar para formalizar e garantir a sua estadia ali, e que, muitas vezes, utilizam de preceitos religiosos para fortalecer esse enfrentamento. Uma inquietação a respeito especificamente da IURD no Glória surgiu: Será que o modelo de gestão empresarial através da fé funciona tão bem ali?

Além dos questionários e entrevistas também analisei os grupos que existem na Universal, o *Godllywood* grupo exclusivo para as mulheres, *Intellimen* projeto que pretende “formar” homens excelentes, o grupo de jovens denominado Força Jovem Universal (FJU), e o Calebe dedicado aos fiéis da terceira idade. Na dinâmica organizacional dos grupos e no teor do discurso de cada um deles é possível perceber aproximações entre neopentecostalismo e neoliberalismo, pois o objetivo é classificar os fiéis e estabelecer, através de desafios, uma determinada formatação da identidade que combina o empreendedorismo com o conservadorismo moral.

O Bispo Macedo lançou em 2014 um livro autobiográfico, que vendeu mais de 4 milhões de exemplares em todo o mundo, no qual ele diz que há mais de 25 mil pastores atuando pela Universal, 12 mil apenas no Brasil. A Igreja está presente em mais de cem

países em todos os cinco continentes. Como parte de seu empreendimento de expansão, a Universal se utiliza de estratégias diferentes em cada local para se solidificar. A antropóloga Claudia Swatowski (2013) observou as especificidades de uma IURD em Lisboa e como a Igreja adotou táticas específicas para enfrentar os desafios de sua presença em um país tradicionalmente católico. Como a denominação chegou em Portugal enfrentando um estigma, formado, muitas vezes, por parte da mídia, a Igreja utilizou um nome público diferente: Centro de Ajuda Espiritual. Assim como no Brasil, a Igreja conseguiu contornar a situação ao fazer o discurso das acusações funcionar como “provações” pelas quais a denominação deveria passar para vencer, invertendo a lógica da perseguição da “vitimização para a de competição com eficácia. Dessa forma, procurou fazer com que a visibilidade alcançada através de escândalos se revertesse a seu favor” (SWATOWISKI, 2013, p.161).

O neopentecostalismo é um movimento religioso que inaugura um tipo de racionalidade diferente da analisada por Weber (2006) em sua *Sociologia das Religiões*. Para o sociólogo alemão, o processo de racionalização da religião significou a eliminação da magia e a implementação da ética na orientação das condutas. O neopentecostalismo, ao contrário, propõe uma “remagificação” nos ritos ao mesmo tempo em que, paradoxalmente, institui uma racionalização na forma de se organizar, que tem o caráter empresarial.

Nesse sentido, as projeções weberianas sobre o processo de racionalização da religião nas sociedades modernas não se encaixa (embora as classificações permaneçam pertinentes) no movimento neopentecostal. Mesmo porque Weber fez seus estudos no início do século XX, analisou a influência da ética protestante no fomento do capitalismo. Mas o sociólogo alemão, a partir do método compreensivo, analisa a sociedade, entendendo-a como prolongamento lógico das ações e interações entre os indivíduos que a compõe. Sendo assim, nada mais natural que cada religião possua características únicas de seu tempo, particularidades que moldam o homem de maneiras diversas, que as fazem únicas pois cria e recria a sociedade. Sendo assim o neopentecostalismo representa um sintoma, mas também um reflexo da atual conjuntura societária. Pois o que marca tal religiosidade é a busca pela posse do Espírito Santo, o sacrifício e a manipulação mágica como forma de estabelecer uma barganha com Deus. Ela é mágica nos ritos, mas não em sua gestão, que é racionalizada como em uma empresa.

O que pretendo analisar neste trabalho é o quanto a religiosidade neopentecostal só foi possível existir em um mundo regido pela governamentalidade neoliberal³, que funcionar a partir da construção permanente do risco eminente do fracasso e do perigo persistente da descartabilidade. Tal desconforto foi gerado a partir da percepção de uma fatalidade econômica, que cria uma realidade de guerra, de modo que há uma identificação com o discurso neopentecostal, pois lá também é travada uma guerra, mas contra o diabo, que representa também os males que advém do sistema capitalista, como o desemprego, a depressão, a miséria, a desigualdade e todas as suas consequências.

Interessei-me em estudar religião em 2013. Na ocasião, o que me motivou foi investigar a tão relatada prosperidade vivida por muitos evangélicos, queria descobrir se o sistema de dádiva estaria presente nas relações criadas no âmbito das igrejas pentecostais e neopentecostais e se sim, quais os impactos poderiam ser gerados nas relações de trabalho. Pesquisei duas denominações religiosas, uma pentecostal, a Congregação Cristã (1910), e uma neopentecostal, a Igreja Universal do Reino de Deus (1977). E através da pesquisa de campo comprovou-se a ausência de um sistema de dádiva nos dois movimentos religiosos evangélicos observados, de forma que no pentecostalismo clássico ainda existe uma ajuda mútua entre os membros, mas não objetivando uma aliança entre eles, pretende-se apenas agradar a Deus, o que guia a reciprocidade é a vontade divina, e não a relação entre os fiéis. Enquanto no neopentecostalismo pretende-se despertar no fiel o “espírito” empreendedor, a fé é individualizada, recorre-se ao divino pretendendo alcançar a prosperidade para sua própria vida, barganham dinheiro em troca de benção (que podem e devem vir em forma de bens materiais).

Há uma bibliografia diversa sobre os novos movimentos religiosos, principalmente sobre o neopentecostalismo e, em particular, a Igreja Universal do Reino de Deus, como o trabalho de Ari Pedro Oro (2001) que pesquisou a relação de magia e dinheiro no neopentecostalismo, e Ronaldo Almeida (2009) que realizou um estudo etnográfico intitulado “*A igreja Universal e seus demônios*”. Há também o trabalho de Jessé de Souza (2010) que mostrou a relação entre classe e religião ao analisar que no interior da camada dominada de trabalhadores urbanos teria uma distinção em duas

³ A governamentalidade neoliberal é uma tecnologia de poder que exige que o próprio indivíduo seja agenciador de capitais, ou seja, responsáveis por investir em si mesmo em um contexto de regras que mudam permanentemente. O papel do Estado passa a ser o de gerir a desordem social e não acabar definitivamente com ela, e quem define os excluídos é o novo soberano: o mercado (DARDOT, LAVAL, 2016).

frações de classe distintas: os “batalhadores” e a “ralé-estrutural”. A principal diferença entre eles é que, ao contrário da “ralé”, os “batalhadores” buscam uma inserção mais estável no mercado de trabalho. Tendo isso em vista, o autor estabeleceu uma afinidade com relação à religião para cada seguimento; de modo que os “batalhadores”, em sua maioria, se vinculam ao pentecostalismo clássico, enquanto a “ralé” prefere o neopentecostalismo. No entanto, no cenário atual não só a “ralé” quer ser “A Universal”, seja pelo intensivo trabalho de *marketing* recentemente promovido pela igreja, ou pela eficácia da inculcação de um *ethos* empreendedor⁴ que de fato melhorou a vida material do fiel, o que demonstra, de forma inédita, que a IURD vem abarcando outras classes, e frações de classe, além da “ralé”.

Outros trabalhos também relacionaram o neopentecostalismo ao neoliberalismo como a pesquisa de Roberto Torres (2007), que evidenciou que a “máquina narrativa” do neopentecostalismo deveria ser compreendida como um “novo espírito do capitalismo”; e a análise de Erik Fernando Miletta Martins (2011), que mostrou a partir da retórica neopentecostal premissas neoliberais de consumo e de investimento. O meu trabalho segue nessa perspectiva, mas a novidade é que proponho analisar o tema através de uma interface entre Sociologia e Antropologia, buscando compreender as estratégias de uma instituição religiosa que introduz formas neoliberais na condução do fiel, e propõe uma formatação da identidade mesclando preceitos bíblicos e ideais neoliberais. Através do método interpretativo da cultura (GEERTZ, 2008), e a partir do diálogo com os “nativos”, busco identificar a realidade do universo pesquisado, interpretando o fluxo do discurso e as representações sociais⁵.

Para aprofundar mais essa análise e compreender melhor em quais instâncias a religião neopentecostal se aproxima do neoliberalismo, o trabalho foi dividido em duas partes: 1) A fé pela ótica da governamentalidade neoliberal; e 2) O dinheiro como mediação do sagrado. A primeira parte é dividida em dois capítulos: o primeiro retrata o histórico da IURD e suas estratégias flexíveis para capturar públicos alvos; analisando de forma mais minuciosa o funcionamento interno de cada um dos grupos (*Godllywood*, *Intellimen*, FJU, Calebe) e o discurso empreendedor que aparece em todos; o segundo empreende uma análise sobre a governamentalidade neoliberal e a biopolítica moderna,

⁴ A constituição de um *ethos* empreendedor é feita a partir da teoria do capital humano, que dilui a diferença entre consumo e investimento, e orienta o funcionamento social baseado no sistema econômico (LÓPEZ-RUIZ, 2007).

⁵ Entendo o conceito de representação tal como Jodelet (2001), trata-se de “sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros - orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais (JODELET, 2001, p. 22).

e como elas se relacionam com o neopentecostalismo. A segunda parte é composta por três capítulos centrados na análise de dados quantitativos e na observação de cunho etnográfico sobre o condução econômica do fiel da Universal, para além do culto, em três unidades da denominação: a unidade do Centro, a do bairro Santa Mônica e a do assentamento do Glória. E por último, há as considerações finais destacando as principais afinidades eletivas encontradas entre neopentecostalismo e o neoliberalismo.

PRIMEIRA PARTE

A FÉ PELA ÓTICA DA GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL

CAPÍTULO 1

Histórico da Universal e suas estratégias flexíveis para atender públicos alvos

Os primeiros sistemas de representações que o homem fez do mundo e de si mesmo foram de origem religiosa. No entanto o papel da religião, ao contrário da ciência, não é o de enriquecer o nosso conhecimento, sua função é auxiliar o indivíduo em suas ações, ajudá-lo a viver, superando as dificuldades cotidianas. Dessa forma, o fiel ao entrar em comunhão com seu Deus se torna um homem “empoderado”, sentindo-se realmente mais forte.

Está como que elevado acima das misérias humanas porque está elevado a cima da sua condição de homem; acredita-se salvo do mal, seja qual for a forma, aliás, que conceba o mal. O primeiro artigo de toda fé é a crença na salvação pela fé (DURKHEIM, 1989, p. 459).

É a ação que domina a vida religiosa, pelo fato de que a causa objetiva, universal e eterna da religião é a sociedade, pois a sociedade precisa existir em ato, precisa afirmar o que ela é, e a religião, enquanto instituição, serve para isso. As forças religiosas, portanto, são forças morais. Se a religião serve como fonte de orientação da conduta e, sendo assim, tem a função de conduzir o indivíduo, qual é a forma de orientação da conduta empreendida pela religião neopentecostal? Em que medida a sua forma de conduzir os fiéis tem conexão direta com a forma de conduzir os indivíduos própria do neoliberalismo? São essas questões que motivam esse trabalho.

Na religiosidade neopentecostal não se busca produzir ascese para promover uma condução racional, metódica e sistemática da vida como outrora fomentava a Ética Protestante através da Teologia da Predestinação⁶, mas se propõe que se liberte do mal e que se faça uma aliança com Deus. Os fins que se buscam alcançar são mundanos e na Teologia da Prosperidade⁷ não há problema em enriquecer, é na verdade o objetivo, pois se incentiva o consumo, seja ele como investimento na fé, ao colocar grandes quantias no altar, ou mesmo ao ostentar algo material (acessórios, roupas, carros). É a prosperidade material que demonstra a aproximação entre o fiel e Deus.

O dinheiro tem grande importância no neopentecostalismo assim como tem no capitalismo. O sociólogo Simmel (apud SOUZA; ÖELZE, 2005) analisou o papel

⁶ Tal teologia pregava que a salvação seria uma escolha de Deus, havendo assim os “escolhidos” e os “condenados”.

⁷ Qualquer pessoa pode alcançar bênçãos, basta que invista na fé, e também pode ser salva, precisa só se arrepender.

central que ele assume na cultura ocidental moderna ao se tornar expressão e equivalência de todos os valores, segundo suas análises:

Aquela segurança e tranquilidade que a posse do dinheiro faz sentir, aquela convicção de possuir com ele o centro dos valores, contém de forma psicologicamente pura, quer dizer de qualidade formal, o centro da equação que justifica, de maneira mais profunda, a queixa já mencionada de que o dinheiro seja o Deus da época moderna (SIMMEL, apud SOUZA; ÖELZE, 2005 p. 36).

Muitos dos entrevistados destacaram que a doação de dinheiro em troca de benções faz sentido na medida em que o dinheiro assume em nossa sociedade um valor supremo. O entrevistado André, de 23 anos, que é obreiro na unidade da Universal localizada no bairro Santa Mônica, ao ser questionado acerca da mediação do sagrado ser feita através do dinheiro, disse:

Todos os heróis do passado sacrificavam, e o que era a moeda de troca na época? Era o novilho, o boi. E hoje em dia é o dinheiro, é essa a nossa moeda de troca. Então desde Abraão todos sacrificavam, e o sacrifício chama a atenção de Deus. Quando você sacrifica você provoca o milagre, você chama a atenção de Deus, e como sempre teve, até hoje tem, Deus não mudou (ENTREVISTADO ANDRÉ).

Toda prática de poder contém uma economia dos discursos de verdade, e a IURD incorpora ideais neoliberais aos preceitos bíblicos. É importante compreender que o poder só se exerce em rede, ninguém tem a posse do poder, ele transita pelo indivíduo que ele constitui, e funciona em cadeia (FOUCAULT, 1979). Por isso as igrejas também constituem um campo em que há relações de poder, o neopentecostalismo acompanhou as mudanças ocorridas na sociedade fazendo com que seu discurso sobre a verdade combinasse com tais transformações.

Acreditava-se que a religião pudesse desaparecer com o avanço científico, ou pelo menos diminuir, mas o que vemos atualmente no Brasil é o crescimento da religião neopentecostal e, em contrapartida, o enfraquecimento do catolicismo, que perde seu monopólio (PAEGLE, 2013). Neste panorama cada vez mais pluralista, as tradições religiosas passam a ser “colocadas no mercado”, para serem “vendidas” a quem não é obrigado a “comprar”; o que transforma as religiões em competitivas agências de mercado (BERGER, apud PAEGLE, 2013). Nesse contexto, a Igreja Universal do Reino de Deus inaugurou uma nova dinâmica na disputa de fiéis, de forma competitiva e fazendo uso da mídia para aumentar o número de adeptos (CAMPOS, 2012).

O Brasil é um país que possui pluralismo religioso, cujas religiões não são mais herdadas, como antigamente, constituindo, na atualidade, algo a ser buscado e escolhido pelos indivíduos. Em estudo realizado na década de 1990, Reginaldo Prandi e Flávio Antônio Pierucci (1996) mostram que cerca de um quarto da população já optou por experiências religiosas diferentes da que nasceu. Para compreendermos o advento da formação de um mercado religioso no Brasil recente, que provocou o fim do monopólio do catolicismo e o crescimento evangélico, é preciso analisar a história do protestantismo, e mais especificamente, do pentecostalismo, no país.

A presença dos evangélicos no país é antiga, surgiu com a vinda de missionários estrangeiros no século XIX, representantes do protestantismo histórico que criaram templos das igrejas *Luterana*, *Presbiteriana*, *Congregacional*, *Anglicana*, *Metodista*, *Batista*, *Adventista*. Tais igrejas surgiram a partir da Reforma Protestante, são religiões mais racionalizadas e éticas, não possuem formas de mediação com Deus, pois acreditam se tratar de uma entidade supramundana e inacessível (WEBER, 2004).

Uma nova corrente do protestantismo denominada pentecostalismo se iniciou nos anos 1910 no Brasil, trazendo novidades teológicas por meio da interação com o Espírito Santo e estabelecendo novas maneiras de condução do fiel, pois se tornou um movimento amplo e diverso. Para a compressão das mudanças ocorridas no histórico do movimento pentecostal, vários pesquisadores da área passaram a separar esse campo religioso em três ondas, não significando, contudo, eventos fechados, pois cada uma das ondas se entremeia, influenciando mutuamente. O objetivo é ordenar os acontecimentos e tornar mais claro a evolução histórica dessa religião e suas distinções teológicas (MARIANO, 1999).

As primeiras denominações pentecostais que surgiram no Brasil, representantes da primeira onda do pentecostalismo, são: *Congregação Cristã no Brasil* (1910) e a *Assembleia de Deus* (1911). Ao contrário do protestantismo histórico, restituíram a mediação dos homens com elementos mágicos e divinos, destacando os dons do Espírito Santo – como falar em línguas estranhas, ter o dom da cura e o discernimento de espíritos, por exemplo – e retornando a crenças e costumes do cristianismo primitivo, tais como: a cura a partir de expulsão de demônios, a concessão divina de benção e a realização de milagres. Outra característica dessa onda é a criação de um corpo burocrático para administrar a igreja, para que continuasse existindo além da vida de seus fundadores (MARIANO. 1999).

A segunda onda é chamada de pentecostalismo neoclássico, que iniciou nos anos 1950, com a chegada de missionários dos EUA que criaram a Cruzada Nacional de Evangelização. A partir da Cruzada, novas igrejas pentecostais surgiram: a Igreja do *Evangélico Quadrangular* (1951, São Paulo), *Brasil para Cristo* (1955, São Paulo), *Deus é amor* (1962, São Paulo), *Casa da benção* (1964, Minas Gerais), além de outras de menor porte. Essas igrejas possuem a forma de mediação eclesiástica trazida pela primeira onda, e uma inovação com o uso do rádio para pregação, além da criação de um evangelismo itinerante em tendas espalhadas pelo País, tendo em vista a ascensão dos evangélicos (MARIANO, 1999).

A terceira onda do pentecostalismo, denominada de neopentecostalismo, tem como a sua maior representante a Igreja Universal do Reino de Deus (1977). É a vertente evangélica que mais cresceu no Brasil, principalmente a partir dos anos 1990. Seus representantes possuem uma grande participação política partidária e utilizam cada vez mais as mídias eletrônicas como meio de divulgação. Já os adeptos são, em sua maioria, de camadas menos favorecidas e que estão em situações de vulnerabilidade, sendo facilmente atraídos por serviços mágico-religiosos que prometem resolver problemas sem soluções imediatas, tais como: desemprego, degradação familiar, doenças, entre outros. Os crentes fazem isso assumindo uma guerra espiritual contra o diabo, que seria o culpado por todos os males, de forma a vitimá-lo (MARIANO, 1999).

Mas, ao mesmo tempo, institui uma lógica empreendedora, de modo que alcançar a prosperidade é algo que só depende da ação do crente e do seu sacrifício. Na Teologia da Prosperidade, valoriza-se o dinheiro e os ganhos materiais; e defende-se que Deus é o Senhor de todas as riquezas e que o homem, sendo filho de Deus, tem o direito devido de partilhar dessas riquezas. Nesse sentido, o dinheiro assume a mediação com o sagrado, servindo de expressão da fé para multiplicar as obras de Deus.

Na Universal os cultos são temáticos para cada dia da semana, delimitando o público a partir da demanda buscada por cada um (curas, problemas financeiros, questões sentimentais, entre outros). No domingo, é dia de louvor e busca do Espírito Santo; na segunda-feira é dia da prosperidade financeira (Congresso Empresarial); a terça-feira é reservada a cura; na quarta-feira há reunião dos filhos de Deus; quinta-feira é reservada à terapia do amor; sexta-feira é dia da libertação; e sábado é a reunião do jejum das causas impossíveis. As minhas visitas às igrejas concentraram-se na segunda-feira, pois é o culto destinado aos empreendedores, e o objetivo da pesquisa é referente a eles.

1.1. As reconfigurações da Universal

Foucault (2004) destaca que para analisar a genealogia do indivíduo ocidental moderno há necessidade de observar não apenas as técnicas de dominação, mas também as tecnologias de si, pois a maneira como os sujeitos são conduzidos está diretamente relacionada com o modo que eles regem a si mesmos (LÓPEZ-RUIZ, no prelo). A fé promovida pela Igreja Universal utiliza das noções da “técnica de si”⁸ aliada a uma ideia de “espírito” empreendedor, criando uma narrativa discursiva que motiva e “empodera” o fiel. Trata-se de estabelecer uma certa forma de se viver, em que o sujeito deve investigar o que deve melhorar em si mesmo, e a partir desse conhecimento, deve “cuidar de si”. Nesse momento há por parte da IURD – e da sociedade pautada pelo neoliberalismo – incitação para que o indivíduo faça investimentos, caso contrário não será de fato um sujeito. O investimento deve ser feito tanto no próprio corpo, quanto na “alma”, ou seja, nesse sentido o indivíduo precisa ser dedicado ao seu trabalho para prosperar na vida financeira, mas também precisa ser disciplinado nos dízimos e ofertas, para não quebrar o pacto com Deus.

Na recomendação geral proposta pela IURD para que o fiel invista na fé, e principalmente invista em si mesmo, há três regras: a obediência, a fidelidade e a persistência. Foucault (2008b) identificou três características do poder pastoral⁹ que se parecem com a forma que a IURD conduz seus fiéis: “O pastor guia para a salvação, prescreve a lei, ensina a verdade” (FOUCAULT, 2008b, p. 221). No contexto neopentecostal, a salvação guiada pelo pastor se dá pela guerra contra a ação do diabo, a lei é determinada a partir da criação de uma norma de conduta conduzida pelas “técnicas de si”, e a verdade que busca se extrair do indivíduo é operada pelo caminho para a prosperidade perpassada pelo investimento em si mesmo.

⁸ Nas técnicas de si são os próprios sujeitos que praticam sobre seus próprios corpos operações para adequá-lo à norma estabelecida, controlando pensamentos, condutas e sentimentos, e transformando a si mesmo de acordo com o tipo de ser humano valorizado no contexto em que se encontra (LÓPEZ-RUIZ, no prelo).

⁹ Para Foucault a genealogia da disciplina está no poder pastoral que a Igreja Católica instituiu nos mosteiros durante o período medieval. Através da avaliação constante promovida por uma economia disciplinar de méritos e deméritos, da submissão a uma obediência pura que busca anular o desejo do indivíduo, e da determinação de construções de verdade sobre si por meio do procedimento das confissões, segundo ele: “(...) o pastado preludia a governamentalidade. E preludia também a governamentalidade pela constituição tão específica de um sujeito, de um sujeito cujos méritos são identificados de maneira analítica, de um sujeito que é sujeitado em redes contínuas de obediência, de um sujeito que é subjetivado pela extração de verdade que lhe é imposta (FOUCAULT, 2008b, p. 243).

O fiel Wilson¹⁰, de 25 anos, que é obreiro na unidade da IURD localizada no centro de Uberlândia, e pretende ser pastor, diz existir uma espécie de manual para a prosperidade, e que a Universal influencia os fiéis a se motivar e a confiar em Deus de uma forma diferente, que seria simples e efetiva. Ressalta as três principais premissas necessárias: 1) obediência: “Obedecer aos mandamentos de Deus, e não viver nas coisas do mundo”; 2) fidelidade: “o dízimo é a fidelidade com Deus. É a primeira coisa que ele pede”; e 3) persistência: “Tem muita gente que vem, consegue o que quer; por exemplo, fica curado, e depois não volta. Só que se você não firmar ali, pode ficar doente de novo”. É a partir do cumprimento dessas recomendações que a IURD capitaliza o fiel – ou fideliza o cliente.

(...) não é uma fé emotiva, é uma fé racional, não é pelo coração, é pela mente. O bispo Macedo não criou uma instituição religiosa, criou uma escola da fé. Todos chegam aqui com uma insegurança e saem com a certeza de que tem como superar. A igreja Universal não é uma fé acomodada, nunca está bom, sempre queremos mais (ENTREVISTADO ROBSON).

A narrativa acima pertence a Robson, que frequenta a unidade central da IURD, um jovem de 27 anos, que veio de uma “família desestruturada” do Belém do Pará. Segundo o entrevistado, sua mãe teve cinco filhos, mas nunca foi feliz na vida sentimental, sofreu violência doméstica, e não tinha emprego fixo, de forma que, por vezes, faltava até coisas básicas para sobrevivência. Quem primeiro foi para a IURD de sua família foi sua mãe, e ele acredita que através das “orações dela, pelas campanhas, pela fidelidade dela com Deus, Deus honrava ela de alguma maneira, guardando os filhos dela”. Por isso apesar do contexto de violência vivido por eles, nada grave aconteceu a nenhum dos cinco filhos da Dona Maria.

Robson vive em Uberlândia há 3 anos, é obreiro há 1 ano, e está se preparando para se tornar pastor. Na semana dessa entrevista ele havia perdido o emprego, mas não se mostrava abalado com a situação: “(...) acredito que a nossa vida muda, quando a nossa cabeça muda, penso que logo vou arrumar outro emprego, e que saí do que eu estava (telemarketing) por algum motivo maior, lá tinha muita conversinha, eu não gostava disso, penso que saí pelo meu bem”. Robson diz que o que proporcionaria a mudança em sua vida seria a transformação de si mesmo, o aprendizado, a adaptabilidade. Essas são as qualidades ideais do homem empreendedor, de modo que o

¹⁰ Foram alterados os nomes de todos os (as) entrevistados (as) para preservar a identidade do informante.

mercado transmite uma sensação de liberdade de ação, a ideia é de que todos podem sempre aprender e se ajustar (DARDOT & LAVAL, 2016, p. 145).

O homem empreendedor tem uma especulação aguçada que combina risco e previsão, “seu sucesso ou seu fracasso dependem da exatidão com que prevê acontecimentos incertos” (DARDOT & LAVAL, 2016, p. 146). O crente da Universal também persegue tais qualidades, o fiel que pretende ser bem-sucedido explica: “é você acreditar, que funciona”, “quando você faz sabendo que vai dar certo, dá”. A lógica da doação, exaltada, especialmente, na campanha da Fogueira Santa¹¹, é também perpassada pelo desafio de profetizar realizações sem (aparentemente) garantias, precisa-se acreditar que nada é impossível.

O pastor, através dos desafios, te leva a fazer o que foi feito no passado. Por exemplo: a Fogueira Santa de Abraão. Porque a gente não vai assim, pela fé do pastor, a gente tem um personagem que passou por isso. Para você entender a fogueira santa, você tem que partir da premissa de que Deus existe, e de que ele existiu lá no passado, de que Abraão existiu, e que, tudo isso é verdade. Então quando o pastor faz a fogueira na fé de Abraão, ele te leva à oportunidade de poder fazer o que Abraão fez. Abraão entregou um filho, hoje a gente não vai matar nosso filho, só que a forma como você pode sacrificar é através do financeiro, (...). Então, assim, te leva a viver o que esse povo do passado fez, para o mesmo Deus, que a gente crê que ele existe. Se um dia aconteceu, porque não agora? (ENTREVISTADA MARINA).

O pressuposto do desprendimento e da adaptabilidade exigido dos fiéis aparece também na maneira como a própria Universal lida com os desafios. E assim como o capitalismo é um sistema que se fortalece com a crise¹², pode se dizer o mesmo sobre a IURD. Todos os escândalos relacionados ao Edir Macedo e a Universal, foram, positivamente, reaproveitados pela instituição, que construiu discursos para comprovar perseguições à Igreja e ao seu líder. Em 1995, o Jornal Nacional exibiu, a partir de uma denúncia feita por Carlos Magno, um dissidente da Igreja Universal, um vídeo¹³ em que Edir Macedo ensinava como os pastores deveriam agir para conseguir arrecadar mais doações. Mas na biografia de Edir Macedo, em seu blog¹⁴, tais denúncias não passaram

¹¹ A campanha da Fogueira Santa ocorre duas vezes ao ano, no meio e no final. O objetivo é fazer sacrifícios materiais visando retornos em forma de bênçãos para todas as áreas da vida (financeira, amorosa, espiritual).

¹² Um exemplo de como o capitalismo se fortalece com a crise é o fato de que a crise financeira de 2008, com a falência do banco Lehman Brothers, não provocou, como muitos estudiosos pensavam, um “retorno do Estado”, mas, ao contrário, “longe de provocar o enfraquecimento das políticas neoliberais, a crise conduziu a seu brutal fortalecimento, na forma de planos de austeridade adotados por Estados cada vez mais ativos na promoção da lógica da concorrência dos mercados financeiros (DARDOT & LAVAL, 2016, p. 13-14).

¹³ https://www.youtube.com/watch?v=trASYtD__9M Acesso em 19/09/2016.

¹⁴ <http://blogs.universal.org/bispomacedo/> Acesso em 19/09/2016.

de desafios, que ele teve que atravessar, por ser um homem de Deus. A história de Edir passa a ser inspiração para os fiéis, pois a partir de uma ideia e de sua ação, ele transformou a própria vida e a de muitas pessoas. Por isso interpretam que a Globo tentou difamar a imagem do líder da Igreja com receio de seu tamanho crescimento.

Edir Macedo comprou a Rede Record de Televisão em 1989, e segundo seu relato¹⁵ em entrevista transmitida no programa Repórter Record, ele diz que a mídia, principalmente a Globo, não suportou ver a emissora se fortalecer, e os seus templos multiplicarem, e por isso, teriam medo de perder legitimidade e a posição de líder em audiência. E seria esse o motivo das “ofensas” feitas a ele por meio dessa rede de televisão. Essa ideia é bem difundida entre os membros da IURD; durante o trabalho de campo, ouvi várias vezes comentários sobre a perseguição que a Universal sofre por parte da Globo. Tive dificuldades, inclusive, em obter o consentimento para a realização de entrevistas, pois havia sempre uma suspeita, um receio de que o que eles dissessem poderia se voltar contra a Igreja, uma vez que para muitos dos adeptos esse é o procedimento regular da mídia em relação à Universal.

A Igreja Universal não vê problema em mudar, ela se adequa, e se reajusta, o quanto precisar, para alcançar – capturar – cada vez mais pessoas, é esse o seu compromisso. E ao contrário de outras denominações evangélicas¹⁶ ela se acomoda ao mundo¹⁷, e deixa para trás vários traços sectários, hábitos ascéticos e outros estereótipos pelos quais os “crentes” eram reconhecidos, aumentando a possibilidade de mais pessoas poderem participar, não havendo uma doutrina rígida a ser seguida. A fiel Marina, de 23 anos, estudante de direito, que frequenta a unidade da Universal localizada no centro, ressaltou os motivos de gostar da igreja, e uma das razões seria essa, em suas palavras:

(...) esses negócios de doutrina, do padrão de se vestir, um padrão de cabelo, um padrão de maquiagem, aqui a gente não tem. E eu acho interessante. Porque o pastor ele te instiga a realmente ignorar essa lei e buscar um Espírito vivo (...). Então eles não te engessam num padrão, eles te dão uma liberdade para você levar a sua vida. Você já assistiu reuniões aqui? É totalmente diferente, tem gente que as vezes vem com um vestido, e tem gente que está com um shortinho (...) (ENTREVISTADA MARINA).

¹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=vjmQl9M1Kms> Acesso em 19/09/16.

¹⁶ Como a *Congregação Cristã (1910)*, a *Assembleia de Deus (1911)*, a *Igreja do Evangélico Quadrangular (1951)*, entre outras.

¹⁷ A ética protestante analisada por Weber (2004), era o oposto, pois se tratava de uma religião de negação do mundo, as recompensas viriam pós morte, se a “graça” lhe fosse dirigida.

A mesma entrevistada chamou a atenção para outra característica da IURD, que é a comunicação entre todas as unidades da Igreja. Depois que o Templo do Salomão se tornou a sede principal desde a sua inauguração em 2014, ele se tornou o centro irradiador da Igreja, o que aparece na promoção regular de excursões para visita-lo, na transmissão ao vivo de algumas reuniões, e no seu papel de fornecer as recomendações gerais para cada filial, ordenada por uma estrutura de poder piramidal e hierárquica (ALMEIDA, 2009, p. 14).

A igreja consegue fazer, às vezes, o que muitas empresas não conseguem, que é padronizar muito, no sentido das pregações. Uma direção que sai lá de São Paulo, ela chega no Brasil todo. Em qualquer lugar que você for, se a gente está vivendo uma fé aqui, você vai lá no Amazonas o pessoal está vivendo a mesma fé. A gente vê isso até pelo facebook, as campanhas. Então assim, cria uma identidade, você tem algo em comum com a pessoa. A gente fala: “você tem essa fé em comum”. Então você acaba tendo afinidades com ela. Eu vim pra cá, eu não conhecia ninguém aqui, não tinha família, não tinha uma amiga aqui em Uberlândia, e assim, a maioria dos meus amigos são aqui da Igreja (ENTREVISTADA MARINA).

Até pouco tempo a Universal não tinha preocupação em formar uma congregação de fiéis, as relações entre os fiéis eram relativamente impessoais, o vínculo forte estava, basicamente, entre a multidão e o pregador, e não entre os membros que compartilhavam da mesma fé (ALMEIDA, 2009). Mas isso mudou e várias estratégias foram usadas, entre elas: a unificação das companhias e pregações em todas as Universais do Brasil, a criação de novos grupos (*Godllywood* e *Intellimen*), o fortalecimento dos já existentes (Força Jovem e Calebe), e também passou a se propor, cada vez mais, atividades para além do culto, como aulas de inglês¹⁸, jogo de futebol, zumba, teatro, dança, além da promoção do engajamento ativo nas redes sociais.

O objetivo é criar uma relação de proximidade entre os crentes. Como aponta Weber (2006), essa é uma tendência das religiões formadas a partir de uma nova revelação profética e/ou uma reelaboração da mensagem originária. Em seu ensaio *Consideração intermediária*, ressalta que o surgimento de novas profecias e/ou a ressignificação de profecias existentes ocasionaria a ruptura com o clã natural, dissociando laços familiares (irmãos de sangue) e contribuindo para a formação de uma congregação de fiéis (irmãos de fé).

¹⁸ As aulas de inglês acontecem toda segunda-feira de 19h às 20h, na unidade da Universal localizada no centro de Uberlândia. Quem ministra as aulas é a fiel Marina, que foi entrevistada neste trabalho. Ela oferece voluntariamente as aulas, e quem quiser participar precisa apenas pagar 10 reais pelo material.

Mas na Universal isso só ocorreu com afinco agora. A ruptura com o passado, que implica a adesão a um novo modo de vida e a criação de novos vínculos entre os adeptos, ocorre hoje na Universal de forma paralela à promoção de uma fé que é fundamentalmente individualizante. A direção individualizante aparece tanto na relação com Deus, pois recorre-se ao divino pretendendo alcançar a prosperidade para sua própria vida individual, quanto na destituição das identidades anteriores, pois quando se é membro da igreja, o indivíduo torna-se “a Universal”¹⁹, deixando outras formas de representação para trás. Nesse sentido a IURD promove uma fé individualizante, mas que, ao mesmo tempo, estabelece vínculos por meio de redes (e não comunidades)²⁰. A partir das análises de Pierucci (2006), temos que desde a “segunda metade do século XX o padrão que se desenhou foi o de religiões perdendo a função de preservar a identidades étnicas para se tornarem universalistas em sua missão salvífica” (2006, p. 117).

No entanto, “a religião universal de salvação individual” (2006, p. 117), tal como o neopentecostalismo, embora tenha seu lado solvente, que coage o indivíduo a abandonar antigos pertencimentos identitários, apenas consegue dissolver o que não se encontra mais tão sólido na vida do sujeito. Os indivíduos propensos a conversão se encontram, na maioria das vezes, em situações de crises e abalos pessoais, cronicamente desacomodados, com laços comunitários frágeis. E por isso a desconstrução do “antigo eu” se torna propício, pois se trata de contextos em que há vulnerabilidades, e os indivíduos se encontram na busca por nova ordenação do mundo (CÔRTEZ, 2012).

E essa nova direção do mundo oferecida pela religião neopentecostal, ao mesmo tempo em que provoca a ruptura do sujeito com as suas heranças étnicas e religiosas, aproveita elementos dessas outras crenças para compor os seus cultos. Muitas vezes seus ritos possuem pontos de semelhança com as religiões afro-brasileiras. Sobre isso, Ronaldo de Almeida (2009) cunhou o conceito de “fagocitose religiosa”, que consiste na estratégia da Igreja Universal do Reino de Deus em incorporar elementos de religião

¹⁹ Ser “a Universal” é uma campanha publicitária proposta pela IURD para transmitir aos não convertidos como é ser membro da denominação. A campanha é composta de depoimentos de fiéis da Igreja que mostram como são bem-sucedidos em sua vida pessoal e em sua atuação. É interessante observar que há menção à Deus, a transformação depende da força de vontade do próprio sujeito.

²⁰ A diferença de rede e comunidade, segundo Bauman em entrevista em 2011 (<https://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A>), é que a comunidade precede o indivíduo, enquanto o que caracteriza a rede é que ela é feita e mantida viva através de duas funções: conectar e desconectar. E o autor ressalta que o atrativo está na facilidade em se desconectar caso seja essa a vontade do sujeito.

concorrente em seus próprios cultos. Em entrevista realizada com o pastor Matias, que já passou por sete cidades à serviço da Universal, ele afirmou que a terça-feira é o dia em que a Universal recebe mais pessoas, quando o culto é destinado a cura e toda a prática ritualística é uma “incorporação reelaborada” das sessões de “descarrego” que existem no Candomblé.

E o instigante é que nas histórias de vida dos entrevistados, a maioria possui o passado marcado por experiências associadas as religiões mediúnicas (Candomblé, Umbanda, Espiritismo), que, segundo eles, trouxeram infortúnios, que só foram resolvidos ao aderirem à IURD. Contudo, a despeito das incorporações simbólicas fomentadas pela Igreja, os próprios fiéis não conseguem reconhecer a similitude entre os rituais. O entrevistado André diz ter sido amaldiçoado a partir do consumo de balas em um “centro de macumba” que o tio frequentava, e que só conseguiu se libertar através de um trabalho infantil que tem na Igreja, o EBI (Escola bíblica infantil), onde consumia alimentos que eram consagrados a Deus. “No centro era amaldiçoado, aqui era abençoado” (ENTREVISTADO ANDRÉ).

A habilidade plástica da Universal em “fagocitar” elementos de outras religiões talvez seja o indício de que ela é, de fato, uma igreja-emprego que opera segundo as estratégias flexíveis do neoliberalismo, o que inclui a adoção de certas táticas propriamente neoliberais, como a teoria – e, em certo sentido, a tecnologia – do capital humano. A teoria do capital humano foi elaborada no campo econômico. Autores como Theodore W. Schultz, Gary Becker, entre outros, na Conferência Exploratória sobre Investimentos de Capital em Seres Humanos, em 1961, nos Estados Unidos, deram início as discussões do homem como meio e produto de investimentos²¹. O conceito surgiu para explicar parte da articulação do sistema econômico, mas, ao mesmo tempo, explicou a dinâmica social atual, em que o neoliberalismo se transformou em um sistema normativo, formando um *ethos* empreendedor, necessário para “se dar bem na vida”. Na perspectiva de autores (LÓPEZ-RUIZ, 2007; FOUCAULT, 2008; DARDOT, LAVAL, 2016), consiste em uma governamentalidade que condiciona a conduta dos indivíduos.

As conexões entre neoliberalismo e neopentecostalismo pode ser observada em vários aspectos: 1) na capacidade que este tem em otimizar as diferenças, ao incorporar

²¹ São investimentos humanos todos os que pretendem ampliar os serviços produtivos, a capacidade do indivíduo enquanto produtor – “maior capacitação de seus conhecimentos, habilidades e destrezas. De forma que os investimentos feitos nessas capacidades elevam suas perspectivas de renda” (LÓPEZ-RUIZ, 2007, p. 200).

elementos de outras religiões e culturas; 2) a constante readaptação; 3) o funcionamento como empresa (há uma matriz que passa diretrizes para as filiais); 4) e para compor o capital humano, exige-se do fiel o mesmo que o novo “espírito” neoliberal demanda, que o indivíduo seja cada vez mais desprendido, corajoso e audacioso.

No tópico seguinte, apresentamos a análise de como os grupos (*Godlywood*, *Intellimen*, Força Jovem e Calebe) têm funções estratégicas na IURD, pois classifica os fiéis e estabelece, por meio de desafios, uma determinada formatação da identidade a partir de um investimento constante no capital humano. Buscando, desse modo, identificar mais afinidades entre a governamentalidade neoliberal e a fé universal, tratarei individualmente de cada um dos grupos. Destacando suas separações internas, seu funcionamento, o discurso de verdade reafirmado por cada um deles, a norma criada para condução do sujeito, e os motivos e intenções que movem sua existência.

1.2. As redes criadas através dos Grupos e a incorporação do “espírito” empreendedor

Boltanski e Chiapello (2009) analisaram o modelo de gestão do “novo espírito do capitalismo”, que para um bom funcionamento deve seguir quatro padrões: 1) empresas enxutas que possam funcionar em redes; 2) organização do trabalho em equipes ou por projetos, se baseando no regime de urgência; 3) satisfação do cliente; e 4) mobilização por líderes, que deve inspirar as pessoas, sem estabelecer ordens. Este estudo revelou a emergência de um novo “espírito”²² para guiar o capitalismo, que prevê a expansão da acumulação capitalista através da flexibilidade das funções e da adaptabilidade dos trabalhadores.

A IURD, em suas práticas, segue os mesmos preceitos. Edir Macedo, o proprietário, conseguiu gerir uma religião com êxito nos regimes flexíveis. Por meio de

²² O primeiro espírito do capitalismo surgiu antes dos anos 1930. Era representado pelos grandes barões da indústria, e ainda havia uma relação com a vida doméstica. O segundo, surgiu como crítica ao primeiro, e propôs uma especialização dos empresários, uma separação do mundo do trabalho com o mundo doméstico. Consolidou-se no pós-guerra (1930-1970) a partir da expansão do sistema taylorista e fordista. Já o terceiro espírito do capitalismo, que se desenvolveu a partir dos anos 1970, ocorreu a partir de uma onda de críticas feitas basicamente por dois extratos da sociedade: trabalhadores industriais e executivos de elevado capital cultural. Os trabalhadores criticavam o sistema capitalista, visto como fonte de opressão e desigualdade; e os executivos reclamavam dos estilos de vida que lhe eram acarretados ao assumir carreiras excessivamente rígidas nas empresas. A resposta capitalista às críticas não atendeu as duas demandas, mas generalizou a crítica dos empresários por toda a sociedade, convertendo-a em ideologia da flexibilidade e da adaptabilidade a projetos efêmeros, e foi assim que o capitalismo alcançou seu novo espírito.

um corpo administrativo e uma rede de colaboradores (bispos, pastores, obreiros e fiéis) organiza o “trabalho” por equipes e projetos, ou seja, a função de separar os fiéis em grupos (como *Godllywood*, *Intellimen*, Força Jovem Universal, Calebe) foi planejada a partir de um objetivo específico. Pretende-se, desse modo, aumentar o engajamento de seus “colaboradores”, e fazer deles uma via de propagação dos preceitos da Igreja, seja via rede-social e/ou em sua ação cotidiana, e assim, consequentemente, amplia as tecnologias de controle da Igreja, pois ao determinar uma tarefa, como veremos, pode acompanhar, a partir dos registros feitos pelos próprios fiéis, se de fato a recomendação está sendo seguida e, principalmente, se está tendo eficácia. A Universal se adapta a contextos culturais específicos como estratégia para se fixar e crescer no campo religioso e político.

A Igreja institui uma identidade, uma forma de ser “a Universal”: trata-se de um termo usado pela própria Igreja e veículo de propaganda nos meios de comunicação que começou a ser transmitida na Rede Record em 2013. Por meio da nova identidade, a IURD pretende produzir indivíduos “ajustados” conforme a lógica neoliberal, e por regimes disciplinares baseados nos preceitos bíblicos, tais como a obediência, a fidelidade e a persistência. Incorpora em seus discursos e no modo de gerir a Igreja ideais neoliberais, concebendo valores da economia para a religião, de modo a transformar a relação com Deus e a própria Igreja em um negócio, capitalizando a fé, compreendida pelos fiéis como um investimento necessário para “chamar a atenção de Deus” e conseguir receber um retorno.

Desse modo, destaco que a relação entre Deus e o fiel se dá por meio do investimento no capital humano. No caso do neopentecostalismo, é investir no comportamento pronto para assumir riscos, se igualando ao apostador em bolsa de valores, mas ao invés de “ter fé” no poder de lucro de determinada empresa, acredita no poder soberano de Deus, investe-se na fé buscando alcançar e multiplicar bênçãos.

Constata-se que a IURD mescla duas tecnologias de poder: o disciplinar, ao estabelecer uma norma de comportamento e ideais regulatórios baseados na bíblia; e neoliberal no sentido de instaurar a percepção de que a relação entre Deus e o fiel é explicada pela lógica econômica, pois a doação, também chamada de “desafio”, é entendida como investimento, necessário para participar desse “jogo”, caso contrário pode ser aniquilado pelo corte que seleciona apenas os “vitoriosos”. Na IURD a separação é entre os que fazem uma aliança com Deus e os que não, pois é a partir do investimento na fé que se terá retorno em formas de benção. É a ideia de compor o

próprio capital humano que está em jogo, se infiltrando até na relação entre o homem e Deus.

Nos grupos *Godllywood*, *Intellimen* e Força Jovem, ao contrário do que normalmente acontece nos cultos regulares da Universal, principalmente no rito do Congresso Empresarial realizado na segunda-feira, passa-se a demandar que os fiéis ofertem não só dinheiro, mas, de forma inusitada, ofertem também “tarefas”, incitando-os a compartilhar, a partir das redes sociais, os preceitos da Igreja. Dessa forma os fiéis passam a ter também uma função, que é propagar a doutrina da IURD, “trabalham”, de forma voluntária, difundindo os ideais da Igreja.

Além disso, a lógica usada se baseia, também, em um preceito neoliberal, pois no funcionamento interno dos grupos há a separação por projetos, ou campanhas, de média e curta duração. E é determinado que se realize as tarefas em grupo ou, pelo menos, em dupla, incentivando a construção de redes na realização constante de projetos. Assim como o ideal de funcionamento de uma empresa neoliberal, ao se engajar em algum dos grupos da IURD, “o que importa é desenvolver atividades, ou seja, nunca estar sem projetos, sem ideias, ter sempre algo em vista, em preparação, com outras pessoas cujo o encontro foi ensejado pela vontade de fazer alguma coisa” (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009, p. 142).

Nos próximos tópicos há uma análise mais detalhada de cada um dos grupos, iniciando pelo maior deles, em quantidade de participantes e em visibilidade: o *Godllywood*, grupo exclusivamente de mulheres. Seguido do *Intellimen*, que surgiu paralelamente ao *Godllywood* e segue a mesma estrutura, mas com o discurso interessado aos homens. Depois apresento o Força Jovem Universal (FJU), que é o mais antigo dos grupos, mas que foi, recentemente, remodelado, criando equipes – “tribos de Israel” – para um maior envolvimento e eficiência. E por último, o Calebe, grupo destinado a terceira idade, que propõe atividades manuais e palestras motivacionais, mas sempre com o intuito de aumentar a arrecadação, e formatar a identidade do fiel através da inculcação de um *ethos* empreendedor.

1.2.1. *Godllywood*

Antes de apresentar as características do grupo dedicado as mulheres na IURD, é importante compreender como historicamente se organizou o sistema de gênero no pentecostalismo, os processos de reconfiguração das subjetividades femininas e

masculinas, já que o gênero é um conceito relacional. Sobre esse tema há os estudos de Maria das Dores Campos Machado (2005), que analisou as representação e relações de gênero nos grupos pentecostais.

(...) as principais características identificadas pelos estudiosos desses grupos até meados dos anos 1980 estavam: a rigidez moral, o apoliticismo, a opressão feminina e o apartamento da cultura brasileira, expresso, entre outras coisas, na severa condenação ao futebol e ao carnaval (MACHADO, 2005, p. 388).

Dos anos 1980 para cá, as coisas mudaram. A autora ressalta a transformação nesse campo religioso nos últimos 15 anos, destacando o fortalecimento da autoestima que abriu oportunidades para as mulheres realizarem atividades extra domésticas, provocando a individualização feminina, individualização que é também incentivada em todos os outros grupos (*Intellimen*, FJU, Calebe). Deve-se aprender “a ver a si mesmos como seres autônomos que são igualmente responsáveis por seu sucesso e destino” (MACHADO, 2005, p. 389).

Outra questão importante é que a maior parte dos fiéis evangélicos são femininos. Somam 56%, superando em 5 pontos percentuais à representação feminina na população brasileira que é de 51% (MACHADO, 2005, p. 387). Entre os evangélicos neopentecostais a desproporção é ainda maior. Mesmo representando a maioria, a atuação feminina não é reconhecida de forma legítima, como mostra Maria das Dores C. Machado (2005):

A Universal, embora seja a igreja evangélica com maior porcentagem de mulheres em suas fileiras – 62% –, apresenta um grande número de “obreiras” e pouquíssimas pastoras em seus quadros, fato que sugere resistências internas ao processo de revisão das relações desiguais de gênero. Curiosamente, desde os anos 1990, os líderes dessa igreja vêm apoiando candidaturas femininas nas disputas pelo poder legislativo em vários estados e municípios brasileiros (MACHADO, 2005, p. 392).

No entanto, o número de mulheres na política não é expressivo, a preferência continua sendo por homens, e são eles que controlam a escolha da possível representante e como deverá ser sua atuação política. Como está expresso no quadro abaixo, extraído do site oficial do PRB²³ (Partido Republicano do Brasil), que traz os

²³ É o partido que articula de forma mais expressiva os interesses da Universal na política. O PRB antigo, PMR (Partido Municipalista Renovador), foi criado em agosto de 2005. José Alencar, na época vice-presidente e ministro da defesa, se filiou nesse mesmo ano, juntamente com o então Senador Marcelo Crivella. Em 2016, nas últimas eleições municipais, Crivella, que é sobrinho do Bispo Edir Macedo, e

dados acerca das eleições municipais de 2016, observe que o número de mulheres eleitas de 2008 a 2016, para os cargos de prefeitas e vereadoras, cresceram em números, mas não em proporção em relação aos homens, nessa questão ocupam um lugar bastante inferior.

Eleições Municipais 2016 (Fonte: TSE Jan/2017)

Prefeitos – 106

Vereadores – 1.619

Cargo	Eleição 2008	Eleição 2012	Eleição 2016	GERAL 2008	GERAL 2012	GERAL 2016
PREFEITO	46 homens 8 mulheres	67 homens 11 mulheres	93 homens 11 mulheres	54	78	104
VEREADOR	681 homens 99 mulheres	1.061 homens 143 mulheres	1.390 homens 230 mulheres	780	1.204	1.620

***Filiados – 389.216 (FEV/2017)**

Atualizada em: Fev/2017

Título: Eleitos em 2016 pelo PRB

Fonte: Site PRB (<http://www.prb10.org.br/historia-do-prb/>. Acesso em 20/03/2017)

Desse modo, conclui-se que há um estímulo por parte da Universal para que a mulher ocupe lugares para além do espaço doméstico, mas, no entanto, não significa uma maior autonomia feminina. Pois, como veremos a seguir, há a criação de um novo enquadramento da mulher e do homem, uma nova formatação identitária que é arbitrária e conveniente. O nome do grupo foi escolhido em oposição ao modelo de vida glamorizada por *Hollywood*, que segundo a IURD desvaloriza a mulher:

O *Godllywood* nasceu de uma revolta sobre os valores errados que a nossa sociedade tem adquirido através de Hollywood. Nesse trabalho, nosso principal objetivo é levar as mulheres a se tornarem referência de mãe, filha, esposa, amiga e profissional. Elas desenvolvem laços e princípios que têm se perdido nos últimos anos²⁴.

licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus se tornou prefeito do Rio de Janeiro, a segunda maior cidade em população do Brasil.

²⁴ Trecho retirado do site: <http://www.godllywood.com/br/rush/inscricoes-godllywood-2015/> Acesso em 20/06/2016

A finalidade principal do *Godllywood* é indicar o rumo para um estilo de vida diferente, que tem a sua validade por ser um modelo de mulher idealizado por Deus. Nos ensinamentos, é essencial que o corpo se adeque, há sempre recomendações de como a mulher deve se portar, estar atenta a suas palavras, atitudes e vestimentas. É a partir da execução dessas normas que a feminilidade existente em cada mulher despertará (TEIXEIRA, 2014).

O grupo *Godllywood* tem a missão de “resgatar valores que eles julgavam esquecidos na sociedade atual”, pois em suas práticas o que se faz é fortalecer certas normas binárias de gênero, definindo claramente o “papel” da mulher e do homem. Pretende-se assim formar “mulheres de Deus exemplares”²⁵, ou seja, busca prescrever como as mulheres devem ser (como se vestir, como falar, como se comportar, como trabalhar) para supostamente agradar a Deus.

O grupo foi criado por Cristiane Cardoso, filha do bispo Edir Macedo, que além do *Godllywood*, é idealizadora de outros dois projetos: *Reabe*, destinados as mulheres que sofreram algum tipo de violência, e *T-amar* que busca apoiar mulheres, principalmente jovens, que criam seus filhos sozinhas, também designadas como “mães solteiras” no discurso social. Cristiane apresenta o programa *The Love School*, transmitido pela Record, ao lado do marido Renato Cardoso. Com ele também escreveu alguns livros de autoajuda, que tratam da relação a dois, oferecendo palestras e cursos para “blindar o casamento”. É ela também a responsável por ministrar as reuniões mensais do *Godllywood*, destinada exclusivamente às mulheres, que ocorrem no Templo de Salomão e são transmitidos para todas as IURDs do Brasil.

O *Godllywood* surgiu em 2010 e foi primeiramente apenas um grupo fechado destinado às fiéis da IURD. Para participar, é necessário já ser ativa em algum grupo da igreja (Evangelização, Força Jovem, Obreiros, Calebe). Esse grupo é chamado pelas mulheres que participam de “secreto”. Para entrar nesse grupo é preciso fazer um curso durante seis meses, chamado *rush*. Quando conseguem se “formar” (entrar no grupo), elas são separadas de acordo com a sua faixa etária e seu estado civil²⁶, e recebem

²⁵ Informação obtida através do site: <http://www.godllywood.com/br/missao/>. Acesso em 20/03/2017.

²⁶ Há o *Godllywood Girls* para meninas de 6 a 14 anos, que é dividido em dois grupos: Lindas (6-10 anos) e Queridas (11-14 anos). O grupo fechado do *Godllywood* é composto por *Pledges*, *Sisters*, e *Big Sister*. *Pedges* são as mulheres que já foram aprovadas na fase de seleção (*rush*), elas podem fazer parte do grupo Dócil (15 a 19 anos), Graciosas (20 a 24 anos), Rute (Solteiras de 25 a 49 anos), Ester (Casadas até 49 anos) ou Ana (acima de 50 anos – sendo solteira ou casada). Há também o grupo Rebeca (namoradas

tarefas que devem ser realizadas semanalmente. Mensalmente o grupo se reúne para o “momento *godllywood*”, quando recebem orientações de uma *sister*, e/ou *big sister*, de como melhor aplicar o que aprenderam com as tarefas e se tornarem uma mulher V – virtuosa. E há também anualmente uma confraternização, um passeio com todas as mulheres que pertencem ao grupo fechado (ANEXO A).

Em 2016 o projeto teve uma ampliação e uma maior visibilidade, e foi criado outro grupo, o *Godllywood* autoajuda, que destina-se a todas as mulheres que pretendem ser “melhor para Deus”, sendo membro ou não da Universal (ANEXO B). Embora, para fazer parte, a mulher precise ter três iniciativas: 1) realizar a tarefa como oferta que a Cristiane Cardoso publica semanalmente em seu blog²⁷; 2) convidar outra mulher para compartilhar os desafios, são chamadas de “amiga-irmã”²⁸, e 3) frequentar as reuniões mensais que ocorrem no Templo de Salomão. Fica claro que as iniciativas requisitadas estão diretamente relacionadas à Igreja, ao objetivo de aumentar os meios de sua divulgação, de difundir seu discurso e, por consequência, criar uma relação estreita com a instituição, pois vinculam em atividades produzidas pela mesma.

O objetivo de ambos os grupos é difundir um certo modelo de identidade feminina, o da mulher V – virtuosa. Em suas características está a predisposição para os serviços domésticos, a obrigação de cuidar da família e organizar o lar. Tais instruções estão no livro *Mulher V: Moderna à moda antiga* (2013) de Cristiane Cardoso, no qual apresenta-se os atributos de construção da identidade do que seria a “mulher ideal”. A autora usa de sua própria imagem (empreendedora, casada, feliz e bem-sucedida) para propagar seus ensinamentos e sua linha de produtos. Além de reiterar convicções e crenças próprias da IURD, como por exemplo, quando ela cita as ações necessárias para se tornar uma mulher responsável, diz que é essencial que você doe. Em suas palavras: “Dar — ninguém pode dar por você. Se você está esperando receber antes de dar, é

de pastor) e Débora (esposas de pastor). As *Sister* são membros do grupo que cuidam das demais, esse trabalho costuma ser feito por mulheres que são esposa de pastor, a *Sister* é quem recebe as tarefas como ofertas e indica tarefas pessoais a cada uma das integrantes do grupo fechado. E *Big Sister* é a *Sister* que coordena o grupo. Informações obtidas pelo site: <http://www.godllywood.com/br/grupos-2/> Acesso em 20/03/2017.

²⁷ Endereço do blog: <http://blogs.universal.org/cristianecardoso>.

²⁸Alguma outra mulher que também queira participar do grupo, para compartilhar as experiências. Com o objetivo de que a mulher convide cada vez mais mulheres para participar, pois recomenda-se arrumar novas amigas-irmãs de tempos em tempos.

melhor se deitar no caixão e esperar que a enterrem” (CARDOSO, 2013, p. 30). Demonstra aqui uma ligação com a teologia²⁹ seguida e aplicada pela Igreja.

A construção binária do gênero, construída a partir da sexualidade, entre feminino e masculino, está imbricada na representação de nossa identidade. As relações de gênero são, portanto, relações de poder, tanto no sentido weberiano, sendo a possibilidade de impor uma vontade própria sobre um grupo, independente da aprovação de todos os indivíduos, tanto no sentido foucaultiano definido como uma rede de relações desiguais discursivamente construídas em campos sociais de forças (FOUCAULT, 1979).

Dessa forma, a IURD constrói discursos de verdade, e produz uma certa formatação identitária que é oportuna, pois admite a modernização da sociedade, de modo que as mulheres podem, hoje, ocupar espaços para além do ambiente doméstico, mas, ao mesmo tempo, defende que é dever e tarefa da mulher, também, ser o centro de sua família para mantê-la em ordem, de forma que as relações binárias de gênero continuem muito bem estabelecidas, reafirmando qual seria a representação correta do feminino. Conforme ressalta o bispo Macedo sobre a criação do grupo *Godllywood*:

Na igreja existem diversos ministérios, diversas tarefas, como no corpo humano, mas Jesus é o cabeça. No corpo humano cada pedacinho é importante, assim também é na Igreja Universal do Reino de Deus. Mas tudo dentro de uma disciplina, tudo dentro de uma direção. Quem é o cabeça? É o bispo Macedo? Não, é Jesus. É o Espírito Santo que dá poder da pessoa falar as coisas certas para as pessoas certas. O Espírito Santo espera, tão somente, que vocês mulheres veem ocupar o espaço de vocês e não tentar ocupar o espaço dos homens. (...) *Godllywood* um trabalho de mulher para mulher: há coisas que homens não tem acesso por serem homens. Ninguém alcança uma mulher se não a própria mulher, as *Sisters* fazem o que o pastor não é capaz de fazer.³⁰

Desse modo, pretende-se pensar os papéis e identidades criados nesse discurso da IURD, determinados pelo binarismo de gênero, como resultados de práticas culturais, que “fabricam” sujeitos através de diversos processos de objetivação e subjetivação a partir de discursos, que reiteram uma norma, para disciplinarizar, enquadrar, normatizar o indivíduo (FOUCAULT, 1987, 1988, 1996). O *Godllywood* busca naturalizar e universalizar qual é o lugar da mulher na sociedade, seus deveres e

²⁹Promete uma vida de abundância material através da negociação com Deus, para receber bênçãos o fiel precisa doar.

³⁰Trecho retirado do vídeo em que o bispo Macedo apresenta o *Godllywood*, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=ePN2j7vcJKY> Acesso em 20/06/2016.

direitos. “As tarefas do grupo não são um fardo, na verdade, são comportamentos e atitudes que a mulher já deveria ter e fazer no seu dia a dia”³¹.

As “tarefas como oferta” semanais são pré-determinadas por Cristiane Cardoso em seu blog oficial. São variados os afazeres, por exemplo: como as mulheres devem cuidar da alimentação para manterem um corpo dentro dos padrões de beleza, como devem se vestir com feminilidade sem parecer vulgar; como cuidar do lar e da família, saber controlar as finanças. Além de realizar as tarefas no espaço doméstico, incentiva-se a divulgação dos resultados nas redes sociais (facebook, twitter, instagram), apresentando o cumprimento do desafio das “tarefas com ofertas”, que funcionam do mesmo modo que a oferta em dinheiro, ou seja, as bênçãos virão a partir da ação do fiel, mas uma não substitui a outra. A ideia de ofertar também tarefas tem a função de difundir “esse modo de ser”, onde a mulher deve estar no centro da vida familiar.

Tereza de Lauretis (1994) nomeia esses processos de reiteração da lógica binária feminina/masculina de “tecnologia sexual”. O gênero seria uma representação – “o que não significa que não tenha implicações concretas ou reais, tanto sociais quanto subjetivas, na vida material das pessoas” (LAURETIS, 1994, p. 209) – que é internalizada por cada indivíduo, visto a partir daí como uma auto-representação, como se partisse da sua própria vontade ser como se é. Mas segundo a autora, a materialidade do gênero nos corpos é produto de diferentes tecnologias sociais, como os discursos e práticas culturais que institucionalizam tais categorias.

O *Godllywood*, ademais, pretende realizar essa reiteração da norma, que busca materializar nos corpos o modo ditado pelo grupo como a “forma feminina” deve ser. Como mostra o testemunho de uma participante:

Eu era masculina, me vestia com roupas largas, usava boné o tempo todo e queria a todo tempo “competir”, mostrar que “eu era melhor”... e quantas não foram as vezes em que dizia: “Está para nascer um homem que faça alguma coisa que eu não faça melhor! ” Hoje vejo o quão inoportuno e egoísta era esse sentimento. Hoje sou feliz! Feliz em ser mulher.... Não quero, nem vou competir com homem algum. Sei o meu lugar e amo estar nele!³²

O grupo *Godllywood* atua de forma disciplinar. Na contemporaneidade, as redes sociais equivalem a uma espécie de panóptico. E, nesse meio virtual os indivíduos constroem bancos de dados a partir do registro de informações de seu cotidiano, de

³¹ Trecho retirado do blog: <http://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/6-fatores-sobre-godllywood/>. Acesso em: 20/06/2016

³² Trecho retirado do site: <http://www.godllywood.com/br/godllywood-uma-palhacada/>

modo espontâneo. O objetivo ao compartilhar é ser notado. A ideia de ser controlado por um poder não está em pauta, já que se exige do vigiado o que ele sente prazer em fazer: publicar e seguir as redes sociais.

Desde *Vigiar e punir* (2000), Foucault argumenta sobre a indissociabilidade entre saber e poder, que se realizava através do poder disciplinar. Mediante registros documentais efetuados cotidianamente sobre cada indivíduo, supunha-se que se poderia “corrigir” os irremediavelmente indisciplinados, ou seja, aplicar poder para discipliná-los, manipulando-os. Com o desenvolvimento da tecnologia e da crescente informatização e globalização da sociedade, acentuou-se a posição do conhecimento como privilégio, proporcionando poder e controle para quem acumula informações. A internet foi um meio de comunicação que reconfigurou a sociedade em novos moldes, em que o fluxo de informações e mercadorias tornou-se o maior de toda a história.

Por isso é incentivado que as participantes do *Godllywood* sigam as páginas da Cristiane Cardoso e que compartilhem nas redes as conclusões de suas “tarefas como oferta”, pois as redes sociais são uma tecnologia que se coloca “a favor” do indivíduo, mas ao mesmo tempo acumula saberes e informações pessoais que serão usados posteriormente para “melhor” conduzir os sujeitos com pretensões e interesses específicos, nesse caso, difundir as crenças da IURD e promover a sua variedade de produtos.

O bispo Macedo ressalta no vídeo de apresentação do grupo, que “o reino de Deus é disciplina”³³, ou seja, para se alcançar algo é necessário seguir uma norma. Na reunião do *Godllywood* realizada no dia 9 de abril de 2016, o tema central foi a autodisciplina. Cristiane Cardoso ressaltou que a disciplina é igual aos dez mandamentos, tem a validade de uma lei. Segundo ela, a mulher deve estabelecer prioridades em sua vida, uma delas é a vida amorosa, a constituição de uma família, que deve vir antes de uma escolha profissional. Para isso orientou que cuidem do próprio corpo, da alimentação e das tarefas pessoais, como a organização da casa, seu momento com Deus e etc. Em seu blog, ela diz: “O *Godllywood* não é uma forma de controlar a vida de ninguém. As regras do grupo são para formar nas mulheres uma disciplina em relação a forma de se comportar e de se vestir para Deus – só isso”³⁴.

³³Link: <https://www.youtube.com/watch?v=ePN2j7vcJKY> Acesso em: 20/06/2016

³⁴ Trecho do blog: <http://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/6-fatores-sobre-godllywood/>. Acesso em 20/06/2016.

Nesse aprendizado, o corpo é o principal instrumento a ser educado; logo, é essencial compor um conjunto de aulas com técnicas para modificar a postura, controlar o peso, as roupas e o cuidado de si. A docilidade do corpo é o caminho para se apreender a ser mulher e, assim, garantir que a família prospere. Os sentidos para a produção substancial deste modelo de gênero envolvem, por um lado, a dependência e dedicação a uma relação de conjugalidade heterossexual e, por outro, a autonomia para o desenvolvimento profissional (TEIXEIRA, 2014, p. 239).

O grupo exige que se tenha uma rotina disciplinada e uma dedicação à sua família, com o claro objetivo de manter a ordem heteronormativa em funcionamento, com as representações da mulher e do homem bem definidos, induzindo a compreensão de que tal norma é natural, certa e verdadeira. Do mesmo modo, sustentam a efetividade de sua teologia, afirmando que basta seguir determinado método para alcançar o que se quer, seja se tornar uma Mulher V, se aventurar no mundo dos negócios e/ou apostar no poder de Deus através da lógica da doação para receber retorno.

Cristiane Cardoso propaga o ideal doméstico e familiar da mulher (prioriza isso), mas é ao mesmo tempo uma empreendedora. Será que se de fato dedicasse tanto ao lar sobraria tempo para promover o grupo e gerenciar as redes? É uma das ambiguidades presentes no discurso da Universal: propaga um ideal conservador de mulher, mas quem o promove é uma mulher empreendedora – uma líder carismática insuflada de visão – à maneira dos líderes do “novo espírito do capitalismo”, descritos por Boltanski & Chiapello. O conservadorismo moral se torna um empreendimento, a partir da execução diária de tarefas que funcionam como ofertas.

1.2.3. *Intellimen*

O grupo *Intellimen* é encabeçado por Renato Cardoso, marido de Cristiane, idealizadora do *Godllywood*. Seu objetivo é construir o perfil masculino “moderno”, o projeto pretende “formar homens inteligentes e melhores em tudo”.³⁵ Desde que seja homem, qualquer um pode participar, mas para isso, precisa “se submeter as regras do grupo”, que são divididas em desafios semanais, que deverão ser realizados sequentemente. À maneira de metas-produtividade, criando um acordo de responsabilidade e monitorando prazos e resultados.

³⁵ Informações adquiridas através do site: <http://sites.universal.org/intellimen/manifesto>. Acesso em 28/09/2016.

A apresentação do grupo é feita através de um manifesto, que pretende demonstrar o quanto o mundo passou por transformação, que modificaram, conseqüentemente, as mulheres, e que, por isso, os homens também precisam se adequar. Mas, embora, aceite que a mudança social é um fato, os “papéis” estabelecidos a partir das representações heteronormativas permanecem os mesmos, o homem deve prover e a mulher zelar.

Ser homem antigamente era algo muito simples. Você aprendia duas coisas desde cedo: lutar para se defender e caçar para se alimentar. Quem fazia isso muito bem, se dava muito bem. E levava a garota para casa. Esse era o critério básico quando o pai considerava um rapaz para casar com sua filha. E ela também. Em muitos casos, amor era secundário. Você não ouvia mulheres detalhando uma longa lista de atributos que queriam no futuro marido: “Ele tem que ser carinhoso, bem-humorado, gostar de passear, romântico, atencioso, cheirar bem, amar os animais, me aceitar como eu sou, me pegar no colo quando eu estiver cansada, notar quando eu mudar o meu cabelo, sensível, bom de conversa, amigo, se vestir bem...” Nada disso. “Você pode e está pronto para me proteger com a sua vida? Pode me sustentar tão bem quanto ou melhor que o meu pai? Então ponha um anel aqui...”. Simples assim.³⁶

O nome do projeto dos homens, assim como o das mulheres é, também, uma expressão em inglês, isso porque procura aproximar o fiel de um idioma tido como global, que pauta o mundo dos negócios. *Intellimen* é formado a partir da junção das palavras *intelligent* (inteligentes) e *men* (homens), porque seria esse o objetivo do grupo, e por “soar como um super-herói, que todo homem secretamente aspira ser desde criança”. Na tentativa de familiarizar os membros com o idioma estrangeiro, ensinam a usar corretamente o nome do grupo:

Atenção para uma variante importante do nome. Homens em inglês, no plural, é “Men” — e Homem, no singular, é “Man”. Portanto, quando se referir ao grupo, use sempre IntelliMen. Mas quando for se referir a apenas um membro do grupo, use sempre IntelliMan.³⁷

As condições para participar do grupo requerem disciplina, força de vontade e humildade, pois deve-se comprometer com a realização das tarefas (como ofertas) semanais, comparecer aos eventos oficiais do grupo, “praticar o espírito de compartilhar. Especialmente sendo atuante nas redes sociais e blog do grupo”, ser exemplo de comportamento e caráter, propagar o grupo, ter um “parceiro oficial” para

³⁶ Informações adquiridas através do site: <http://sites.universal.org/intellimen/manifesto>. Acesso em 28/09/2016.

³⁷ Informações adquiridas através do site: <http://sites.universal.org/intellimen/manifesto>. Acesso em 28/09/2016.

participarem juntos do projeto, e ter persistência para cumprir os 52 desafios, já que “desistência não é inteligência”.

A partir de tais requisitos, vemos o quanto há uma construção discursiva que pretende normatizar uma representação ideal de homem. O entrevistado Robson, o mesmo que ressaltou que a fé Universal se trata de uma fé inteligente, racional, é um *intelliman* (como são chamados os integrantes do grupo). Ele afirmou que o grupo o ajudava muito, como por exemplo: “a como ter higiene, não usar três dias a mesma cueca; não deixar a barba crescer, como um mendigo; ajudar nas tarefas de casa”. O grupo interfere em minúcias da vida cotidiana, a Universal não é mais – ou não é apenas mais isso – “pronto-socorro mágico para desesperados” (SOUZA, 2010), como vários autores da sociologia a partir dos anos 1990 a retratou. Há através dos grupos uma condução da conduta que não havia antes. O cuidado com a higiene pessoal tem a ver com a produção do capital humano – cuidados corporais para investimento na máquina-corpo-capital.

A aparência deve se padronizar, pois o “homem de Deus” deve parecer “um homem de Deus”. A performatividade de gênero estabelecido a partir do *Intellimen* deposita no homem a responsabilidade em sustentar a família, “um dos papéis principais do homem é ser o provedor, de si mesmo, e conseqüentemente da família³⁸”. A masculinidade é constituída a partir de força, liderança, de poder de sustento e da fidelidade à Deus e à sua mulher.

No mundo dos machos, quanto mais fêmeas um macho tem, mais visto como macho ele é, pelos outros machos como ele. Mas no mundo de um homem de verdade, as coisas são muito diferentes, (...) o homem de verdade, é o homem de uma mulher só³⁹.

O primeiro desafio é conhecer o grupo, concordar com o manifesto, escolher algum outro homem para dividir os desafios, e divulgar nas redes o início dessa nova etapa, em que se comprometeu a ser um homem melhor a cada dia. Já o segundo é um pouco mais subjetivo: “Desafio 2: Identificar três coisas que você precisa melhorar sobre si mesmo”. Há aqui a construção de uma verdade, de uma verdade sobre si mesmo, de tal forma que se acredite nela como um princípio de conduta.

³⁸ Informações do site: <http://blogs.universal.org/renatocardoso/blog/2012/04/21/serie-seja-homem-5-videos/>. Acesso em 28/09/2016.

³⁹ Informações obtidas através da série de vídeos “Seja-Homem” de Renato Cardoso: <https://www.youtube.com/watch?v=ZlxQPyjv6Hk>. Acesso em 28/09/2016.

Nesse sentido, é também incentivado por Renato Cardoso que se construa a verdade sobre si, diante dos outros, pois deve-se divulgar nas redes sociais uma foto com a mão em posição de soco (ANEXO C), como uma forma de virilidade. E a cada desafio concretizado “postar como foi sua experiência fazendo esse Desafio, no Facebook ou no Twitter do IntelliMen (não no seu pessoal), com este cabeçalho: Desafio IntelliMen #2 concluído: o que aprendi foi... (termine com suas palavras)”⁴⁰

A construção discursiva do *Intellimen* propõe que o próprio sujeito produza a verdade sobre si mesmo. Embora sugira onde pode estar o ponto fraco, que deve ser melhorado na vida do indivíduo (maus hábitos alimentares, timidez, desvio de caráter, problemas espirituais ou financeiros), transfere para o próprio sujeito a responsabilidade em encontrar seu erro e corrigi-lo, sugere um autogoverno, deve se autovigiar, e certificar da verdade sobre si. Precisa-se conhecer, para, só então, descobrir seus próprios defeitos, e se reinventar, é essa a lógica que o “homem inteligente” deve seguir.

A IURD utiliza nos grupos (*Godllywood*, *Intellimen*, FJU, Calebe) dispositivos de poder denominados por Foucault (1982, 2006, 2014a, 2014b) de tecnologias de si⁴¹. Trata-se de um tema antigo, que esteve presente na cultura greco-romana na fabricação de um sujeito em sua relação com a pólis, e na espiritualidade cristã, que consistiu em um exame construído – de forma perpétua – que propõe a revelação de uma verdade sobre si. Esteve frequentemente ligado à prática da escrita, a confissão dos desejos e a vigilância. Ao longo do tempo se afastou de sua significação filosófica, que previa uma autonomia do sujeito, e foi apropriada por instituições, tanto religiosas, quanto pedagógicas, ou ainda pelo conhecimento médico e psiquiátrico (FOUCAULT, 2006). Segundo o autor:

A prática de si implica que o sujeito se constitua face a si próprio, não como um simples indivíduo imperfeito, ignorante e que tem necessidade de ser corrigido, formado e instruído, mas como indivíduo que sofre de certos males e que deve deles cuidar, seja por si mesmo, seja por alguém que para isso tem competência (FOUCAULT, 2014b, p. 74).

⁴⁰ Informações adquiridas através do site: <http://sites.universal.org/intellimen/manifesto>. Acesso em 28/09/2016.

⁴¹ Segundo Foucault as tecnologias de si “permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los (...)” (FOUCAULT, 1982, p. 323).

Ao apreender essa técnica, a IURD constrói, juntamente com o sujeito, uma verdade, que se torna um princípio de conduta. Nesse sentido, torna-se necessário “conhecer a si mesmo”, com intuito de descobrir o que deve mudar. O entrevistado Wilson, que faz parte do grupo há 2 anos, relatou exatamente isso: “ O *Intellimen* me auxilia a me descobrir, e a melhorar os pontos menos favoráveis. Cada desafio faz a gente reconhecer que sempre precisamos melhorar” (ENTREVISTADO WILSON).

Além dessa condução do sujeito feita via discurso e práticas, a Universal também comercializa produtos dedicados aos *Intelliman*, há camisetas com os dizeres “ano da disciplina” e agendas com os desafios que devem ser cumpridos semanalmente, tais como: “vigiar seus pensamentos e remover todos que não lhe fazem bem, fazer um pacto com seus olhos e não cobiçar outra mulher, tomar uma atitude ousada e corajosa por uma boa causa, fazer um dinheiro extra de forma criativa”. A estrutura do grupo, e os interesses a partir de sua criação são iguais ao *Godllywood*, só que voltados para os homens. Mas ainda o que se pretende é: manter a ordem heteronormativa em funcionamento, propagar a Igreja e seus bens de consumo e comercializar a representação de uma identidade tida como ideal.

1.2.4. Força Jovem Universal

O FJU (Força Jovem Universal) teve início em 1992. As reuniões ocorrem todo sábado à tarde, são sempre muito animadas, com coreografias e músicas bem ensaiadas pelos membros, contam com a participação de uma banda, também composta por membros do grupo. Em Uberlândia, quem direcionava o grupo é o Pastor Matias, que também é jovem, tem 22 anos. Estive em três encontros do FJU, e em todos eles o que mais o pastor ressaltava era a necessidade daqueles jovens em “trabalhar a sua capacidade não em ser melhor, mas em ser diferente”. As principais habilidades que deveriam ser adquiridas por aqueles 200 jovens (em média) que participavam de cada uma das reuniões eram mudança e inovação. O lema do grupo diz que “ser jovem é ser visionário”⁴², o pastor recomenda sempre que se tenha criatividade na realização das tarefas.

A estrutura do grupo também perpassa pelos desafios – ou tarefas como oferta – mas são, sempre, materializadas em algo concreto para a Igreja (seja doações ou novos

⁴²Informações obtidas pelo site: <http://www.universal.org/grupos-de-trabalho/forca-jovem-universal.html>. Acesso em 30/09/2016.

fiéis), e ao invés de serem realizadas em duplas, são feitas por grupos, chamados de tribos de Israel. São doze tribos, representas pelos nomes dos filhos de Jacó: Rubem, Zebulom, Issacar, Judá, Simeão, Levi, Aser, Naftali, Dã, Gade, Benjamim e José. Há um líder por cada equipe, que tem a função de dividir as tarefas e organizar a tribo. “O sentido de Tribo aqui não é como povos primitivos ou tribos indígenas, tem o sentido de um clã, uma família”⁴³.

A cada sábado os jovens recebem tarefas que devem ser cumpridas no prazo de uma semana. Os desafios envolvem arrecadação de mantimentos para Igreja (produtos de limpeza, e de higiene, folhas sulfites, e etc.), venda de alguma artefato (pode ser cd de algum pastor-cantor filiado à Igreja, livros do bispo Edir Macedo ou de outros autores evangélicos), rifas cuja arrecadação é convertida em doação, ou ainda, devem recrutar novos jovens a participarem da reunião do FJU. E se trata de uma competição, a tribo que tiver maior quantidade do que se pediu, vence.

Boltanski e Chiapello (2009) trataram da “cidade de projetos”⁴⁴, consequência do “novo espírito do capitalismo”, que se baseia em criar elos e ramificações para realizar algo, mas o que interessa não é produto do trabalho, e sim o engajamento na atividade, a ação do indivíduo. Os desafios das tarefas propostas pelo grupo recrutam os indivíduos de forma ininterrupta: ou seja, todo o tempo da vida é um tempo de trabalho, já que trabalho é atividade. O FJU se organiza seguindo o modo descrito por tais autores, “o que importa é desenvolver atividades, ou seja, nunca estar sem projetos, sem ideias, ter sempre algo em vista, em preparação, com outras pessoas, cujo encontro foi ensejado pela vontade de fazer alguma coisa” (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009, p. 142).

O projeto deve ser sempre transitório, para poder se ajustar ao mundo em rede, com objetivo de proliferar as conexões, ampliando os elos e os contatos. “A ampliação da rede é a própria vida, enquanto a sua não ampliação é equiparada à morte” (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009, p. 143). O indivíduo deve se engajar nos projetos visando seu desenvolvimento pessoal, como forma de aumentar sua empregabilidade, é dever de cada um visar o investimento em si mesmo. O bem-sucedido na cidade de projetos deve “varrer com o olhar o mundo que o cerca em busca

⁴³ Informações obtidas pelo site: <http://www.fjuniversal.org/as-tribos/>. Acesso em 30/09/2016.

⁴⁴“A vida é concebida como uma *sucessão* de projetos, validos sobretudo por serem diferentes uns dos outros” (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009, p. 142). Na lógica da cidade dos projetos a distinção do que é da instância do lazer e do trabalho é tênue, e não é o que importa, o que interessa é sempre ampliar a rede, pois é a partir dela que se aumenta o desenvolvimento pessoal e a empregabilidade (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009).

de sinais inéditos" (SICARD, apud BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009, p. 145) e deve conseguir antever, pressagiar, e descobrir novos elos que devem ser instituídos. E além disso deve ter carisma e transmitir confiança para inspirar o engajamento de outros.

É através dessa premissa que possui como ponto central o movimento, a ação e o engajamento, que a FJU se organiza. Por isso promove diversas atividades, como: aulas de dança, de inglês, teatro, música e esportes. Além das atividades, promove projetos: o Atalaia, composto por jovens obreiros que fazem o trabalho de evangelização; o Arcanjo, responsável por resgatar pessoas que já fizeram parte da Igreja, mas, que, por algum motivo, se distanciaram; o UniForça, que promovem ações sociais e palestras; e o Universitários, que reúne estudantes de diversas áreas para realizarem atividades pela Igreja, entre outros.

O que se pretende com o desenvolvimento de todos esses projetos é que o jovem se dedique aos trabalhos (desafios) propostos pelo FJU, e que tais atividades o motivem a ser tornar um profissional de sucesso, que significa, no capitalismo flexível, a capacidade de se adequar. E a técnica utilizada para isso é mantê-los, permanentemente, em atividade.

Na nova forma de gestão, revelada por Boltanski e Chiapello (2009), o trabalho se reduz à atividade, de forma que o indivíduo é incitado a estar sempre em movimento (fazer qualquer coisa é melhor do que não fazer nada), além disso, deve ter a capacidade de ser “mais flexível e adaptável”. Esse novo espírito demonstra que o que importa é a ação, muitas vezes sem reflexão. Essa lógica aplicada ao neopentecostalismo e combinada com a Teologia da Prosperidade, incita o fiel a agir, pois assim estará criada a possibilidade de doar a Deus (seja por meio de tarefas ou por ofertas de dinheiro). Doar, seja seu tempo, seja seu dinheiro, significa estar fazendo alguma coisa para reverter o mal (TORRES, 2007).

A IURD ao incentivar que o fiel realize relações comerciais para conseguir a oferta, estimula que o jovem se torne um adulto empresarial, pronto para se incluir na sociedade concorrencial em pauta. A ação empreendedora, que deve ser realizada pelo jovem para conseguir completar o desafio da forma mais satisfatória possível, cria “a possibilidade de testar suas faculdades, aprender, corrigir-se, adaptar-se. O mercado é um processo de formação de si” (DARDOT & LAVAL, 2016, p. 145).

Nesse sentido, o FJU oferece para o jovem uma espécie de curso preparatório para prosperar profissionalmente na sociedade pautada pela lógica concorrencial. Além disso, reconfigura o discurso para aproximar do público alvo (ANEXO D). E trata de

temas que são comuns aos adolescentes, tais como: bebidas, drogas, sexo. E a recomendação é que se deve afastar de qualquer vício, e ter relacionamento sexuais seguros (com uso de camisinha) apenas com quem pretende se comprometer.

1.2.5. Calebe

O nome do grupo veio de um personagem bíblico do Antigo Testamento, que mesmo aos 85 anos estava disposto a lutar pela libertação do povo hebreu. Para participar do grupo é necessário ter pelo menos 55 anos. O grupo foi fundado em uma Igreja da Universal no Texas, e veio para o Brasil em 2012. É formado por membros e voluntários que auxiliam nas reuniões, que ocorrem, aqui em Uberlândia, toda quarta-feira. Calebe é um projeto social, que, além de oferecer palestras, propõe atividades manuais para motivar e preencher o tempo livre do idoso. Realiza também visitas a asilos e hospitais, no intuito de levar orações e donativos a quem precisa⁴⁵.

Entrevistei uma fiel que participa do grupo e frequenta a Igreja todos os dias da semana. Rosana tem 65 anos, trabalha de diarista, e mora no bairro São Jorge, afastado do Centro, mas se desloca para assistir as reuniões na unidade central da IURD, vem e volta de ônibus. Há 20 anos ela procurou a Igreja porque o filho estava se envolvendo com más companhias, e ela buscava a libertação. Conseguiu. E continua porque a vigilância (contra a mal) não pode cessar. Não quis ser obreira, por causa da responsabilidade, mas gosta de ser parte da Universal. Segundo ela, é do tipo de pessoa que interage com todos, e percebendo uma dificuldade, ajuda⁴⁶.

Eu gosto de estar aqui, converso com todo mundo. E estou participando agora do grupo do Calebe, é o grupo da terceira idade, toda quarta-feira eu estou aqui no Calebe, lá tem bordado, estamos fazendo brincos, colares, e depois elas vendem e reverterem o dinheiro para a Igreja (ENTREVISTADA ROSANA).

No Calebe, os idosos realizam um trabalho manual de forma voluntária, mas não reconhecem como trabalho, é encarado mais como uma terapia, que permite o idoso a estar em movimento e em contato com outras pessoas. Além disso, o fato do dinheiro

⁴⁵ Informações obtidas pelo site: <http://www.universal.org/projetos-sociais/calebe.html>. Acesso em 03/10/16.

⁴⁶ No dia dessa entrevista ela havia comprado um remédio para a mulher que vende cafés e quitandas na porta da Universal. Elas não eram amigas próximas, mas haviam conversado e ela sabia que ela precisava do remédio e não tinha dinheiro para comprar naquela ocasião. Contou-me outras histórias em que ela foi solidária, disse que não dá o dinheiro, empresta, mas que se a pessoa não pagar (como costumava acontecer), fica como oferta para Deus.

ser revertido para a Igreja lhes dá a sensação de fazer algo em nome da obra de Deus, tratando, também, de realizar tarefas como ofertas.

O segredo da comunhão com Deus é você doar. Quanto mais você dá, mais você recebe. É a lei da fé, é a lei da Bíblia, é a lei de Deus: "Dai, e ser-vos-á dado". Não é só no que desrespeito a oferta econômica, mas é doar de si alguma coisa. Porque você sabe muito bem, nós sabemos muito bem, com uma palavra você pode levantar uma pessoa, é ou, não é? Uma palavra você pode salvar uma pessoa. E ninguém tem mais a palavra de sabedoria, a palavra de fé, a palavra de experiência que uma pessoa com mais de 55 anos.⁴⁷

Desse modo, constata-se que a Igreja Universal, conseguiu, a partir dos grupos, criar, de fato, uma rede de colaboradores, que atuam para manter e divulgar a Igreja. Ou seja, a intenção de separá-los em grupo, vai muito além de unir os membros, para criar uma rede de sociabilidade entre eles. O interesse é fazer com que os discursos produzidos pela instituição atinjam mais diretamente o público a que se destina; e também ampliar a sua divulgação e consequentemente sua área de atuação.

1.3. A magia neopentecostal

Neste tópico trato do porquê a fé neopentecostal pode ser considerada mágica. Utilizo as análises de Weber (2000) sobre o tipo de racionalismo que se desenvolveu no Ocidente, e que, segundo seus estudos, iniciou-se na religião, e foi denominado de desencantamento do mundo. Nesse processo, a religião se tornou cada vez mais abstrata, com isso, afastou os homens de Deus, tornando-o menos palpável e mais impossível de manipula-lo magicamente.

Para Weber (2005), o resultado máximo do processo de racionalização se deu com a emergência da ética protestante. Ele talvez jamais imaginaria que a religião no “novo espírito do capitalismo” voltaria a ser encantada. O que presenciamos no Brasil é o crescimento de uma religião de afirmação do mundo, que não possui caráter de seita, mas que propõe ações mágicas para se alcançar bençãos, pois os meios (rituais) são irracionais, baseados na afirmativa “dê para receber retorno”, enquanto os fins, são racionais, pois se busca bens mundanos.

⁴⁷Trecho retirado do vídeo em que o bispo Macedo apresenta o Calebe, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=oCkPUMcwKDM> Acesso em 24/03/2017.

A magia foi considerada por Weber (2010) uma forma de lidar com o divino típica das religiões de afirmação do mundo. O sociólogo da religião Antônio Flavio Pierucci (1996) nos mostra haver um reencantamento do mundo no neopentecostalismo, pois se na Teologia da Predestinação os fiéis se sentiam impossibilitados de negociar a salvação, na Teologia da Prosperidade Deus é permanentemente aclamado a responder a infinitas bençãos que lhe são “negociadas”. Também Ari Pedro Oro (2001) chamou a atenção para essa tendência:

(...) instalou-se hoje um mercado religioso concorrencial, no qual obtêm sucesso as religiões que souberem colocar mais e em melhores condições serviços mágicos (específicos) à disposição das pessoas. Em segundo lugar, todas as organizações religiosas praticam, de alguma forma, tanto magia quanto religião, ora enfatizando uma ora outra (ORO, 2001, p. 81).

A Universal “vende” rituais baseados em uma lógica mágica, na tentativa de encantar o mundo desencantado. Nas reuniões da IURD há sempre elementos que portam a magia, como por exemplo: a unção das ferramentas de trabalho (ANEXO E), o uso de uma estola que representa que o fiel é um dos “escolhidos” (ANEXO F), um sachê de sal para afastar o inimigo (ANEXO G), um anel da arca da aliança para firmar um pacto com Deus (ANEXO H), uma água consagrada para “quem tem sede de vida nova” (ANEXO I), e vários outros.

Trata-se de uma apropriação instrumental da dimensão mágica, na direção da eficácia de um poder bem concreto, de uma dominação dos sujeitos. Na primeira frase do livro *Nada a perder*, de Edir Macedo, ele diz: “Crer para ver. Você não leu errado, amigo leitor. A bíblia inverte o raciocínio lógico” (MACEDO, 2014). Segundo ele, em todas as histórias bíblicas foi preciso que o homem acreditasse em algo inexistente para depois torna-lo real, agir assim seria a forma de praticar a fé, confiar em algo, que a priori não existe, seria a forma de fazê-la verdade.

Seria essa a formula “mágica” proposta pela IURD (confiar – doar – receber retorno), a partir da Teologia da Prosperidade, que propõe que a partir da ação humana (doar e ser fiel) seria possível uma negociação com o divino. Criou-se uma espécie de indústria dentro da Igreja, que produz – e comercializa – bens e serviços materiais e simbólicos, que promete auxiliar o fiel a alcançar bênçãos para este mundo. Por isso, a IURD consiste em uma empresa capitalista de fé, que baseia as suas práticas em rituais mágicos, mas que tem na sua forma de organização e na composição do seu discurso a marca da racionalidade neoliberal.

E alcança grande êxito pelas estratégias empresariais e de *marketing* que buscam promover o atendimento mágico-religioso oferecido por tais igrejas, que prometem soluções imediatas a problemas de pessoas que se encontram em situações precárias, e por isso vulneráveis a esse proselitismo. E amplia, cada vez mais, os meios de divulgação de seus “produtos”, tanto que possui uma indústria simbólica de bens culturais, incluindo editoras, selos de indústria fonográfica, programas televisivos e radiofônicos. Além de estar presente na teia urbana de várias cidades, e por isso, acabam, de certa forma, por conduzir uma parcela da população.

O capitalismo sempre teve o seu lado mágico, que surgiu ao transformar o concreto em abstrato, o produto do trabalho humano em mercadoria, de forma que diante de uma vitrine temos a impressão que “as mercadorias surgem repentinamente diante de nossos olhos sem que possamos nos dar conta das relações sociais que a engendram” (VIANA, 2013, p. 20). As relações sociais de produção se escondem, cada vez mais, em um “místico véu nebuloso”, que gera uma falsa consciência sobre a realidade, ocultando explorações e desigualdades, pois ao realizarmos a troca nos iludimos e não enxergamos a mercadoria como um trabalho humano cristalizado (MARX, 2004). Com o fetiche da mercadoria, o capitalismo re-encantou o mundo, e por isso a ação (do consumo) independe do esclarecimento que tenhamos a respeito das explorações necessárias para produção das mercadorias (VIANA, 2013).

A relação entre indivíduo e Deus no neopentecostalismo perpassa pelos ideais neoliberais, é uma fé baseada no consumo-investimento⁴⁸ em que se “negocia” serviços mágicos religiosos, que prometem livrar o indivíduo do sofrimento, e por isso o neopentecostalismo ganha espaço, principalmente, em situações de violência, pobreza e doença. Em um contexto de triunfo do capitalismo e radicalização da desigualdade, o indivíduo se encontra em condições de vulnerabilidade social, sem uma família

⁴⁸ Com a teoria do capital humano houve “a diluição de uma diferença clara entre consumo e investimento” (LÓPEZ-RUIZ, 2007, p. 225), os gastos passaram a ser considerados investimentos, as pessoas investem buscando resultados futuros, o que fundamenta a ação no presente é a ideia de uma melhora do futuro. E é a partir dessa noção vaga entre consumo e investimento “que se articula e se reafirma a cultura do consumo – que em muitos casos se apresenta como uma cultura de investimento. As pessoas capitalizam-se consumindo e podem fazê-lo de inúmeras formas: capitalizam em qualidade de vida, por isso é legítimo investir em viagens; capitalizam na própria carreira, por isso é legítimo investir tempo e dinheiro em treinamentos, capitalizam em relacionamentos, por isso é legítimo investir em sofisticados e caros objetos de *design* na decoração de suas casas; capitalizam em cultura, por isso é legítimo investir em cursos acelerados que deem os códigos sistematizados para que a *fast culture* possa ser digerida-comentada-capitalizada (LÓPEZ-RUIZ, 2007, p. 225-226).

estruturada, sem auxílio digno do Estado, e acaba por buscar saída na aposta com o divino sugerida como forma de investimento pela Igreja.

Nesse sentido é possível pensar uma analogia entre a doação proposta pela Igreja e o consumo-investimento, pois na contemporaneidade o indivíduo é incitado a investir no seu capital humano. A teoria do capital humano se formula em oposição à teoria elaborada por Karl Marx (2004), na qual a sociedade seria dividida entre os donos dos meios de produção (possuidores do capital) e os despossuídos dos mesmos. Pela teoria do capital humano, todos os indivíduos são donos do meio de produção, pois compreende que o meio de produção é o sujeito em sua totalidade. E, nesse contexto, o indivíduo também se responsabiliza pelo possível fracasso, pois se não consegue prosperar na vida é por falta de investimento em si mesmo; e não por problemas estruturais que deveriam ser solucionados por políticas públicas providas do Estado.

Sendo assim as relações criadas passam a ser puramente de investimento. No âmbito neopentecostal, fazer a doação é, também, um investimento, posto como necessário para acessar o divino. A estratégia para conduzir os indivíduos na governamentalidade neoliberal instaurada não é mais a de mudar a mentalidade dos sujeitos, mas sim alterar a regra do jogo (FOUCAULT, 2008c), o que significa usar a grade econômica para explicar relações de outras ordens. A IURD aplica a governamentalidade neoliberal na relação do indivíduo com a fé.

A religião sempre representou mais do que uma elevação do espírito, representa, na maioria das vezes, um comprometimento moral, se tratando de um sistema de representações simbólicas que orienta a vida do sujeito, pois a vida humana precisa de um contexto de ordem, direção e estabilidade, objetivado, muitas vezes, na religião. Como afirma Geertz (2008):

A religião nunca é apenas metafísica. Em todos os povos as formas, os veículos e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. Em todo lugar, o sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca: ele não apenas encoraja a devoção como a exige; não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional (GEERTZ, 2008, p. 93).

A religião deve ser compreendida como mecanismo de produção simbólica que direciona a vida do fiel. Os apontamentos de Weber (2005) sugerem que cada religião possui características únicas de seu tempo, particularidades que moldam o homem de maneira diversas, que as fazem únicas pois cria e recria a sociedade; e, portanto, são históricas.

Por outro lado, Durkheim (1989), afirma que em todas as religiões existem atitudes rituais fundamentais que tem a mesma significação objetiva e preenchem as mesmas funções. Os mitos mudam, se transformam, mas os ritos permanecem presentes (sejam eles de batismo, comunhão, comemorativos, sacrificiais, etc.). São os ritos que fazem diferença na religião, dando-lhe maior sentido, e diferenciando-as de outras representações. E é a partir dele que o sentido da ação do fiel aumenta, pois provoca a efervescência coletiva. A religião não sobreviveria sem rito, ele funciona como atualizador da fé, o rito é eterno na religião, a comoção coletiva em nome do divino não irá deixar de existir nunca, representa para o fiel a prova experimental da sua crença.

Mas mesmo que o rito seja essencial, não exclui o fato de existir pessoas que renovam sua fé individualmente, há a opção, hoje, em atualiza-la pela televisão ou até via internet. No site da IURD, por exemplo, há pastores online 24 horas disponíveis para atender as almas aflitas, ajudando-as a resolver qualquer tipo de problema, seja ele: no casamento, espiritual, de enfermidade, dificuldades financeiras, ou até brigas em família. “Há solução para tudo” – divulgam eles, convidando todos a deixarem de sofrer. Mas ainda que ofereça outras formas de acesso a fé, a forma preferencial é que o contato com o sagrado seja feito no templo, nas reuniões.

É importante que o fiel vá as reuniões para que se engaje, de forma mais efetiva, na “obra de Deus”, e que possa assimilar o significado da doação, tanto no sentido de investimento, quanto na questão da obediência e da fidelidade, porque a ação do fiel é fundamental para que ele prospere, não só a ação da doação econômica, mas todas as tarefas e desafios que os engajam em uma atividade perpétua e constante, seja para melhorar a si mesmo ou para auxiliar alguém necessitado. A questão é que a “fé inteligente” proposta pela Igreja requer sacrifícios, e confiança. Nas palavras de Edir Macedo (1999): “Ela exige coragem para tomar atitudes contrárias à própria razão” (MACEDO, 1999, p. 45).

Desse modo, a doação assume um sentido novo para quem crê, pois trata-se de exercitar a sua fé. Ela é, como já foi dito, um investimento, necessário para estabelecer a aliança com Deus. Nessa perspectiva, a criação e fortalecimento dos grupos (*Godllywood*, *Intellimen*, FJU, Calebe, entre outros projetos⁴⁹) tem o propósito de

⁴⁹ Além destes projetos (grupos) há sempre a criação de novos, por exemplo: dentro do FJU há os Universitários, onde quem está cursando nível superior oferece algum tipo de auxílio à Igreja ou ao próximo dependendo de sua área; o Atalaia, grupo de obreiros jovens que devem “resgatar almas” e interagir com os novatos do FJU; paralelamente ao *Godllywood* há o *Reabe*, para mulheres que sofreram algum tipo de violência, e *T-amar*, destinado a mulheres, principalmente jovens, que criam seus filhos

aproximas os fiéis e a Igreja, criando redes de transmissão mais ampliadas de seus ideais. Os fiéis passam a ser colaboradores na divulgação da Igreja, pois é incentivado que se compartilhe via internet as experiências vividas nos grupos, além disso, por criar um contato intrínseco entre o fiel e a Igreja, acumula um saber que permite a condução do sujeito mais direcionada e efetiva.

Erik Fernando Miletta Martins (2011), em sua dissertação de mestrado em linguística, destaca que a retórica neopentecostal constitui um domínio simbólico em que as premissas neoliberais de consumo são legitimadas e até estimuladas, desse modo a prosperidade é pensada enquanto nível de consumo, e a fé é entendida enquanto investimento. O neopentecostalismo conduz os fiéis a agir, em uma sociedade envolvida por ideais neoliberais, onde o investimento é visto como prioridade.

(...) permite aos oradores persuadirem o fiel a entrar em uma relação mais simétrica com Deus, no sentido de que lhe é possível demandar uma qualidade de vida melhor. Neste contexto, o dízimo e as ofertas compõem como índices de investimento na qualidade dessa relação com Deus: quanto mais o fiel investe, maior a sua proximidade com Deus e, quanto mais próximo, mais próspero (MARTINS, 2011, p. 27).

Há no âmbito religioso neopentecostal a incorporação de valores neoliberais, se estimula o consumo e o empreendedorismo, mesmo porque quanto mais bem-sucedida for a inculcação desses preceitos, maior será a probabilidade de promover mudanças reais na vida material do fiel, que passará a ter como verdade a transformação de sua vida via conversão à igreja, e, desse modo, mais ele investirá na propagação dessa verdade e, conseqüentemente, da instituição.

Em entrevista feita com participantes dos grupos, Yara, que há 2 anos faz parte do *Godlywood*, ao ser questionada sobre em que o grupo a auxiliava, disse: “Em tudo, me ensina a ser melhor em todas as áreas da minha vida, vida com Deus, casamento, família, saúde, trabalho, em tudo. Ser sempre uma pessoa melhor e excelente em tudo que faço”. Outra entrevistada, Carla, que está no grupo há 1 ano, respondeu: “O grupo tem sido de suma importância na minha vida, tem me auxiliado a ser uma esposa melhor, uma dona de casa melhor, uma cristã melhor, uma pessoa melhor a cada dia”.

sem a participação paterna. Tem também o projeto realizado nos presídios, o grupo é nominado de UNP (Universal nos presídios). Há os Anjos da Madrugada, composto por obreiro que oferecem auxílio a moradores de rua, entre outros. Com isso abarcar cada vez mais pessoas e torna o contato da Igreja com o fiel cada vez mais próximo, de forma que a vigilância provoque a disciplina na relação com Deus e nos cuidados consigo mesmo, seguindo à risca as prescrições ditadas pela instituição religiosa.

Henrique que começou a fazer os desafios do Intellimen a dois meses, declarou: “As lições são muitas e os desafios também, mas venho me adequando e melhorando o meu eu, exemplo, manias, postura, o convívio com as demais pessoas, entre outras, o projeto é muito bom”. Diogo, que já é um *intelliman* há mais tempo, participa do projeto há 1 ano e 4 meses, relatou:

O *Intellimen* é muito mais que um grupo, ele é um projeto para formar homens excelentes. Transformar as deficiências em habilidades, fazer com que o homem se torne excelente em todas as áreas da vida, tanto espiritual quanto física, sentimental, familiar, financeira. Auxilia em todos os aspectos. Uma das orientações que recebi que até hoje me chama muita atenção, foi o de sempre termos um tempo para nossos familiares, durante a semana ter momentos de lazer, esta é apenas uma das inúmeras orientações. Sobre a importância pra mim fazer parte... A importância foi notada paulatinamente todas as semanas realizamos tarefas simples que vão nos moldando a nos tornarmos pessoas excelentes, então vejo de suma importância a minha dedicação ao projeto (ENTREVISTADO DIOGO).

A respeito do FJU os entrevistados relataram, assim como os demais, a importância do grupo em seu cotidiano, perpassando por todos os aspectos de sua vida. Leila, que está no grupo a quase 3 anos, afirmou: “o grupo me ajuda espiritualmente, na comunicação com outras pessoas, me ajuda a superar os meus limites, a ter uma visão grande, enfim me auxilia em todos os sentidos da minha vida”. Outro jovem, Heitor, que está no grupo há 4 anos, disse: “o grupo tem contribuído com o meu desenvolvimento para ser um jovem visionário, aprendi muito com ele”. Sobre o Calebe as respostas seguiam no mesmo sentido, Luisa, que faz parte do grupo há 6 meses, expressou: “O grupo Calebe me mostrou que estou velha, mas não estou morta. Posso aprender e fazer muita coisa ainda”.

O que essas declarações demonstram é que os grupos interferem nas percepções do fiel, os ensinamentos moldam o comportamento do sujeito. Visam fabricar, orientar e conduzir o indivíduo, e fazem isso através da criação de projetos (grupos) que determinam um tipo identitário para cada um que compõe a sociedade como um todo: mulher, homem, jovem, idoso. Nesse sentido, constata-se que transformação de vida proposta pela Igreja perpassa pela construção de uma identidade, estabelecendo assim uma determinada visão de mundo, a sociabilidade, os entretenimentos, e até a relação que o fiel tem no trabalho e com a sua família.

CAPÍTULO 2

A governamentalidade neoliberal e a biopolítica moderna:

A exceção como componente necessário da regra

Partindo das análises de Michel Foucault e da sua compreensão dos diferentes tipos de poder e dos processos de dominação na sociedade ao longo do tempo, um dos conceitos que pretendo utilizar para analisar a sociedade contemporânea, e mais especificamente, a relação entre neopentecostalismo e neoliberalismo, é o de biopolítica, que foi trabalhado inicialmente por Foucault na publicação de *História da sexualidade: A vontade de Saber* (1976) e ampliado nos cursos do *Collège de France* *Em defesa da sociedade* (1975-1976), *Segurança, Território e População* (1977 -1978) e *Nascimento da Biopolítica* (1978-1979). O objetivo é realizar uma discussão sobre as formas de governamentalidade discutidas por Foucault, focando especificadamente na biopolítica, no surgimento do conceito, na sua aplicação durante a história e a conexão entre a biopolítica, o neoliberalismo e o neopentecostalismo.

O filósofo francês Michel Foucault tem como uma de suas problemáticas centrais a emergência da disciplinarização da vida social. Em sua obra “Vigiar e punir” (2000) o autor discorre sobre o poder disciplinar, cuja função é criar indivíduos economicamente úteis e politicamente dóceis, e que para isso separa, analisa e arquivava saberes de cada um dos sujeitos. Para isso, o regime disciplinar usa como estratégia o modelo do panóptico, cuja máquina arquitetural coloca o indivíduo em uma posição em que é visto – vigiado –, mas não vê quem o vigia. Desse modo, ainda que não seja controlado o tempo todo, cria-se uma relação tensa, que faz com que o próprio indivíduo se vigie. Por temer possíveis correções, ele torna-se disciplinado, e dessa forma faz com que o poder funcione automaticamente. Tal poder tem seu auge de penetração social durante a modernidade, podendo ser encontrado em instituições escolares, hospitalares, prisionais, etc (FOUCAULT, 2000).

Além do poder disciplinar voltado para a domesticação de corpos individuais, Foucault também vislumbrou a emergência de novas técnicas de exercício do poder durante a consolidação da sociedade moderna: os chamados “dispositivos de segurança”, que surgiram com a emergência do liberalismo e representaram uma nova forma de governar os homens a partir do século XVIII. Foucault identifica os “dispositivos de segurança” como “a arte de governar liberal”, caracterizada por ter uma

forma discreta, em que o sujeito não percebe que está sendo conduzido, pois é baseada na liberdade dos novos agentes econômicos. Tais técnicas de poder são formas de governamentalidade que funcionam a partir de mecanismos de gestão da população e de agentes econômicos; diferentes da soberania, que se preocupava com o controle e a manutenção do poder do soberano aplicado aos súditos (FOUCAULT, 2008b).

Para Foucault (2010a), nesse momento a política se transforma em biopolítica, pois seus fundamentos invertem o problema da soberania: não se trata mais de “fazer morrer e deixar viver”, como era a pragmática do poder soberano, mas “fazer viver e deixar morrer”. A biopolítica se preocupa com a “massa global” e com processos como: taxa de natalidade, mortalidade, doenças, produções. Trabalha com as noções de previsões, estimativas, estatísticas. Seu objetivo é a regulamentação da vida: o poder ordena o aumento da vida, tentando controlar eventualidades, acidentes e deficiências (FOUCAULT, 2008b).

A gestão da população surge no liberalismo e tem como condição de funcionamento a exigência de que os homens internalizem o perfil do *homo economicus*, ou seja, que sigam seu próprio interesse, fornecendo o necessário para o poder atuar. Inicialmente o objetivo era resolver o problema da escassez alimentar, por isso os fisiocratas decretaram a liberdade no comércio de cereais, pensava-se agora que a escassez não era mais nem boa e nem ruim, era o que era, um fatalismo. Esse processo pode ser interpretado como uma das facetas do desencantamento do mundo – ações baseadas na realidade, e não em moral, emoção, costume, tradição. Começa a lidar com a realidade: agir a partir do que as coisas são, e não do que deveria ser, por isso liberam o comércio, como medida para superar a escassez alimentar, e incitam os indivíduos a buscarem seu interesse pessoal.

O problema da gestão da população que surgiu com o liberalismo no século XVIII se desloca, na segunda metade do século XIX, para o problema da defesa da espécie contra raças portadoras da ameaça da degeneração. Esses princípios foram exacerbados na primeira metade do século XX com a ascensão dos totalitarismos, como o fascismo, o nazismo e o stalinismo, que utilizaram de forma radical a biopolítica, a partir da noção da distinção entre raças superiores e inferiores, que previa a “exclusão e a exterminação do politicamente perigoso e do etnicamente impuro” (FOUCAULT, 2010a, p. 236). A biopolítica projetada pela teoria das raças na segunda metade do século XIX, e empreendida pelos regimes totalitários na primeira metade do século XX, introduziu a intervenção do racismo, a eliminação do outro – o anormal, degenerado,

inferior –, passando a valorizar a vida da espécie, acreditando-se que a morte da “raça ruim” daria uma vida mais sadia e mais pura para a humanidade (FOUCAULT, 2010a).

A biopolítica encontrou uma nova transformação e ganhou um novo sentido com a emergência o neoliberalismo, a partir da década de 1970. A governamentalidade herdada do liberalismo recebe uma reelaboração e o princípio do fatalismo (as coisas são como são, não se pode ir contra o jogo do mercado) é radicalizado: a desigualdade passa a ser considerada parte inerente ao capitalismo, para satisfazer alguns outros precisam ser prejudicados (FOUCAULT, 2008c). Desse modo, não se pretende solucionar os problemas, mas sim geri-los, mantendo em segurança a população enquanto categoria abstrata, importando com o todo e não com cada indivíduo particularmente (BRANCO, 2014).

O perfil do *homo economicus* foi a base para a radicalização dos princípios liberais a partir do aprimoramento empreendido pela chamada governamentalidade neoliberal iniciada na década de 1970. As nossas condutas passam a ser conduzidas pela subjetividade de cada um, não se trata mais da gaiola de ferro, mas agora de uma gaiola invisível. Nessa forma de poder utiliza-se táticas e métodos usados para gerir a economia, que passam a interpretar fenômenos sociais considerados até então não econômicos a partir da grade de inteligibilidade da economia. Sendo assim o modelo econômico é transportado para o âmbito das relações sociais, baseados na ideia de oferta e procura que pretende a todo o momento maximizar o lucro, fazendo isso a qualquer custo. A biopolítica neoliberal se constitui a partir da noção de capital humano: ou seja, toda a vida do sujeito é potencializada no aprimoramento de seu capital que nada mais é do que ele mesmo: seu corpo, suas aptidões, suas disposições, sua subjetividade (FOUCAULT, 2008c).

A capacitação e a formação do sujeito passam a ter um caráter estratégico, ou seja, para produzir renda o indivíduo precisa investir em seu capital humano, estando assim sujeitado às premissas dos interesses econômicos, caso contrário ficará fora do jogo. A estratégia para conduzir os indivíduos na governamentalidade neoliberal não é mais a de mudar a mentalidade dos jogadores, mas sim alterar as regras do jogo (FOUCAULT, 2008c), ou seja, modificar as variáveis do mercado para conduzir a conduta dos homens e não proceder a uma reforma antropológica exaustiva dos indivíduos.

As políticas neoliberais e conseqüentemente seus efeitos no âmbito social ocuparam lugar no Brasil a partir dos anos 1990. Nesse contexto de pós

redemocratização, o país se abre para novas tecnologias, para a terceirização de serviços e para a redução de gastos sociais (OLIVEIRA, 2007).

Entretanto tivemos nos doze anos dos governos do Partido dos Trabalhadores (Lula e Dilma) uma melhora na assistência social com a criação de programas de assistência, como o Bolsa Família, que auxiliou na diminuição da pobreza, no combate à fome e na autonomia da mulher pobre; além de ter possibilitado aos jovens, e aos que não possuem condições financeiras também, o acesso ao ensino superior, com criação de cotas e de mais vagas em universidade com o PROUNI (Programa Universidade para todos), entre outros. Mas será que tais políticas sociais são, de fato, opostas a lógica neoliberal?

Alguns autores como Marilene Chauí (2013) e Emir Sader (2013) defendem que durante a gestão do Partido dos Trabalhadores no Executivo tivemos a experiência de um governo pós-neoliberal, e como não passamos por um Estado do Bem- Estar Social (transferência considerável do fundo público aos direitos sociais), teríamos agora conquistado tais direitos a partir das lutas dos trabalhadores (CHAUI, 2013).

Porém, outros autores, como Francisco de Oliveira (2007) e Vera Telles (2010) consideram que a melhora que tivemos no âmbito social não conduz a construção de uma sociedade cujos conflitos seriam negociados na linguagem dos direitos, o que poderia promover uma efetiva diminuição da desigualdade. Por exemplo, se compararmos a desigualdade a uma doença, metaforicamente, as políticas sociais pretendem acabar com os sintomas, mas não buscam a cura para o caso patológico. Dessa forma, se trataria de uma forma de governamentalidade neoliberal, pois o papel do Estado continua sendo o de gerir a desordem social e não acabar definitivamente com ela (FOCAULT, 2008c).

A partir dos anos 1990 ocorreu no Brasil, no campo político e social, a adesão à uma lógica fundada a partir do discurso e da prática do modelo capitalista neoliberal. Houveram privatizações, desregulamentação do mercado de trabalho e a abertura comercial na criação de políticas públicas que visavam não a diminuição da desigualdade, mas o aumento do consumo. Boito (2003) afirma que o neoliberalismo propõe um tipo novo de cidadania:

que cria uma dualidade, em áreas como saúde, educação e previdência, entre, de um lado, um ramo público decadente e, voltado para os trabalhadores de baixa renda, e, de outro lado, um ramo privado em expansão, voltado para a burguesia e demais setores de alto rendimento. Essa cidadania dual reproduz a posição privilegiada ocupada pela alta classe média, assegurando-lhe, por

exemplo, melhor formação escolar e uma espécie de reserva de mercado dos postos de trabalho mais bem remunerados. (...) além de conquistar a fração superior da classe média, o neoliberalismo obteve um “impacto popular” no Brasil. Há setores das classes populares, incluindo setores operários, que estão neutralizados ou atraídos pelo discurso neoliberal (BOITO, p. 13, 2003).

Boltanski e Chiapello (2009) fizeram suas análises sobre o neoliberalismo francês, mas o novo “espírito” do capitalismo se espalhou pelo mundo ocidental, e se ajustou muito bem ao Brasil. A radicalização da desigualdade social pelo mundo, entendida agora como um fatalismo, possibilitou ao Brasil – já tão acostumado a esses moldes – a se aproximar do modelo moderno (ARANTES, 2004). Na formação do chamado “caráter nacional”, as negociações cheias de atalhos, nos levaram agora a uma conexão dialética entre arcaico e moderno. O que antes era considerado defeito se adequou à contemporaneidade, pois as políticas neoliberais modernas acabaram promovendo uma “brasilianização do mundo”⁵⁰ (ARANTES, 2004).

Dessa forma, a singularidade da cultura brasileira, antes pensada como um atraso, se tornou a condição de sobrevivência no mundo atual. O novo “espírito” do capitalismo se opõe ao “espírito” que outrora exigia indivíduos metódicos e obedientes. As exigências agora são outras, o sujeito deve ter uma visão empreendedora para assumir riscos, se adaptar ao inesperado e flexibilizar suas funções. Exige-se o que todo brasileiro sabe fazer bem: “se virar” mesmo em situações adversas (ARANTES, 2004).

A função da disciplina era mudar a mentalidade dos jogadores, já a da governamentalidade neoliberal segue a lógica de um jogo, e pretende manipular as regras para assim atuar indiretamente sobre os jogadores. Por isso os indivíduos não se sentem governados, o poder é baseado na liberdade, e atua através da subjetividade. E quanto mais afirmamos a nossa liberdade, mais abrimos espaço para o poder atuar, nos tornando, assim, objetos desse poder, e não mais sujeitos de nós mesmos. Os manuais de gestão do novo espírito do capitalismo se utilizam da reivindicação dos direitos do eu, para conduzir o sujeito, diminuindo sua capacidade de emancipação.

O projeto neoliberal é o da flexibilização, que pretende gerir – funcionalizar – a desordem. O Estado passa a garantir apenas a proteção física da espécie, em tese busca manter o funcionamento econômico da população, e não mais garante direitos a todos. Há uma universalização da exceção, em todas as áreas. São tempos de crise permanente

⁵⁰ Paulo Arantes (2004) em seu livro *Zero à esquerda* ressalta que os países de primeiro mundo hoje passam pelas mesmas adversidades do Brasil.

e por isso, só se sobressaem os “líderes”⁵¹, alguém que possa se adaptar, independente da dificuldade (VIANA, 2012).

Segundo Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo é um sistema normativo que influencia o mundo todo, de modo que a lógica do capital está em todas as relações e esferas da vida. Nesse contexto, a ação coletiva perdeu força e espaço, pois os sujeitos estão submetidos a uma concorrência que alcança todas as instâncias. “O neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (DARDOT & LAVAL, 2016, p. 17).

É importante compreender que no liberalismo clássico acreditava-se que o livre mercado proporcionaria a igualdade, já no neoliberalismo é o oposto, pois a desigualdade é o que impulsiona o mercado. E ele não atua sozinho, o governo⁵² o ampara, e orienta as condutas dos sujeitos para que o sistema funcione, e fazem isso a partir da universalização da economia e da concorrência generalizada. Além disso, há duas características que transformaram o liberalismo em neoliberalismo: 1) A economia social de mercado passa a ser ativamente produzida, e 2) A grade de inteligibilidade econômica passa a ser aplicada em processos não econômicos (FOUCAULT, 2008c; DARDOT; LAVAL, 2016).

A perspectiva neoliberal é construída a partir do sujeito que trabalha, que vive, que existe, e pretende conduzi-lo através de sua subjetividade, sem dissociar ser humano e capital. Desse modo, o salário não seria a recompensa pelas horas vendidas da força de trabalho, seria simplesmente uma renda. Todos seriam donos dos seus meios de produção, no sentido de que o meio de produção seria o próprio corpo e subjetividade do sujeito (FOUCAULT, 2008c). Por isso, na contemporaneidade o indivíduo é incitado a investir em si mesmo, em seu “capital humano”, todos os indivíduos passam a ser donos do meio de produção, pois compreende que o meio de produção é o sujeito em sua totalidade.

A ideia de capital humano pretende dissolver a ideia de luta de classes, uma vez que o indivíduo se torna ele próprio um agenciador de capitais: as relações criadas passam a ser puramente de investimento, e, nesse contexto, o indivíduo se

⁵¹ Líderes carismáticos “no sentido weberiano do termo: “os líderes “naturais”, em situações de dificuldades psíquicas, físicas, econômicas, éticas, religiosas e políticas [...] eram portadores de dons físicos e espirituais específicos, considerados sobrenaturais (no sentido de não serem acessíveis a todo mundo)” (WEBER apud VIANA, 2012).

⁵² Entende-se governo não como uma instituição, mas como técnicas e procedimentos que dirigem a conduta dos homens (FOUCAULT, 2010b).

responsabiliza por possíveis fracassos, pois se não consegue prosperar na vida é por falta de investimento em si mesmo. No projeto neoliberal toda a sociedade é reformatada segundo o modelo de empresa, reconstituindo uma série de valores morais e culturais. A governamentalidade neoliberal, como tecnologia de poder, exige que o próprio indivíduo seja agenciador de capitais, ou seja, responsáveis por investir em si mesmo, em um contexto de regras que mudam permanentemente (FOUCAULT, 2008c).

E porque somos agora responsáveis por nos auto-construir? Porque quisemos? Porque alcançamos uma relativa liberdade? Não, mas porque essa nova tecnologia de poder surgiu, e para que ela funcione, há a necessidade de que seja assim. Essa tecnologia governamental só dá certo se otimizar a diferença, e cada um se torna condenado a não apenas construir sua identidade como a afirma-la perpetuamente (CÔRTEZ, 2012). Com a otimização das diferenças, surgem mais variáveis no jogo, e é disso que se precisa para governar. As subjetividades individuais são, agora, consideradas, mas isso não é emancipatório, na verdade, é o que abre espaço para o poder atuar.

O neopentecostalismo só foi possível existir por sermos “conduzidos” por uma governamentalidade neoliberal. Pois é crescente no mundo atual o número de indivíduos que vislumbram a possibilidade de mobilidade social, e que para isso confiam na validade da meritocracia – sem mérito⁵³ –, e por isso motivam, em suas subjetividades, cada vez mais desejos, ao mesmo tempo em que encontram dificuldades em realizá-los. Isso ocorre porque a exceção é a regra no “novo tempo do mundo”, a fatalidade econômica demonstra, em tom ameaçador, que não há espaço para todos.

Com a flexibilidade e rotatividade cada vez mais intensa no mercado de trabalho, o cenário que presenciamos na contemporaneidade é marcado por uma exacerbada competição, que é o que estimula a economia, e demanda que os trabalhadores passem permanentemente por seleções, se transformando em reféns do capital. “A geração de empregos se torna uma espécie de favor do capital ao mundo,

⁵³ O conceito de meritocracia sem mérito foi desenvolvido por Silvia Viana (2012) ao analisar os *Reality shows*. Segundo ela o que garante a entrada e a permanência nesses programas é a subjetividade do participante. “Assim como as empresas contemporâneas, esses shows buscam a “excelência”, que é um ideal de exceção. Visto que não basta ser bom, é obrigatório ser o melhor, a ação deve sempre ser extraordinária, portanto, incomensurável. Mais que isso, a ação não é analisada do ponto de vista de seus resultados, mas dos traços afetivos, volitivos, cognitivos e físicos de quem a realizou. (...) se trata, da busca por “líderes” únicos que possam brilhar em momentos de dificuldade; no caso de uma crise permanente (...)” (VIANA, 2012, p. 96).

afinal, ele não precisa mais de gente, são as pessoas que passam a depender de sua boa vontade” (VIANA, 2012, p. 44).

Tais transformações foram caracterizadas por alguns autores como a emergência da “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001), da “condição pós-moderna” (HARVEY, 1996), da “sociedade reflexiva” (GIDDENS, 1991), ou também denominado pós-modernidade (JAMESON, 2002) ou neoliberalismo⁵⁴ (FOUCAULT, 2008c). Para esses autores, a era da modernidade, baseada nos preceitos iluministas, que buscavam a emancipação humana por meio das forças tecnológicas, científicas e racionais, cede lugar a uma sociedade fragmentada, instável, que impede o indivíduo de se representar de forma coerente e de estabelecer estratégias para a produção de um futuro melhor (HARVEY, 1996).

Além disso, na contemporaneidade o tempo sofreu uma drástica mudança, a partir dos anos 1970, é como se estivéssemos vivendo em um “eterno presente” (BAUMAN, 2001; JAMESON, 2002), o tempo passa a seguir a lógica do “jogo” que prevê sempre o recomeço. Segundo Paulo Arantes (2014) isso ocorre porque a distância entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa diminui, significa que não há um planejamento a longo prazo, e muito menos algum projeto de futuro coletivo, as energias utópicas se esgotaram. A visão que assola a humanidade é a de um capitalismo neoliberal vencedor, não há oposição ou futuro alternativo visível; a realidade social é o que é, tornando mais fácil acreditar no fim do mundo através de catástrofes ou apocalipse do que apostar na superação do atual modo de produção (VIANA, 2012).

A consequência desse tempo foi a instauração de um novo regime: o da urgência. Ele está nas empresas, ao organizar o trabalho em equipes, por projetos de média e curta duração, e estabelecer metas (que sempre podem dobrar). A administração governamental também trabalha em constante estado de urgência, não há planejamento e em nome da “segurança”, limitam direitos individuais e ampliam o uso dos dispositivos de exceção⁵⁵ (TELLES, 2010). Na esfera individual percebemos o presente capturado pela urgência do momento, e por isso temos a sensação de que tudo deveria ser feito para ontem.

⁵⁴ Foucault (2008c) entende o neoliberalismo como uma forma de governamentalidade, indo além de uma política de Estado, pois seus preceitos se generalizam por toda a sociedade, conduzindo o indivíduo a conceber sua vida pelo molde neoliberal.

⁵⁵ Segundo Vera da Silva Telles (2010), o que era percebido como exceção (pobreza urbana, desemprego, desigualdade) se torna regra, e o papel do Estado passa a ser o de gerir tais problemas, e não os solucionar. A governamentalidade neoliberal prevê uma política de emergência e não de planejamento.

Na religião neopentecostal também há a urgência, que pulsa em cada fiel quando o pastor diz: “Quero alguém que tenha fé e coragem para doar uma grande quantia”⁵⁶. Porque no contexto neopentecostal, é através da doação que o divino se manifesta e provoca a prosperidade na vida do fiel: “é necessário chamar a atenção de Deus”, o crente precisa agir para receber o retorno divino. O desafio dos fiéis neopentecostais é lutar contra o perigo da descartabilidade, e doar aparece como a única forma de se livrar desse mal. E é por meio da doação, na aposta mágica, em que é preciso doar para receber retorno, que se prova a fidelidade à Deus, que diferencia quem está, ou não, do lado Dele. Nesse contexto, doar significa agir objetivamente contra o mal, de modo que “a teologia da prosperidade resulta numa ‘teologia prática’ que projeta as metas para este mundo” (TORRES, 2007, p. 108).

O *Novo tempo do mundo* (ARANTES, 2014), ou a *Nova razão do mundo* (DARDOT & LAVAL, 2016), ou ainda, o *Novo espírito do capitalismo* (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009), transformaram a sociedade, remodelando a subjetividade de cada indivíduo, que é incitado a estar sempre em movimento, além disso, deve ter a capacidade de aceitar riscos e inovações em todas as áreas de sua vida. A religião, por ser criação humana, também se reajustou a partir dessa nova lógica de condução do indivíduo, e se adequou à sociedade contemporânea.

⁵⁶ Frase dita pelo pastor Heitor, coletada em trabalho de campo realizado na IURD localizada no centro.

SEGUNDA PARTE
O DINHEIRO COMO MEDIAÇÃO DO SAGRADO

CAPÍTULO 3

IURD Central: Um estudo de cunho etnográfico da reunião da prosperidade

Na tarde do dia 24 de agosto de 2015, uma segunda-feira, quente e seca, como bem sabe ser o inverno uberlandense, comecei o trabalho de campo na IURD. Fui à reunião da prosperidade, que começa às 15h. Cheguei de ônibus, desci na estação mais próxima e segui o restante a pé, cheguei e comecei a subir a longa escadaria do templo que possui uma arquitetura ostensiva, quando alguém que passava ali em frente em um carro gritou: "Não entra aí não, moça!". A visão negativa sobre a Universal está no imaginário social, pois as denúncias contra o líder Edir Macedo foram amplamente divulgadas pela grande mídia. No entanto, a maioria dos frequentadores da igreja acredita, fielmente, na perseguição que a Universal sofre por ser uma igreja que se multiplicou, no Brasil e no mundo.

Entro no templo. Tinha, em média 150 pessoas, visivelmente mais mulheres do que homens, e mais pessoas velhas do que jovens. A reunião iniciou com a música tema da "Nação dos vencedores": "eu vou prosperar, eu vou arrebentar, tudo que eu quero eu vou conquistar, o nome de Jesus eu vou glorificar...", o pastor está à frente do altar, e pede para que os fiéis façam uma espécie de coreografia para acompanhar a música, que consistia em colocar as mãos para o alto fechadas e balançar os braços, um símbolo de força e vitória. Em outro trecho diz: "Tudo que ligarmos aqui lá no céu ligado será. Deus eu ligo aqui agora minha casa, minha empresa, a fartura em minha mesa, meu carro importado, casamento abençoado; só pra te glorificar". Constata-se o quanto é arraigado a valorização do bem material, a reunião é um espaço propício para ser ambicioso, sem constrangimentos, pois é esse o objetivo que se fixa.

O pastor iniciou o discurso dizendo que a crise não existia, que se alguém ali estivesse vivendo a crise, estava, na verdade, sendo "iludida pelo diabo", "o mal quer que você acredite na crise". A teodiceia iurdiana é dualista, concebe o mundo como palco de uma luta perpétua entre Deus e o Diabo (MARIANO,1999). Então, para se livrar dos flagelos da vida requer que se livre do mal, e a melhor forma para se proteger é apostar na aliança com o divino, que retribuirá na mesma proporção que receber, ou seja, quem mais conseguir capitalizar sua fé, mais retorno terá.

O pastor que direcionava o culto se chamava Heitor, veio de São Paulo, estava já a 6 meses em Uberlândia. Dizia que no sábado daria seu testemunho, e que como ele

não teve um passado marcado pelas drogas e pela prostituição, achava seu testemunho fraco, mas, que, quatro anos atrás, sofreu um grave acidente de carro, e conseguiu se recuperar; a partir daí teve uma prova que certifica a validade de sua fé, que garante que "não existe impossível".

O pastor da IURD tem no interior da igreja o mesmo papel que o líder tem nas empresas do capitalismo flexível contemporâneo, ambos devem rejeitar a hierarquia, aproximando-se dos demais (fieis/outras empregados), com o objetivo de demonstrar que todos podem chegar onde eles estão. Por isso existia a necessidade que o pastor sentia em ter um “testemunho forte”, pois ter passado por momentos de dificuldades na vida provaria a ação de Deus na vida de quem crê Nele. Nesse sentido, o pastor tem a função similar ao “manager”, que a partir dos anos 1990, passou a designar as pessoas que demonstrem excelência no gerenciamento de equipes, no contato direto com pessoas, e que adquirem autoridade sobre uma “equipe” pela capacidade de “comunicação” e “atenção” (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009).

A campanha que estava ocorrendo naquela segunda-feira, primeiro dia de trabalho de campo, era a do “Vale do Sal”, que prometia tornar o fiel rico. Os obreiros passaram distribuindo uma estola e um papel contendo o termo de compromisso que você deveria firmar com Deus (ANEXO J). O pastor então lançou um desafio: “se alguém passar o cartão agora, um dinheiro vai aparecer na conta dessa pessoa, a profecia é daqui até quarta-feira, vai receber um dinheiro que estava amarrado”. Chamou primeiro quem passaria 300 reais no cartão, foram duas pessoas até o altar, depois chamou quem passaria 100 reais, apareceram quatro pessoas para doar tal quantia. Em seguida o pastor desafia a passar 50 reais, surge mais cinco fiéis dispostos a doar. Por último chamou o restante dos fiéis que fossem doar 10 reais, ou o que tiver. Nesse momento uma mulher que estava sentada próximo a mim, perguntou: “Você troca 10 reais?”. Eu não tinha, e ela que não quis doar seu dinheiro todo; e por isso, nesse dia, perdeu a oportunidade de investir nessa possível benção. Enquanto isso o pastor lembrava: “Esse dinheiro não paga as suas dívidas. Coloque-o no altar, põe sua mão na pedra de sal e faz um pedido. Que Deus vai lhe retribuir”.

Em seguida o pastor tratou de como é importante compartilhar o testemunho sobre a mudança que ocorreu em sua vida a partir da fé, “o diabo trabalha para você não dar. Algumas pessoas falam que são tímidas, mas os tímidos não herdarão o reino de Deus”. A condenação da timidez tem relação com a exaltação da pró-atividade, e da criação de uma verdade via discurso. Além disso, o testemunho é um meio de

divulgação poderoso da igreja, por isso o pastor ressalta a necessidade de fazê-lo. A maioria dos entrevistados me disse que o que motivou a acreditarem na fé da Universal foi: “se aconteceu com tantos outros, porque não aconteceria comigo”.

A forma que a IURD oferece para classificar o mundo coloca o dinheiro como único bem possível para alcançar o divino. Divulga em suas palestras motivacionais (ANEXO K) que o fiel tem que ter uma visão – empreendedora –, mas para conseguir, de fato, que a prosperidade aconteça em sua vida, é preciso usar a “fé inteligente”, fazer correntes na “fogueira santa de Israel”, “se lançar no Altar”. Consiste em ter um propósito, que através do sacrifício, feito por meio da doação, garantirá o retorno divino. Nesse momento, o altar representa o próprio Deus, e o desprendimento do dinheiro é em nome de sua obra. É só por meio da doação que as portas se abrem, deve-se aumentar os votos para receber mais bênçãos, a doação é o motor da prosperidade, e se deixar de sacrificar, perderá tudo que conseguiu. O pastor afirma:

Não estou vendendo ilusão, estou dizendo o que pode acontecer se você fizer sua parte. Prosperidade se conquista com trabalho, com vida com Deus. Prosperando dia após dia, e não da noite para o dia, não é jogo de azar, é compromisso, cumprindo as cláusulas (ANEXO J), firmando compromisso com Deus nesses próximos meses. E saiba, o dinheiro é um excelente servo, mas um péssimo senhor (PASTOR HEITOR).

Não basta fazer a aposta mágica com o divino por meio da doação, é preciso também ser disciplinado para receber retorno. Outro pastor, o Matias, que direciona o grupo de jovens e o único entre os pastores dessa unidade que aceitou me conceder uma entrevista, ao ser questionado acerca da doação proposta pela IURD, disse:

Doar faz parte da vida de qualquer ser humano, o que ensinamos na segunda é a pessoa explorar a sua fé. Para você se promover em seu trabalho você tem que doar. (...). Sempre participo da Fogueira Santa, é um modo de vida, você sacrifica em nome de um Deus que te responde (ENTREVISTADO PASTOR MATIAS).

Os fiéis também enxergam o modelo da fé da Universal como um manual, a maioria dos entrevistados disseram algo nesse sentido. A primeira entrevista que fiz foi a única que não foi feita no interior da Igreja, pois encontrei com Thamires no shopping, local de trabalho dela. Ela me relatou a sua história de vida, a mudança de São Paulo para Uberlândia, os problemas que surgiram ao vir morar com o namorado, a gravidez, as dificuldades financeiras, as brigas com a família, e, um “depois”, marcado pela

mudança ocorrida a partir do momento que começou a confiar na fé iurdiana. Contou-me como a igreja lhe ensinou a “usar a sua fé”, a “desafia-la a confiar em Deus”. Ao transformar essa teoria em prática, e doar “o dinheiro do aluguel”, os problemas começaram a se resolver.

Outra entrevistada, Marta, de 40 anos, empresária do setor de automóveis, diz não se tratar de uma troca, mas ao doar, ou sacrificar seus bens, você mostra à Deus que você está confiando nele. Porque, segundo ela, o dinheiro será revestido em obras, construindo mais igrejas, e assim mais pessoas vão ser convertidas, e isso agradaria a Deus, motivando o retorno em forma de bênçãos.

Sempre faço a Fogueira Santa, a primeira vez que eu fiz em 15 dias eu tive resposta, eu sempre recebo resposta. Já doei, já coloquei dois carros no altar, já coloquei moto, já coloquei valores altos, 20 mil. Olha, o retorno a gente tem, é engraçado, o que eu vou te falar, porque Deus vai trabalhando na sua vida. Às vezes, aquilo que você quer, naquela hora você não consegue, mas depois, você não está nem esperando e aquilo acontece. E assim o retorno não é só na vida financeira, tem retorno na vida espiritual, na família. Então assim, muito bom, muito maravilhoso. Mas você tem que ter fé, porque se você duvidar também não resolve não. É você acreditar, que funciona (ENTREVISTADA MARTA).

A Universal propõe um modo de “exercitar a fé”, que basta ser seguida para conseguir a prosperidade. O ato de confiança depositado em Deus, ao sacrificar bens materiais, permite o fiel a exigir o retorno. O entrevistado Robson diz: “eu já dei muito para Deus, e não me arrependo. Mas eu cobro de Deus, o que está na bíblia tem que se cumprir. Eu encosto Deus contra a parede, para não ter para onde escapar”. Agora é Deus que se torna refém dos homens (CÔRTEZ, 2007).

Entrevistei dez pessoas que frequentam a IURD central, seis mulheres e quatro homens. Em minhas idas na igreja sempre havia mais mulheres do que homens participando dos cultos. O pastor Matias comentou sobre essa inclinação maior das mulheres a frequentarem a igreja: “o maior público são as mulheres, porque a mulher é mais aberta para lutar, ela percebe com mais clareza e rapidez que sozinha ela não dá conta”. Então, por isso, estariam mais propensas a apostar na fé.

As idades dos entrevistados variaram de 20 a 65 anos. Com renda familiar mensal variando de um salário mínimo até oito mil reais. Nove dos dez entrevistados disseram acompanhar a programação da Rede Record de televisão, de novelas a telejornais. E ler a Folha Universal, meio de divulgação da igreja. As respostas acerca de como ficou sabendo sobre a Igreja pela primeira vez, variavam em “pela televisão/rádio” (4 pessoas), “através de parentes” (4 pessoas, mas, na maioria das

vezes, os parentes tinham ficaram sabendo pela televisão/rádio), “foi convidada por um obreiro” (2 pessoas).

Tais respostas demonstram os meios de reprodução da igreja em funcionamento. Por meio de uma rede de colaboradores (obreiros e integrantes dos grupos), que internalizam a lógica da igreja, “produz-se”, nos fiéis, a necessidade de transmiti-la ao próximo. A Universal também usa a televisão para propagar seus “produtos religiosos” (materiais e simbólicos), que, através, de uma espécie de “pesquisa de mercado” agrupa elementos de outras religiões (catolicismo, protestantismo, kardecista, cultos africanos), e também incorpora alguns modelos de terapias, autoajuda e empreendedorismo, de forma que um número cada vez maior de pessoas possa se identificar. A televisão sempre trabalhou na tentativa de moldar o imaginário coletivo, além disso, a presença constante na mídia abre portas para evangélicos assumirem seus ideais também no meio político, assumindo assim mais poder. Portanto, a IURD amplia sua rede de fiéis fazendo uso de uma lei do mercado: a da oferta e da procura. Construindo uma religiosidade que agrupe apelo emocional, consumo, rituais mágicos e discurso fundamentalista (CAMPOS, 2012).

A *Folha Universal* é o jornal semanal dedicado aos adeptos, um veículo comunicativo que retrata o modo de “ser a Universal” e não tem o compromisso jornalístico primordial com imparcialidade. Para embasar suas matérias utiliza como principais fontes a palavra do bispo Edir Macedo e pesquisas científicas citadas sempre de forma arbitrária, pretendendo levar a desdobramentos morais que incitem o leitor a reconhecer determinada questão como certa ou errada. Outra técnica usada no jornalismo “Universal” é a divulgação de suas notícias em uma espécie de “jogo do medo”, como se o mal estivesse à frente, em toda parte, você deve se cuidar para não ser atraído por ele, ressaltando as atitudes que devem ser tomadas para se manter a uma distância segura e no caminho certo.

Mas essa não é uma característica apenas da IURD, essa é uma forma de conduzir o indivíduo a partir do liberalismo. Segundo Foucault (2008), há no século XIX uma “cultura política do perigo”, que, ao contrário dos perigos temidos na Idade Média que se centravam nas grandes epidemias e possíveis catástrofes, resalta um perigo cotidiano, iminente, insidioso:

Vocês veem o aparecimento da literatura policial e do interesse jornalístico pelo crime a partir do meado do século XIX; vocês veem todas as campanhas relativas as doenças e a higiene. Vejam tudo o que acontece também em

torno da sexualidade e do medo da degeneração: degeneração do indivíduo, da família, da raça, da espécie humana. Enfim, por toda parte vocês veem esse incentivo ao medo do perigo que é de certo modo a condição, o correlato psicológico e cultural interno do liberalismo. Não há liberalismo sem cultura do perigo (FOUCAULT, 2008c, p. 90-91).

A “cultura do perigo” é uma técnica da governamentalidade do liberalismo, que consiste em procedimentos de controle, de pressão, de coerção; combinando, de forma aparentemente contraditória, o pressuposto da liberdade com os mecanismos disciplinares, afinal, para Bentham, “o panóptico é a própria fórmula de governo neoliberal” (BENTHAM, apud, FOUCAULT, 2008c, p. 91). A “cultura do perigo” é constantemente agenciada pela IURD, pois tal denominação religiosa, ao explicar a distribuição desigual das bênçãos no mundo pela luta eterna entre o bem e o mal, requer dos seus fiéis uma vigilância constante em relação aos riscos presentes no cotidiano: o vício, a doença, o desvio moral, todos potencialmente manifestações do diabo. Para além da vigilância, ela incita ações constantes dirigidas à prevenção do maléfico. Nesse processo, a doação é a ação por excelência, pois consiste na chave que permite passar do profano ao sagrado. Além disso, divulga seus “milagres” pela mídia, mostrando uma “real” prosperidade a quem é fiel, construindo, ao mesmo tempo, uma identidade, de como “ser a Universal”: torna-se, de fato, um modo de vida. Esse, por sua vez, é acatado por uma parcela da população, que procura a igreja, na maioria das vezes, em situações de vulnerabilidade, e são incitados a doar para prosperar e se livrar do mal.

3.1.: Perfil socioeconômico do fiel

Neste tópico apresento e analiso alguns dos dados obtidos através da aplicação de cinquenta questionários, metade aplicada pessoalmente na Igreja localizada no centro da cidade de Uberlândia, e a outra metade respondida por fiéis da Igreja via internet, que foram selecionados a partir de “curtidas” na página da Universal de Uberlândia no *Facebook*, com a condição de que obrigatoriamente frequentassem a reunião do Congresso Empresarial⁵⁷.

Os entrevistados são moradores dos mais diversos bairros (APÊNDICE 5): bairros distantes da Igreja e considerados periféricos como o São Jorge (8%) e Shopping Park (4%), localizados na zona Sul da cidade; e Guarani (8%), Jardim das Palmeiras

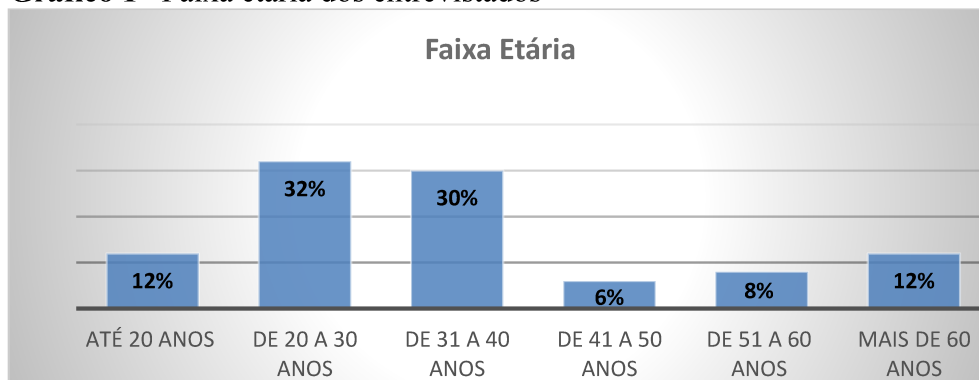
⁵⁷Nos anexos há mais dados que não foram discutidos, tais como estado civil (APÊNDICE 1), cor/raça (APÊNDICE 2), se o entrevistado está estudando atualmente (APÊNDICE 3), e a naturalidade (APÊNDICE 4) do fiel que frequenta a unidade localizada no centro de Uberlândia.

(4%) e Jardim Patrícia (4%), localizados na zona oeste da cidade; 2) áreas mais próximas da Igreja, como os bairros da zona leste, como o bairro Santa Mônica que concentra a maioria (10%) e o bairro Tibery (6%); 3) bairros centrais (6%); 4) e por fim, em proporção consideravelmente menor, pessoas que moraram em bairros de classes mais altas como o Fundinho (2%).

A faixa etária foi bem variada, mas se concentrou nas faixas de 20 a 30 anos (32%), e de 31 a 40 (30%), provavelmente porque parte da aplicação dos questionários foi realizada via internet facilitando o acesso aqueles que possuem mais familiaridade com o meio virtual, normalmente os mais jovens. Usou-se essa ferramenta como instrumento metodológico em razão das dificuldades em conseguir autorização da Igreja para aplicar o questionário em seu espaço, o que gerou uma série de constrangimentos nas vezes que tentei. E, mesmo ao usar a nova abordagem, também ocorreram manifestações de desconfiança, uma vez que um dos pastores responsáveis pela reunião do Congresso Empresarial afirmou que estava recebendo o *link* do questionário *on-line* de alguns fiéis, que pensaram se tratar de alguma “armação”. Em todo percurso da pesquisa houve por parte dos pastores e de alguns fiéis receio em me passar informações, o que se evidenciava no fato que muitos membros não falavam comigo antes de pedirem permissão ao pastor, que, quando consultado, não autorizava as entrevistas.

Mas, de fato, em observação feita no trabalho de campo, o público que frequenta essa unidade da Universal pertence a faixas etárias bastante diversificadas, variando de acordo com horário e com dia da semana. Por exemplo: as reuniões que acontecem a tarde em dias de semana têm uma maior parcela de pessoas idosas (acima de 55 anos), já na segunda-feira à noite na reunião da prosperidade a maior parcela é de pessoas de meia idade (35 a 55 anos), e no domingo de manhã há muitas famílias completas, e uma parcela grande de jovens (até 35 anos).

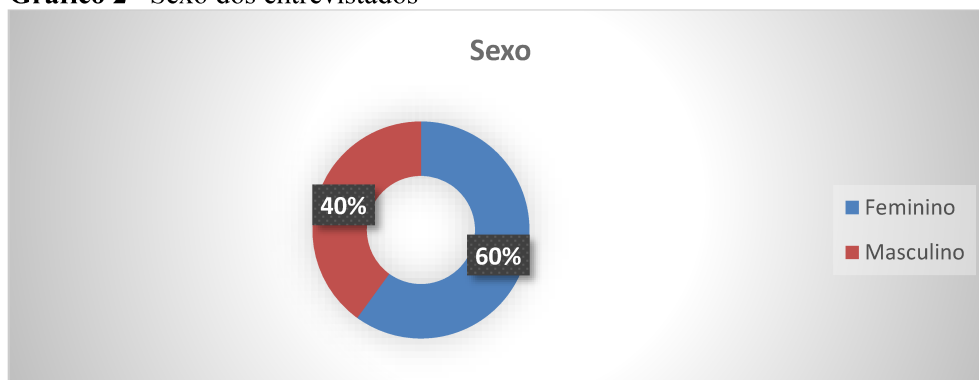
Gráfico 1 –Faixa etária dos entrevistados



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Como foi ressaltado por Maria das Dores C. Machado em 2005, a maior taxa de fiéis da Universal é do sexo feminino. Nos questionários aplicados tal tendência permaneceu, somando 60% de frequentadoras mulheres, e 40% de frequentadores homens. O discurso atrai mais as mulheres, e apesar de não existir na Universal de Uberlândia nenhuma pastora, há muitas mulheres atuantes na Igreja, como as mulheres dos pastores que fazem atendimento toda quinta-feira auxiliando de perto os problemas das fiéis. Em muitos relatos a primeira pessoa a ir para a Universal foi alguma figura feminina da família: avó, mãe, irmã, esposa. Como está socialmente estabelecido, a mulher é quem deve cuidar de sua família, e por isso acaba sendo ela que recorre a Igreja buscando superar adversidades, tais como: dificuldades financeiras, desemprego, doença, problemas conjugais, etc.

Gráfico 2 –Sexo dos entrevistados

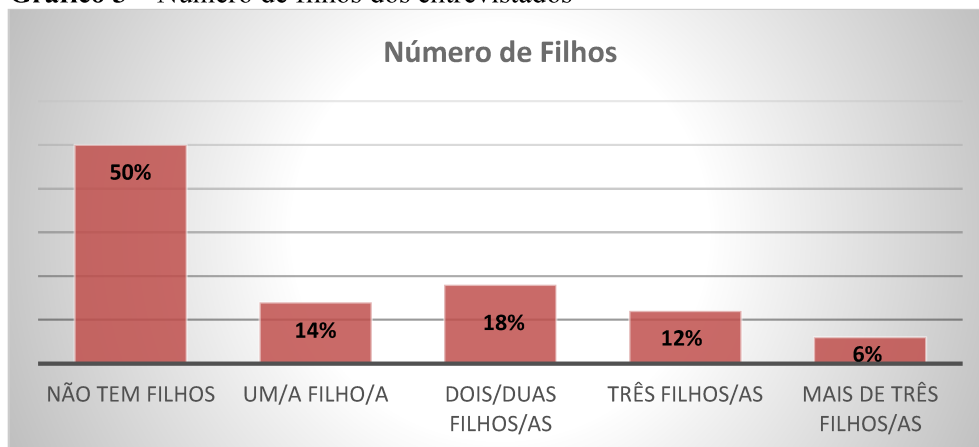


Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Na IURD há uma preocupação com o planejamento familiar, pois a prosperidade do fiel dependerá também disso. É aconselhado aos membros que se relacionem afetivamente com quem também é “da obra”, e que reflita antes de ter filhos, podendo, em alguns casos, chegar à conclusão de que é melhor não os ter (GOMES, 2009). O

resultado dos questionários está em conformidade com essa análise, uma vez que 50% das pessoas que responderam o questionário disseram não possuir filhos. Como pode se observar no gráfico a seguir:

Gráfico 3 – Número de filhos dos entrevistados



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Um dos membros da Igreja que auxilia o pastor no grupo de jovens em Uberlândia e que atua também como *influencer* digital, possui um blog⁵⁸ denominado “Joga no Google”, que faz parte da plataforma da R7, site da Rede Record. Ele discute questões sobre relacionamento, carreira, moda, espiritualidade, etc. Sua imagem é a representação perfeita do “homem moderno” como é proposto pela Igreja. Ele recentemente publicou um texto⁵⁹ discorrendo sobre a sua opção por não ter filhos, pois segundo ele sua vida e profissão são prioridades e que considera desleal com o filho e com a esposa delegar a função apenas a ela. Diz não ter vocação para a paternidade, não ter muita paciência, e possuir medo de que o filho não tenha os mesmos valores que os seus. Então ele mesmo se coloca a pergunta: “Mas você não é cristão, não tem fé, não acredita na família?”. E responde: “Sou cristão, tenho fé, acredito na família, mas cada um faz suas escolhas e ninguém consegue escolher pelo outro. O mundo está de cabeça pra baixo! O certo hoje em dia é errado e o errado é certo”.

O trabalho de Edlaine de Campos Gomes (2009), nessa mesma perspectiva, demonstra que a retórica neopentecostal da busca pela abundância perpassa pelo planejamento do número de filhos, que se torna fundamental para a concretização da prosperidade. Tanto que o líder Edir Macedo expressa sua opinião favorável a respeito do aborto abertamente. Em seu blog postou um texto sobre o tema em 10/10/2008

⁵⁸ Link: <http://brunofiguereado.com.br/> Acesso em 29/03/2017.

⁵⁹ Link: <http://brunofiguereado.com.br/motivos-para-nao-ter-filhos/> Acesso em 29/03/2017.

(GOMES, 2009) e o compartilhou novamente em 14/03/2009 trazendo dados de quantas mulheres são mortas em decorrência de abortos mal feitos e pedindo para que o leitor “use a razão e reflita”. Em suas palavras:

Eu sou a favor do aborto. Não é que eu ache que toda grávida deveria abortar, mas acho que nem toda grávida tem condições de ter um filho. Podemos considerar esse assunto sob ponto de vista socioeconômico, do ponto de vista da fé ou do ponto de vista emocional. E como quase tudo na vida se esclarece ao perguntar... eu pergunto: Qual a camada da sociedade [em que] o índice de crescimento populacional é mais acentuada e por quê? A quem interessa a multiplicação desordenada de seres humanos? Quem ganha e quem perde? Por que muitos são contrários ao aborto dos outros enquanto eles mesmos o promovem às ocultas? Por que a mesma consciência que condena o aborto despreza os filhos gerados à revelia? Qual a chance de uma criança abortada perder a salvação de sua alma? Qual a chance de uma criança chegar à idade adulta perder a salvação de sua alma? Quando somos sinceros ao responder essas perguntas, a questão sobre o aborto não parece mais tão errada como se pregam. Dizer que o aborto é gerado pela falta de temor a Deus, nem sempre é verdade, pois e em casos de estupros, ou defeito etc.? Com ou sem aborto a promiscuidade continuará. Ora, vamos usar a nossa fé inteligente – é muito confortável para os que têm condições serem contra o aborto, mas e aqueles que passam fome, o que será deles com mais um filho para sustentar? Deus abençoe a todos abundantemente.⁶⁰

A afirmação de Edir defendendo o aborto em casos de estupro, anomalias e dificuldades financeiras, é oposta a posição da frente religiosa evangélica na política, que é contra a regulamentação do aborto, visto por eles como “crime hediondo”. Pesquisas indicam que essa posição do líder da IURD interfere na decisão do fiel em procriar, fiéis da IURD têm menos filhos que a maioria dos de outras igrejas evangélicas (GOMES, 2009):

A pesquisa “Novo Nascimento” (Fernandes, 1998, p.105) apontou os seguintes dados sobre o número médio de filhos entre as igrejas protestantes e evangélicas: outras pentecostais 3.7, Assembleia de Deus 3.5, Renovadas 3.2, Batista 3, IURD 2.9, Históricas 2.8. A sugestão para a diferença entre a IURD e as demais pentecostais consiste na possível aceitação dos fiéis das campanhas “antinatalistas”, sistematicamente efetuadas por esta igreja (GOMES, 2009, p. 110).

Por meio da aproximação dos fiéis com a Igreja a partir dos grupos (Godllywood, Intellimen, FJU, Calebe), o controle dessa recomendação se tornou mais vigilante, pois para viver a prosperidade é necessário disciplina e sacrifício, a abundância futura depende das ações no presente. A chamada sociedade do consumo

⁶⁰ Link: <http://blogs.universal.org/bispomacedo/2009/03/14/aborto-2/> Acesso em 29/03/2017.

que incita ao gozo compulsório tem como contrapartida a necessidade do sacrifício, pois é imperativo ser comedido, é preciso sacrificar, é necessário passar por privações. Seja para alcançar o corpo perfeito, um bom emprego ou a “atenção de Deus”, precisa-se sofrer para conseguir. Como ressaltou Silvia Viana (2012) ao tratar da renovação do guarda roupa das participantes do *reality* Esquadrão da Moda: “não se trata de consumo, mas do investimento daquelas pessoas em si mesmas para que não sejam aniquiladas” (VIANA, 2012, p. 116-117).

Em suma, o sacrifício consiste em um ritual de passagem, sem o qual não é possível a conquista. A partir da ótica da IURD, a obrigação de cada fiel para manter a salvação é renunciar e pagar dia a dia por ela. Acreditar que se está livre de realizar um sacrifício seria uma “acomodação da fé”, o contrário do pregado pela igreja: a “fé em ação” (GOMES, 2009, 106).

Segundo os resultados do censo de 2010 a Universal perdeu adeptos, de 2.101.884 para 1.873.243 fiéis, perda de 10,8% (MARIANO, 2013, p.126). Enquanto que de 1991 a 2000 seu crescimento foi de 681,5% (MARIANO, 2013, p. 132). Uma explicação que Mariano (2013) sugere para a diminuição de fiéis é que muitas denominações religiosas incorporaram a Teologia da Prosperidade, não só a Universal propaga que a vida do fiel deve ser abundante.

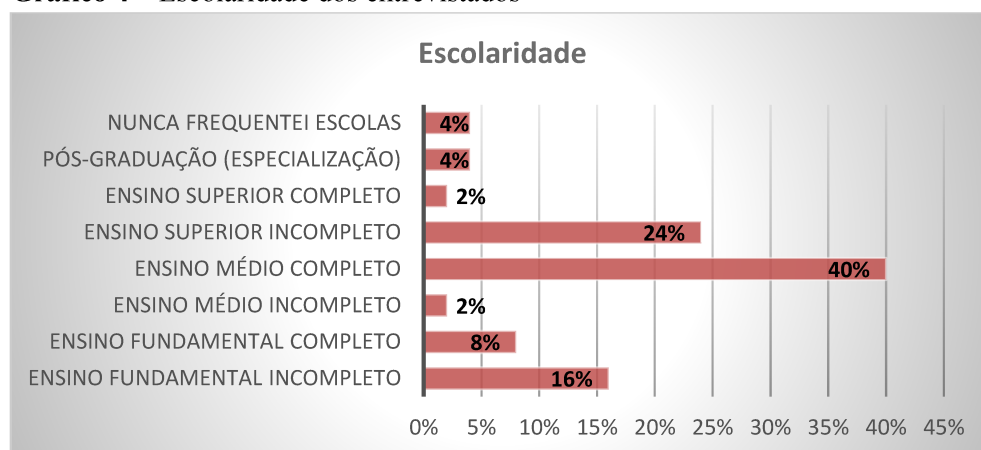
Nesse sentido, a criação dos novos grupos *Godllywood* (2010) e *Intellimen* (2013) foi, provavelmente, uma resposta da Universal para conter a perda de fieis e fazer frente à concorrência, sendo uma alternativa para “fidelizar o cliente”. Além disso, os grupos aproximaram o fiel da Igreja, que pode agora acompanhar de perto se os investimentos dos próprios fies em eles mesmo e na fé, estão, de fato, sendo feitos. E essa foi uma de suas novas estratégias para manter a sua atuação e controle. Edir, inclusive, comenta no vídeo de apresentação do *Godllywood* que aprovou o projeto do grupo para que as esposas dos pastores tivessem uma função dentro da Igreja, e com isso evitaria que os pastores saíssem da Igreja para fazer a obra por conta própria⁶¹.

Quanto ao perfil socioeconômico dos pentecostais (não encontrei dados apenas da IURD), os dados do Censo 2010 mostram que 63,7% dos pentecostais acima de 10 anos ganham até um salário mínimo, 28% recebem entre um e três salários e 42,3% dos acima de 15 anos têm apenas o ensino fundamental incompleto (MARIANO, 2013, p. 125). No resultado dos questionários o nível de escolaridade foi mais alto, 40%

⁶¹Link: <https://www.youtube.com/watch?v=ePN2j7vcJKY> Acesso em 30/03/2017.

respondeu ter o ensino médio completo, seguido de 24% com o ensino superior incompleto. Veja no gráfico a seguir:

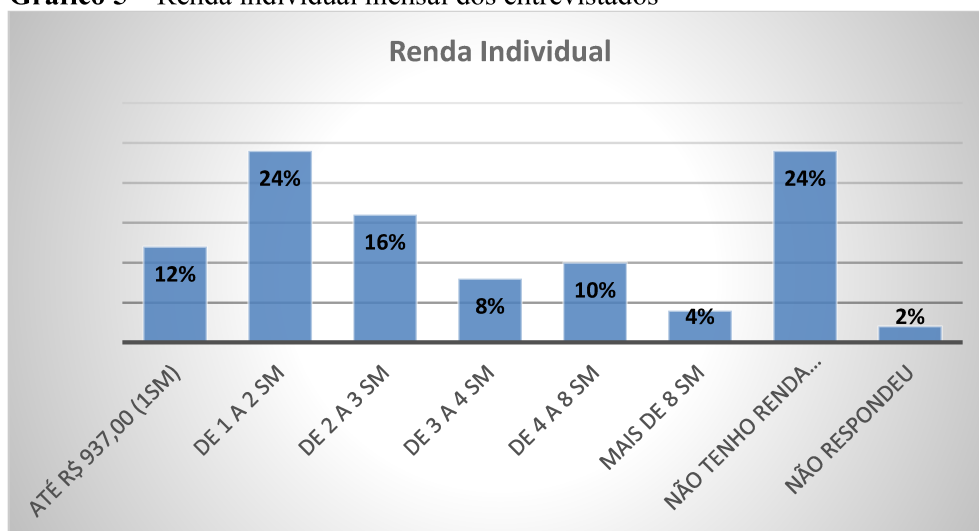
Gráfico 4 – Escolaridade dos entrevistados



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

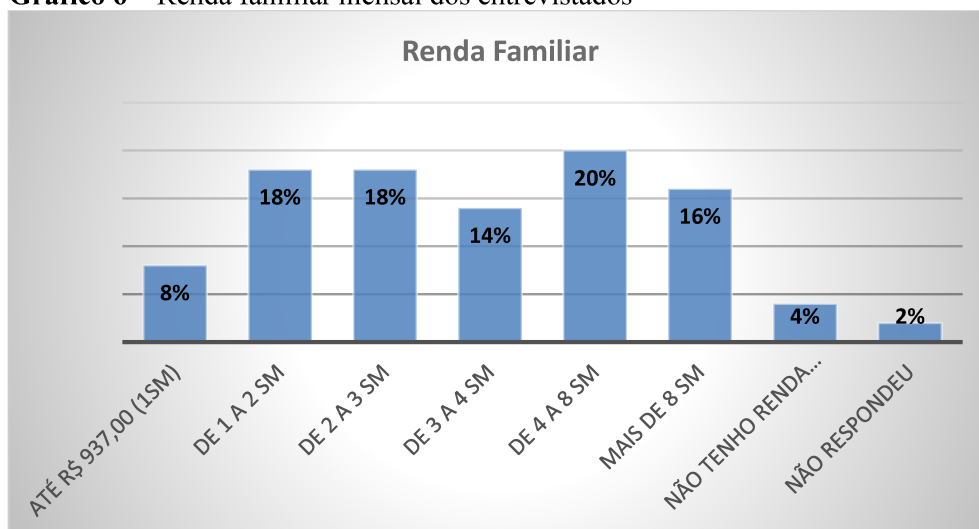
Na questão da renda individual, 24% responderam não ter renda, 12% disseram receber até 1 salário mínimo (SM); outros 24% disseram ganhar de 1 a 2 SM. Além disso, 16% responderam que recebem de 2 a 3 SM, 8% recebem de 3 a 4 SM, e 10% de 4 a 8 SM. Tais dados demonstram que não é apenas a classe menos favorecida que têm se sentido atraída pelas promessas de prosperidade da Igreja. Isso se torna mais evidente ao analisar o gráfico sobre a renda familiar, em que 20% diz ganhar entre 4 e 8 SM, além de que 16% afirmou ganhar mais de 8 SM. Tais resultados podem decorrer de duas hipóteses: 1) a elevação de renda do fiel que já estava na Universal; ou 2) outras classes e frações de classe, com rendimentos maiores, foram também capturadas pela propaganda iurdiana. Segue os gráficos com os dados de renda mensal individual e familiar:

Gráfico 5 – Renda individual mensal dos entrevistados



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 6 – Renda familiar mensal dos entrevistados



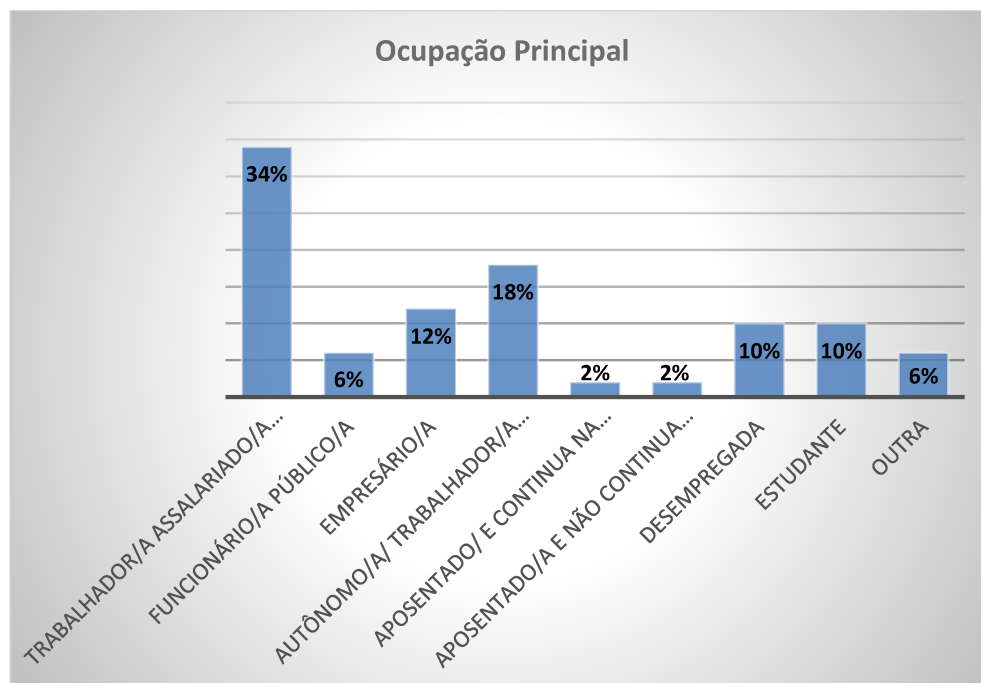
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Na questão de trabalho, os resultados foram os seguintes: 34% são trabalhadores(as) assalariados(as) do setor privado, 18% trabalhadores(as) autônomos(as), e 12% empresários(as). Comparado com dados do IBGE de 2013, os índices referentes ao sudeste, demonstram que 74,9% são trabalhadores assalariados, 4,5% é empregador, e 19,1% trabalha por conta própria⁶². No caso dos membros da IURD se somar os empresários e os autônomos, tem-se 30% de trabalhadores não assalariados, demonstrando uma taxa superior em relação ao sudeste, que somando empregador e trabalhador por conta própria representam 23,6%. Esse dado mostra que têm eficácia o discurso empreendedor oferecido pela Igreja, seja para atrair fiéis de

⁶²http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad_continua/analise04.shtm Acesso em 24/04/2017.

outras frações de classe ou para inspirar o indivíduo já convertido a experimentarem novas possibilidades no mercado de trabalho.

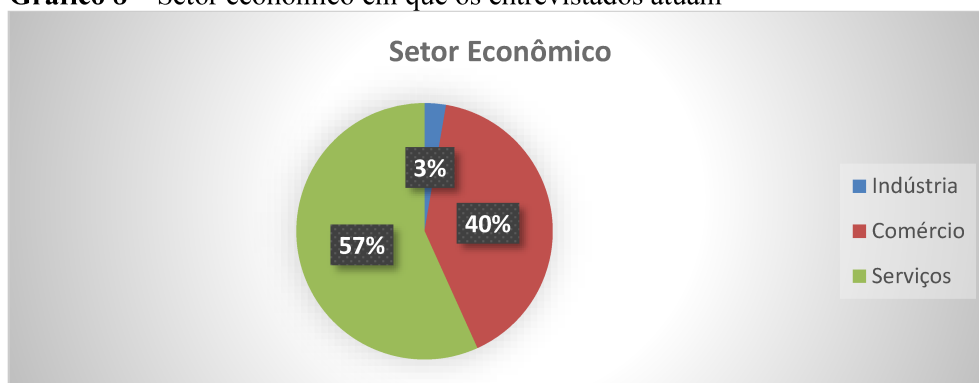
Gráfico 7 – Ocupação principal dos entrevistados



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Tanto que no trabalho de campo, observei diversos testemunhos que narravam a passagem do fiel de empregado(a) para dono(a) da própria empresa ou para autônomo(a). Um exemplo que vale a pena ser ressaltado é o de Cleusa, que percebendo uma demanda das próprias fiéis da Igreja que demonstravam dificuldades em encontrar roupas adequadas, criou uma loja de moda evangélica chamada “Universo da mulher” (ANEXO L), que oferece atendimento exclusivo, uma espécie de *personal stylist*. Ela é uma das pessoas que incorporou o espírito empreendedor e descobriu dentro da própria igreja uma oportunidade de ampliação do mercado. Entretanto a maior parte dos membros ainda é trabalhador assalariado e atua, em sua maioria (57%) no setor econômico como prestadores de serviço. Outros 40% estão no comércio e apenas 2% trabalha na indústria.

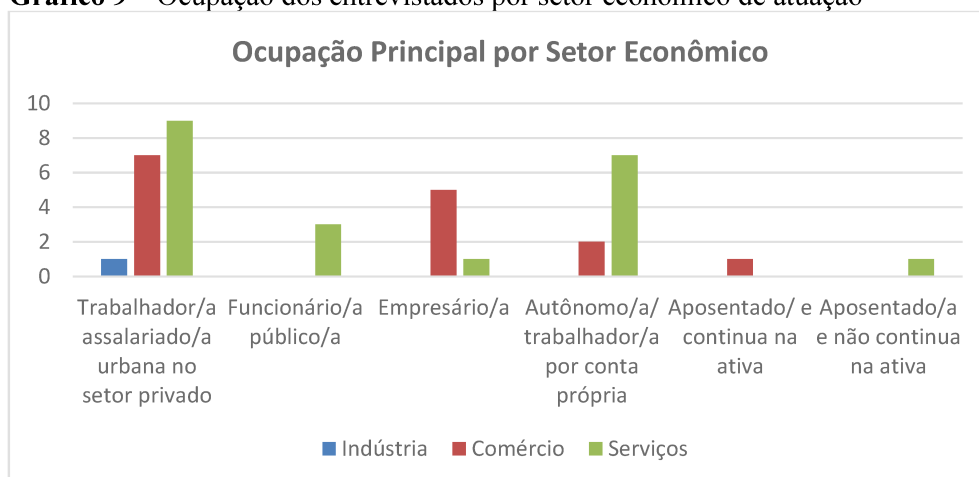
Gráfico 8 – Setor econômico em que os entrevistados atuam



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

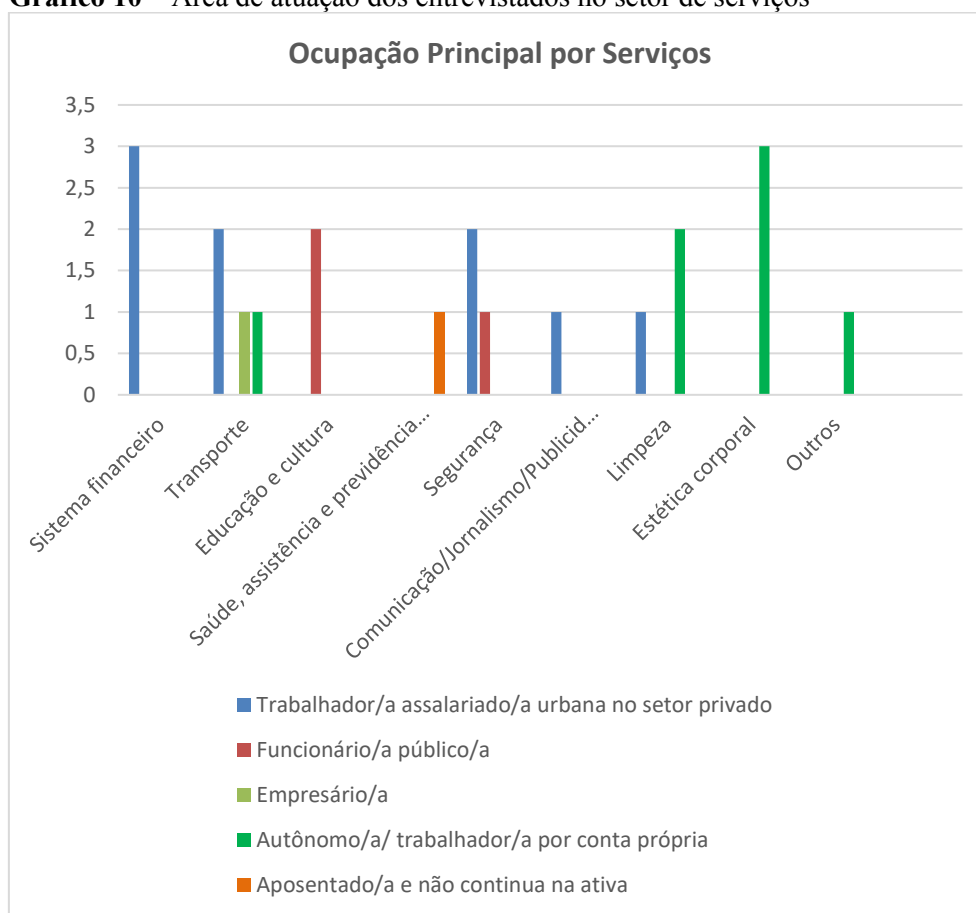
Os(as) trabalhadores(as) urbanos(as) do setor privado atuam, em sua maioria, no setor de serviços, principalmente nas áreas de sistema financeiro, *telemarketing*, transporte, motoristas de ônibus, segurança, jornalismo/comunicação e limpeza. Os trabalhadores(as) autônomos(as) também estão em maior proporção no setor de serviços, mas exercem suas atividades principalmente no campo da estética corporal, o que se observa no relato de muitas mulheres que disseram oferecer esse tipo de serviço a domicílio, e também no campo da limpeza ao relatarem seu trabalho como diaristas. Os poucos funcionários públicos trabalham como servidores nas áreas de educação e segurança. Já os (as) empresários (as) estão predominantemente no setor de vendas, no comércio.

Gráfico 9 – Ocupação dos entrevistados por setor econômico de atuação



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 10 – Área de atuação dos entrevistados no setor de serviços



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

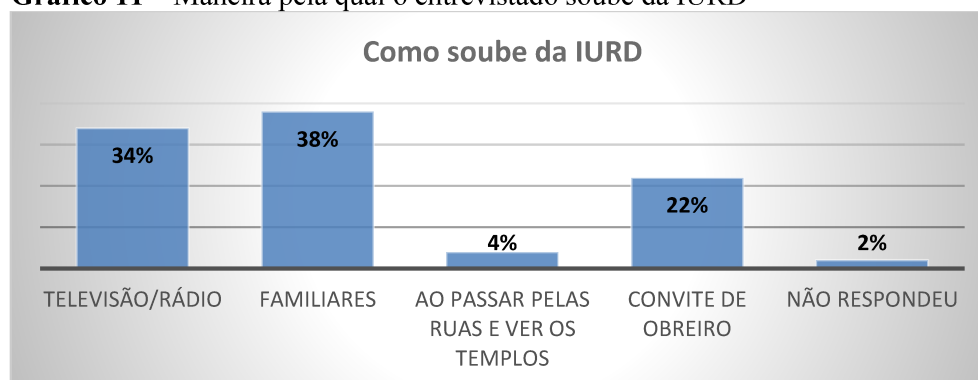
3.1.2. Concepções culturais e políticas do fiel

O tamanho investimento no *marketing* por parte da IURD com certeza trouxe resultados. A Igreja ganhou bastante visibilidade principalmente a partir de 1989, quando adquiriu a Rede Record, e incluiu em sua programação conteúdos evangélicos, decorrente disso alcançou também legitimidade e poder político. A partir de um tipo de bricolagem (ORO, 2006) ou “fagocitoso religiosa” (ALMEIDA, 2009), que incorpora em seus cultos elementos de quase todas as outras religiões, e ao propagar aceitar pessoas de qualquer religião, a Universal se estabeleceu no disputado mercado religioso.

A maioria dos entrevistados respondeu que soube da IURD através de familiares (38%), mas na maior parte das vezes o parente que lhe fez o convite para conhecer a Igreja entrou em contato pela primeira vez por meio da televisão, alternativa esta que se configura como a segunda maior taxa da pesquisa uma vez que 34% dos entrevistados disseram que tomaram conhecimento via TV ou rádio. Isso demonstra que o

investimento da IURD nos meios midiáticos trouxe resultados, haja vista sua capacidade em capturar futuros fiéis. Outra forma de propagação da Igreja é realizada por meio do “boca-a-boca” promovido pelos(as) obreiros(as), que também mostrou ser uma forma eficaz, já que 22% responderam que foram para a Igreja depois de receber convite de algum obreiro(a).

Gráfico 11 – Maneira pela qual o entrevistado soube da IURD

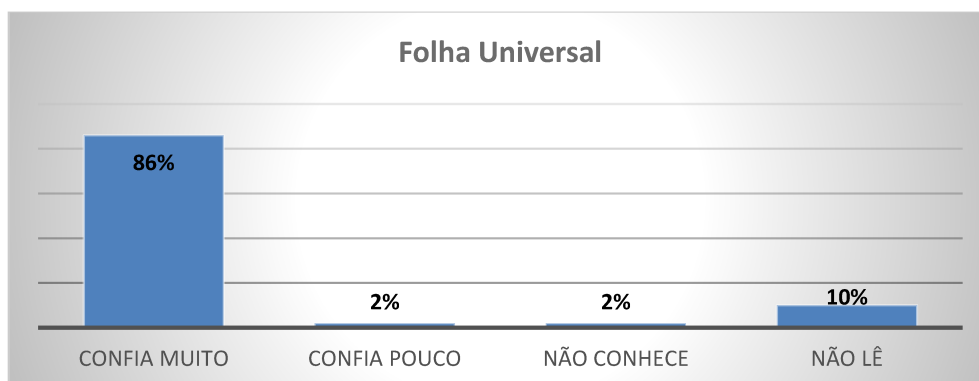


Fonte: Dados apurados pela pesquisa

As mídias relacionadas à Igreja como a Folha Universal e a Rede Record estão presentes cotidianamente na vida do fiel, haja vista a identificação que os entrevistados demonstraram com as temáticas e formas de abordagens de tais meios. A Folha Universal é um meio que transmite uma moral de contuda, e além disso, divulga tanto as ações da Igreja como seus produtos. O Arcacenter, site de compras de produtos da Universal, aparece em quase todas as páginas. Também contém anúncios de sapatos, de dentistas, de cosméticos, de vitaminas, de viagens, todo um acernal de consumo-investimento que é aconselhado que o fiel faça. Recentemente a Universal criou o seu próprio serviço de streaming, a Univer Vídeo, uma espécie de Netflix iurdiana, com mensalidade de RS14,99, por meio da qual o adepto pode assistir diversos filmes baseados em histórias bíblicas e vídeos de reuniões realizadas no Templo de Salomão.

A grande maioria dos entrevistados (86%) responderam que leem e confiam muito na Folha Universal. Ou seja, as pautas defendidas pela Igreja formam a base do que eles acreditam ser verdade, do que encaram como certo e errado em sua atividade habitual. Dessa forma a Igreja molda a forma que o fiel vê o mundo, além de despertar seus desejos de consumo, ajustando a conduta do sujeito ao modelo determinado pela Igreja, que, como vimos, combina com o “espírito” neoliberal em pauta. Direcionando o fiel para uma racionalidade do investimento, tanto no investimento em si mesmo, quanto no investimento na fé.

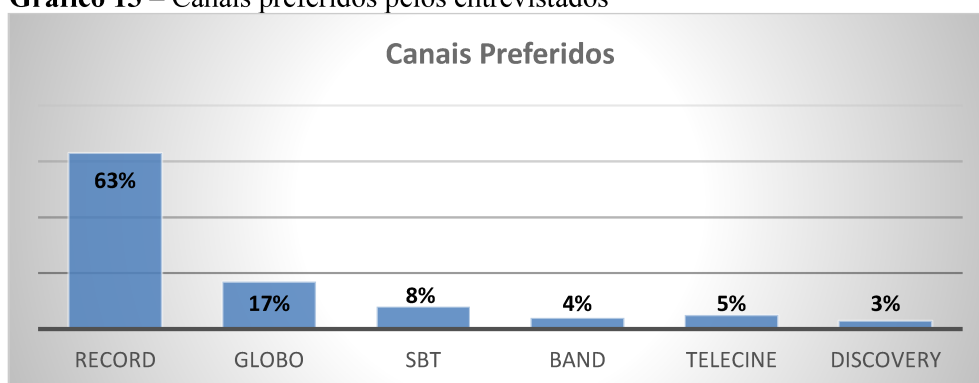
Gráfico 12 – Nível de confiança na Folha Universal



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Mas quando se trata do Jornal da Record esse número não é tão alto, apenas 60% disseram confiar muito, e a segunda taxa mais alta foi a que confia pouco, representando 30%, que configura um grau de desconfiança expressivo (APÊNDICE 6). Mas mesmo assim o que foi observado é que de modo geral os interrogados por esta pesquisa assistem e confiam muito mais na Rede Record, do que em outras grandes mídias (APÊNDICE 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13). Ao responderam sobre qual era o canal preferido, 63% disseram a Record e 17% responderam preferir a Globo, o que demonstra uma contradição, porque dada a estratégia discursiva da Record de metamorfosear as denúncias sofridas como ataques persecutórios perpretados pela emissora rival, podia-se imaginar uma maior rejeição à Globo, contudo, como os dados indicam, uma parte expressiva dos adeptos ainda a preferem. Veja no gráfico a seguir:

Gráfico 13 – Canais preferidos pelos entrevistados



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Dos 63% entrevistados(as) que tem preferência por assistir a programação da Record, 34% têm predileção pelas novelas. Como os temas são bíblicos, a novela é encarada mais do que um simples entretenimento, é uma forma de reconhecimento, eles

se identificam com os personagens. As novelas sempre fizeram parte da cultura brasileira, sendo assim a estratégia de escolhê-la como gênero televisivo e a metamorfosear como novela bíblica faz parte também do processo de “fagocitose”, demonstrando a tática flexível da Universal no processo de arregimentação de adeptos, ao se adequar o quanto for preciso para arrebanhar mais fiéis e fideliza-los. Outros 24% disseram acompanhar os jornais da emissora e 18% assistem a programação da Igreja (como o *The Love School*, programa sobre relacionamento apresentado pelo casal Cristiane e Renato Cardoso, o *Fala que eu te escuto*, as transmissões dos cultos, entre outros). Observe no gráfico abaixo:

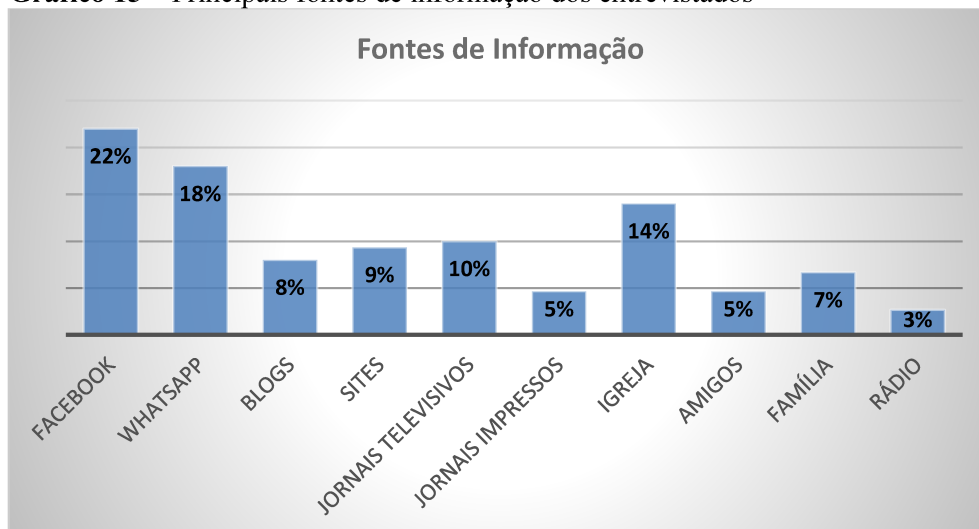
Gráfico 14 – Predileção dos entrevistados quanto os programas da Record



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Uma nova estratégia utilizada pela IURD para “fidelizar o cliente” é utilizar as redes sociais para difundir suas ideias e ensinamentos. Os principais compartilhamentos dos fiéis que acompanhei pelo Facebook eram sobre os ideais pregados pela Igreja, as modulações de conduta, e a propagação da dita “fé inteligente”. Uma das fieis que estabeleci contato disse que a Universal era mais que uma igreja, era uma escola da fé. Nesse sentido, os fiéis passam a “trabalhar” espontaneamente na divulgação dos preceitos iurdianos. Além disso, todos os grupos (Godllywood, Intellimen, FJU, Calebe) e sub grupos (criados pela separação por idades, como no Godllywood; ou em tribos como é o caso do FJU), possuem um grupo no WhatsApp pra dividirem informação de forma rápida e que alcance mais pessoas. Os(as) entrevistados(as) responderam que suas principais fontes de informação são: o WhatsApp (22%), o Facebook (18%) e a Igreja (14%). Como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 15 – Principais fontes de informação dos entrevistados



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

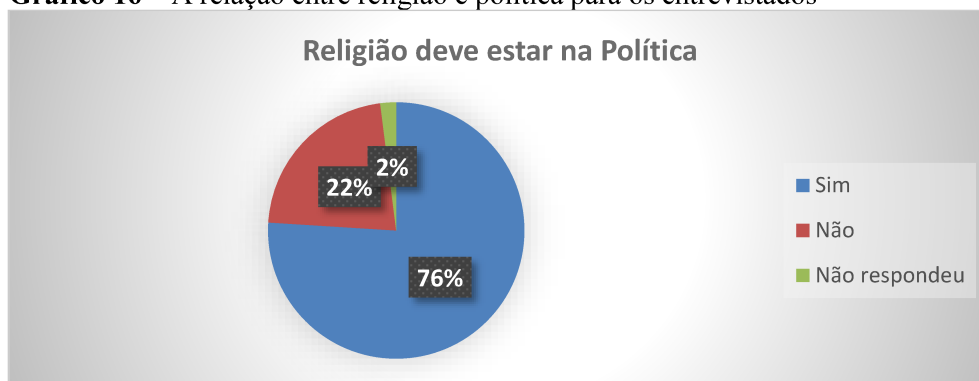
Além disso, 92% (APÊNDICE 14) disseram gostar de ouvir música, e quando questionados sobre o gênero musical preferido, 51% (APÊNDICE 15) responderam que escutam, na maioria das vezes, músicas gospel. Tais dados representam que na realidade vivida pelo fiel, a temática bíblica perpassa por todas as esferas de sua vida, inclusive nos momentos de entretenimento, como ao assistir uma novela ou ouvir uma música.

Acerca de questões políticas, são poucos entrevistados que responderam possuir preferência por algum partido político, apenas 18% (APÊNDICE 16) afirmaram terem favoritismo por algum partido específico. A maioria, totalizando 67% (APÊNDICE 17), tem predileção pelo partido PRB (Partido Republicano do Brasil), um dos principais partidos que representa a Universal no campo político.

Mas o surpreendente é que mesmo que a maior parte dos entrevistados, 92% (APÊNDICE 18), não admitam possuir preferência por algum partido político, pode-se observar no gráfico abaixo que ainda assim 76% das pessoas que responderam o questionário acreditam que a religião deve estar presente na política. As principais justificativas era que achavam necessário que tivessem pessoas “de Deus” defendendo os interesses dessa parcela (evangélica) da população. Desse modo, fica claro que mesmo que não possuam filiação partidária, há uma inclinação para apoiarem candidatos que a Igreja indica. Nas últimas eleições municipais, de 2016, foi eleito o vereador Isac Cruz pelo PRB⁶³, que teve a candidatura apoiada pela Igreja.

⁶³ Nas últimas eleições municipais o PRB elegeu 1619 vereadores e 106 prefeitos.

Gráfico 16 – A relação entre religião e política para os entrevistados



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Conclui-se que a Igreja Universal localizada no centro abarca pessoas que residem em diferentes locais da cidade de Uberlândia, e que pertencem às classes sociais também variadas: o *influencer* digital e a empresária dividem o mesmo espaço com a balconista do quiosque do shopping, a diarista, e o desempregado. Todos em busca de uma vida mais próspera, que representa no contexto atual estar inserido no mercado de trabalho, realizando investimentos no próprio capital humano, por meio, muitas vezes, de consumos que funcionam eles mesmos como investimentos em si mesmos, como pode ser muitas vezes compreendido o consumo dos bens simbólicos da Igreja, como o jornal, a televisão, o rádio, a música, as redes sociais.

Foi observado também a precaução que a Igreja aconselha a ter ao pensar em ampliar a família, de modo que a garantia de prosperidade passa pelo planejamento familiar do fiel, filho representa custo⁶⁴. A transformação de vida dita “mágica” requer disciplina e sacrifício, para o sucesso no futuro exige-se ações dedicadas no presente. A pesquisa demonstrou que os fiéis têm se motivado através do discurso empreendedor feito pela Igreja, e muitos têm se arriscado a atuar no mercado por conta própria, ainda que a maior parte dos fiéis sejam trabalhadores assalariados que atuam no setor de serviços.

Quando se trata das concepções culturais e políticas do fiel é visível a influência da Igreja, já que a maioria respondeu ter preferência em assistir as novelas bíblicas transmitidas pela Record, escutar música gospel, ler e confiar na Folha Universal, e, em contrapartida, não acessar e/ou desconhecer a maior parte das demais mídias. Além

⁶⁴ Segundo Foucault (2008c), no neoliberalismo americano há a generalização da grade econômica por toda sociedade, desse modo, relações não econômicas como a entre mãe e filho são interpretadas como investimento que vai construir “o capital humano da criança, capital esse que produzirá renda” (FOUCAULT, 2008c, p. 334).

disso, responderam não possuir preferência partidária, mas, no entanto, defendem que a religião deve estar presente na política. Desse modo, fica claro que os preceitos iurdianos estão presentes em todas as esferas que permeia o indivíduo inserido em tal contexto.

CAPÍTULO 4

IURD Santa Mônica: A ação empreendedora pela resposta divina

Fiz a primeira visita à IURD localizada no bairro Santa Mônica no dia 15 de fevereiro de 2016, às 19h, também em uma segunda-feira. Na ocasião, havia 17 pessoas esperando para começar a reunião e mais dois obreiros auxiliando o pastor. Logo que cheguei se aproximou uma garota, Tatiane, de 18 anos, perguntou se era a primeira vez que eu vinha a Igreja, expliquei que vinha como pesquisadora, ela me disse para ficar à vontade e que após o culto poderia me conceder uma entrevista. Ao contrário da desconfiança percebida nos fiéis que frequentam a unidade central da IURD, no bairro me receberam sollicitamente.

Inclusive, o pastor Daniel também aceitou conceder uma entrevista, apenas com a exigência de que não fosse gravada. Por ser uma igreja menor, ele é o único pastor responsável, que direciona todos as reuniões da semana, com exceção da quinta-feira, em que não há culto. Seu discurso, daquela segunda-feira (15/02/2016), falava sobre a necessidade de que o fiel agisse e confiasse: “tudo é possível para quem quer, Deus só coloca a mão naqueles que são perseverantes. Não pode acomodar”. Chamou atenção para os talentos manuais que as pessoas que estavam ali poderiam ter, como costurar, ou cozinhar, e que a saída da miséria poderia ser esta, que não deviam “enterrar os dons que Deus lhe deu”.

Alice, 43 anos, mãe de André, ambos obreiros da Universal, me relatou o que mudou em sua vida profissional depois que começou a frequentar a IURD. Sua fala expressa a modalidade de modulação da conduta promovida a partir da incitação ao empreendedorismo conduzida pela Universal e condensada no discurso do pastor, pois relata o quanto sua relação com o mundo do trabalho foi transformada desde então: “Antes de vir para o Universal eu só trabalhava para os outros. Então, depois que eu vim pra cá, eu tive a visão de trabalhar pra mim. Aí eu passei a trabalhar só pra mim. Eu sou cabelereira e atendo a domicílio”.

A ideia do empreendedorismo é a que prevalece, que tem o mercado como oportunidade de possibilidades diversas para a ação do indivíduo. O sujeito – empreendedor – deve estabelecer um fim específico que pretende alcançar, impulsionando a melhora de sua própria situação. “O mercado é concebido, portanto, como um processo de autoformação do sujeito econômico, um processo subjetivo

autoeducador e autodisciplinar, pelo qual o indivíduo aprende a se conduzir” (DARDOT & LAVAL, 2016, p. 140)

Para se tornar pastor a mesma lógica é usada. Na Universal, ao contrário das igrejas protestantes históricas e pentecostais clássicas, não há exigência de obter uma formação teológica como pré-condição para adquirir o status profissional de pastor. Nesse sentido, a formação profissional tradicional de conhecimento profundo e especializado da teologia importa menos do que a capacidade – quase intuitiva – de liderar. De forma análoga, no ideal de líder do novo “espírito” do capitalismo (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009) o que importa não é tanto o *know-how*, o *savoir-faire*, a habilidade profissional adquirida, mas a capacidade de lidar da melhor forma possível com cada situação, a capacidade de se adaptar às mudanças contingentes do meio. Como ressalta o pastor Daniel:

Na Universal a gente não tem um curso de teologia, mas o aprendizado é estar lá no meio do povão mesmo, onde tem pessoas que estão sofrendo, gemendo. Então esse foi o meu curso. Meu curso sempre foi a prática, foi nos núcleos⁶⁵, porque lá eu estava muito próximo das pessoas. Então foi ali que eu comecei a ajudar as pessoas, aprender. E assim é como a Igreja Universal faz (PASTOR DANIEL).

A necessidade de adaptação aparece na história de vida de outro fiel entrevistado. Jorge, de 45 anos, trabalhava em um restaurante, mas sofreu um AVC, e por ter ficado com algumas sequelas (movimentos reduzidos), foi afastado do seu emprego. Contou que era católico, mas por intermédio da sua atual esposa, obreira da Universal, começou a frequentar a igreja. E que a partir daí sua vida mudou, porque a IURD o incentivou “a não ficar parado”:

Passei a ser corredor, participei de duas São Silvestre, uma corrida na Pampulha, se for contar as minhas medalhas, acho que dá umas 200 ou mais. (...). E quando comecei a fazer fisioterapia, na APARU⁶⁶, lá tem o disk mel e eu comecei a mexer com isso, a vender mel, foi quando eu comecei a trabalhar como autônomo, que além do benefício que eu recebia, eu vendia o mel também. Aí eu também “cato” umas latinhas na rua, mexo com reciclagem também. E a mãe da minha esposa, vende natura, avon, jequiti, essas coisas. E eu comecei ajudando ela, e ela me indicou, hoje eu vendo também, aí estou trabalhando como autônomo, cada dia estou em um lugar (ENTREVISTADO JORGE).

⁶⁵ Os núcleos são galpões alugados, em pontos da cidade onde não há templos da Universal, para realização de reuniões duas ou três vezes na semana.

⁶⁶ APARU (Associação dos paraplégicos de Uberlândia).

O interessante na fala de Jorge é que depois de ter sido aposentado por invalidez, se reinventou, para se adequar de alguma forma possível ao mercado de trabalho, se tornou consultor de cosméticos, vendedor de mel e de material reciclável. Todos esses empregos – de autônomos – opera em um mercado de trabalho que não garante direitos trabalhistas. Ou seja, o discurso do empreendedorismo tem consequências na esfera dos direitos. Os fiéis da Universal estão migrando para um mercado de trabalho muito mais opaco em termos de direitos sociais, ainda que guiado por exigências claras na questão do mérito e empreendedorismo.

O molde empresarial perpassa a organização da igreja, mas também está no discurso da reunião da prosperidade. O que se exige do fiel é a ação, tanto dentro quanto fora da igreja. A base de sua doutrina é essa, deve-se estar sempre em movimento, a forma do aprendizado é prática e não teórica. Importa o fazer, o inovar, superar os desafios e se adequar da forma mais rápida e eficiente possível.

Entrevistei, nessa unidade, cinco fiéis, três mulheres e dois homens, as idades variavam de 18 a 50 anos. A renda familiar mensal variou de dois a oito mil reais. As histórias de vida se coincidem, no sentido de que todas foram marcadas por um passado de problemas (físicos ou/e psicológicos), que desapareceram após o contato com a Universal, que os ensinaram a “viver a fé”.

Por ser uma igreja de menor porte o único grupo ativo é o de jovens, que se reúnem no sábado à tarde e fazem evangelização uma vez por semana. Há sete jovens ativos na igreja com esse propósito, as reuniões de sábado são mais movimentadas, chegando a reunir até vinte pessoas, mas são poucos os que permanecem na igreja.

Há poucos fiéis ativos na Igreja, mas como me disse o pastor “em toda reunião há pessoas que vem pela primeira vez”. Além disso, segundo ele “é impossível a pessoa vir na igreja Universal e não alcançar o que quer”. Mais uma vez, a ideia de que existe um passo a passo que se seguido corretamente levará o fiel a prosperidade, que seria a confiança na divindade, a fidelidade e a persistência.

Fé é o que? É uma certeza. Então a gente motiva a pessoa a seguir isso, a se alimentar através disso. Porque nós vivemos pela fé, e fé é uma certeza. Hoje eu não tenho dinheiro, mas eu tenho certeza que amanhã eu vou ter. Hoje eu estou desempregado, mas amanhã eu tenho certeza que eu vou estar empregado. E se amanhã eu não estiver? Depois de amanhã eu vou estar. Porque? Porque Deus me prometeu isso. As bênçãos que a bíblia fala, as promessas que a bíblia fala não é algo que está ali no papel, entendeu? Aquilo vai se cumprir, se cumpriu na vida de tantas pessoas, porque não vai se cumprir na minha? Então eu acredito nisso, é na palavra de Deus que eu acredito, é através dela que eu ajo a minha fé. Então eu tenho certeza que vai acontecer.

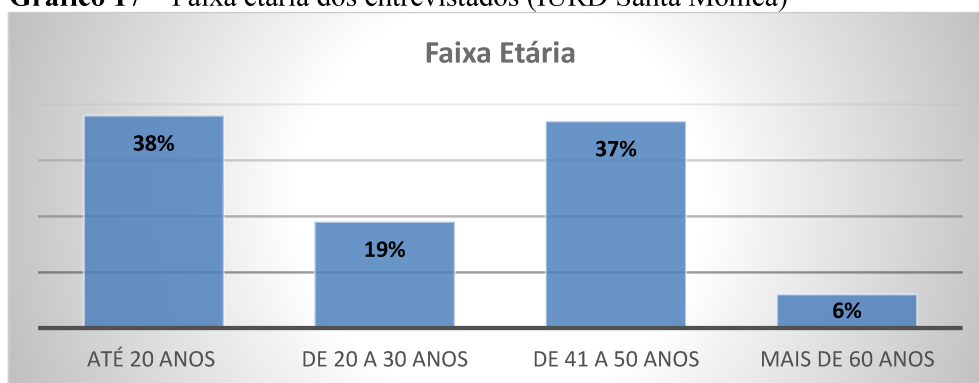
Agora quando a pessoa não alcança, aí você vai conversar com ela, ela fala que desanimou, que não está frequentando a Igreja (PASTOR DANIEL).

4.1. Perfil socioeconômico do fiel

A IURD do bairro Santa Mônica é uma Igreja que possui poucos membros, no máximo trinta pessoas participam das reuniões de segunda-feira. Dezesesseis fiéis, que frequentam a essa reunião, responderam aos questionários, que foram aplicados no próprio âmbito da Igreja⁶⁷. A faixa etária dos entrevistados se concentra entre os muito jovens, 38% possuem até 20 anos, e 37% têm entre 41 e 50 anos. O grupo de jovens é o único dos grupos ativos nessa unidade. Quem pertence a essa Igreja e quer participa dos outros grupos (*Godllywood*, *Intellimen*, *Calebe*) tem que se deslocar para as reuniões na unidade central.

O trabalho de evangelização é realizado, nessa unidade, principalmente por jovens, e eles atraem para Igreja também pessoas com menos idade, pois cria-se uma relação de sociabilidade entre eles, que incentiva a ida para a Igreja. Em dezembro quando retomei a pesquisa de campo, o grupo tinha “resgatado duas almas” naquela semana, dois jovens que eram viciados em drogas, mas que estavam “limpos” a partir do momento que descobriram a Universal. Por isso também a porcentagem de jovens ultrapassa todas as outras idades dos que responderam aos questionários nessa unidade, veja no gráfico abaixo:

Gráfico 17 – Faixa etária dos entrevistados (IURD Santa Mônica)

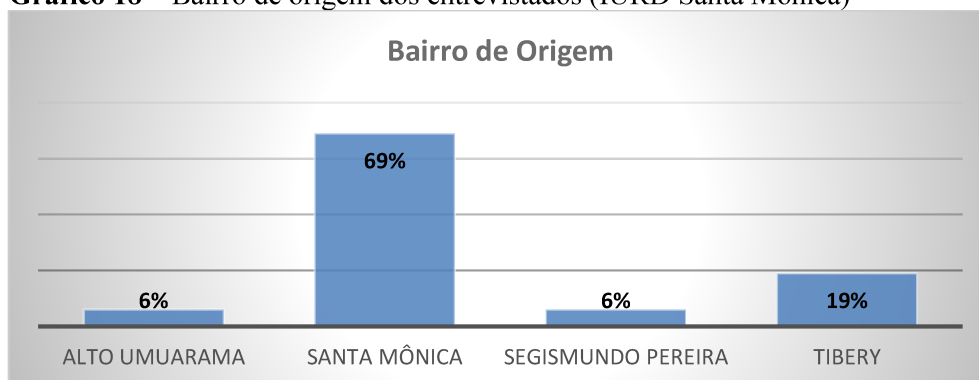


Fonte: Dados apurados pela pesquisa

⁶⁷ Nos anexos há outros dados que não estão discutidos aqui, mas que são também relevantes, são eles: estado civil (APÊNDICE 19), cor/raça (APÊNDICE 20), se o entrevistado está estudando atualmente (APÊNDICE 21), e a naturalidade (APÊNDICE 22) do fiel que frequenta a unidade localizada no Santa Mônica em Uberlândia

Os entrevistados residem, em sua maioria, no mesmo bairro que se localiza o templo, optam por frequentar ali principalmente pela facilidade de acesso, e com isso seu contato com a igreja tende a ser de muita proximidade, comparecem mais de uma vez na semana e cuidam do espaço como se fosse a sua própria casa.

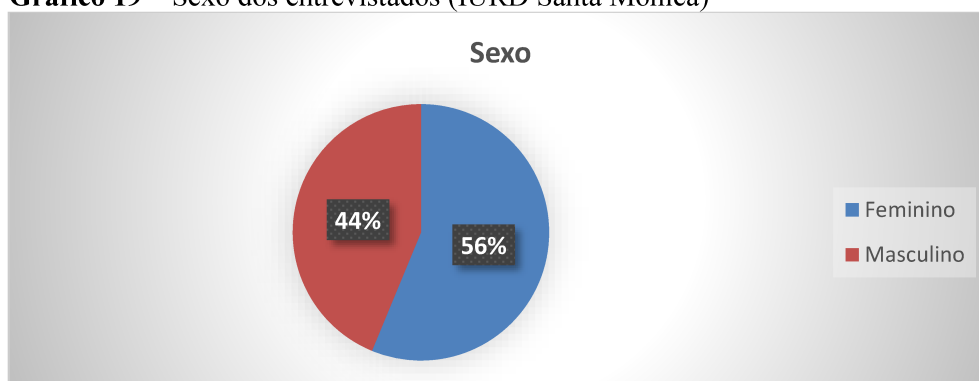
Gráfico 18 – Bairro de origem dos entrevistados (IURD Santa Mônica)



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

As mulheres também compõem a maioria na unidade da IURD no Santa Mônica, embora a porcentagem seja um pouco menor, a parcela feminina representa 56% e a masculina 44%. Muitos dos que frequentam essa Igreja o fazem com mais algum membro de sua família, muitos casais, ou mães e filhos, ou avôs e netos, o que pode ter contribuído para aproximar taxas das representações do sexo feminino e masculino.

Gráfico 19 – Sexo dos entrevistados (IURD Santa Mônica)



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

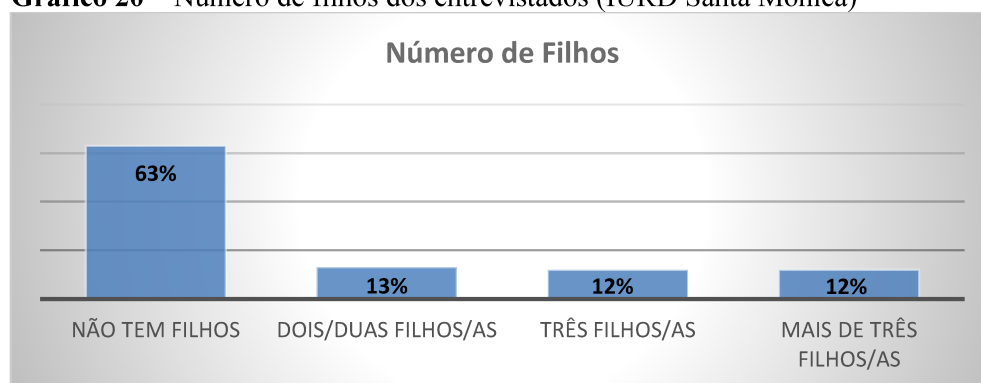
Como a maioria que respondeu eram jovens, 63% disseram que não têm filhos, estando, pelo menos até então, de acordo com a direção apontada pela Igreja, que sugere um planejamento familiar, inclusive recomenda-se aos jovens que se relacione afetivamente com pessoas que sejam também membro da congregação. O fiel André, de 23 anos, que foi entrevistado para esta pesquisa em junho de 2016, trabalhava naquele

momento como jogador de futebol profissional e namorava com uma moça de Sergipe, que ele havia conhecido via internet pelo grupo de obreiros da Universal.

Quando retornei à Igreja, em dezembro do mesmo ano, conversei com o pai de André, que um pouco decepcionado me disse que a carreira do filho como jogador já não existia mais, que mesmo com todos os investimentos que ele havia feito, o filho tinha resolvido ser pastor, e que o outro filho, mais novo, também pensa em trilhar o mesmo caminho. Temos, nesse sentido que o discurso da prosperidade se volta para a possibilidade de carreira dentro da própria Igreja, ou seja, além de incitar o empreendedorismo no mercado de trabalho laico, a Universal se oferece, ela mesma, como fonte de empregos, dada a possibilidade de ser pastor. Quando se frustram as outras possibilidades, resta ainda essa: a de viver pela obra, atuando como profissional da fé. E dessa forma a IURD absorve os refugos do próprio mercado de trabalho, os fracassados do empreendedorismo, que encontram sua fonte de renda dentro da própria Igreja.

O pai de André contou também que o namoro do filho não se sustentou porque a namorada não queria mais continuar na obra, e para quem quer ser pastor é fundamental que toda a família se engaje nos trabalhos da Igreja. Nesse momento ele apontou para uma outra garota, que é obreira, e disse que, possivelmente, seu filho namoraria com ela, porque os dois se dão bem e querem viver pela obra. As exigências demandadas para ser pastor interferem nas relações íntimas do aspirante. Mais uma vez a questão do planejamento quando se trata de família aparece.

Gráfico 20 – Número de filhos dos entrevistados (IURD Santa Mônica)

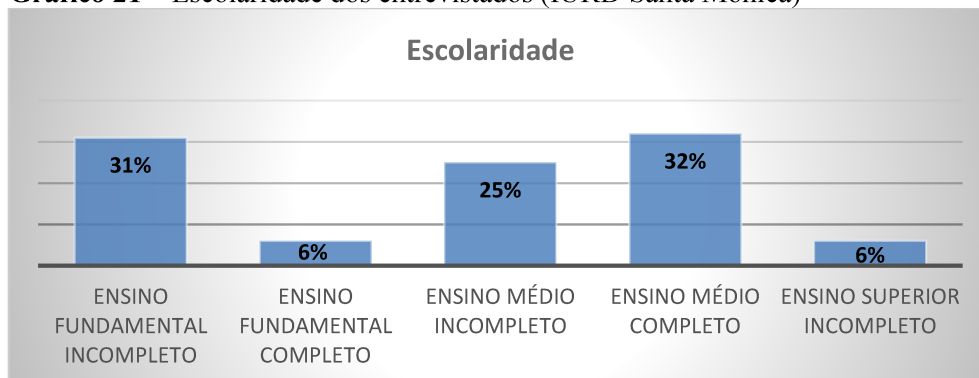


Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Segundo dados do Censo analisados por Ricardo Mariano (2013) 42,3% dos pentecostais teriam como nível de escolaridade o ensino fundamental incompleto. No resultado dos questionários da unidade da IURD localizada no Santa Mônica, mostrou

uma porcentagem expressiva, 31%, de pessoas com esse mesmo nível, que possuem o ensino fundamental incompleto, mas, ainda assim, a maior parcela, 32%, possuem o ensino médio completo. Observe os dados completos no gráfico a seguir:

Gráfico 21 – Escolaridade dos entrevistados (IURD Santa Mônica)

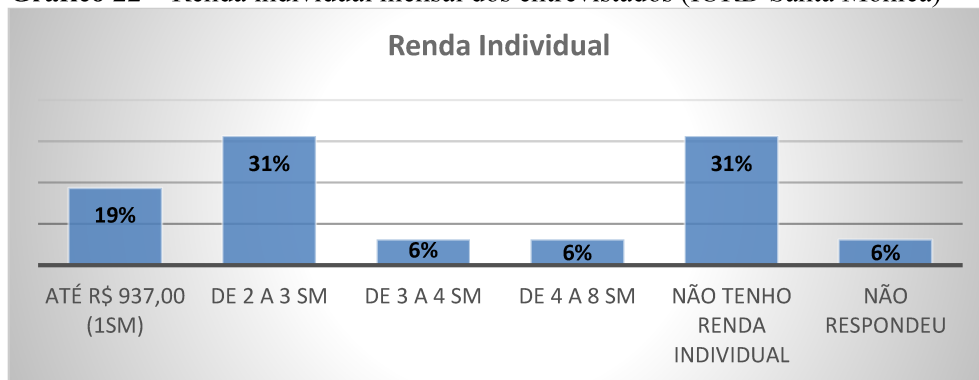


Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Os dados do Censo 2010 apontaram que 63,7% dos pentecostais recebem até um salário mínimo, 28% recebem entre um e três salários (MARIANO, 2013, p. 125). No resultado dos questionários as duas maiores taxas foram entre os que não tem renda individual, 31% (provavelmente pelo grande número de jovens), e os que ganham de 2 a 3 salários mínimos, também 31%. Mas acerca da renda familiar, a maior taxa se concentra entre 3 e 4 salários mínimos, representando que não é – apenas – “a ralé”⁶⁸ que frequenta a Universal, o público se mostra cada vez mais diverso, ou seja, as estratégias e o *marketing* da Igreja tem atraído também outras classes e frações de classe, e/ou, como hipóteses, melhorado a situação de renda dos convertidos. Veja os dados acerca da renda mensal individual e familiar dos entrevistados:

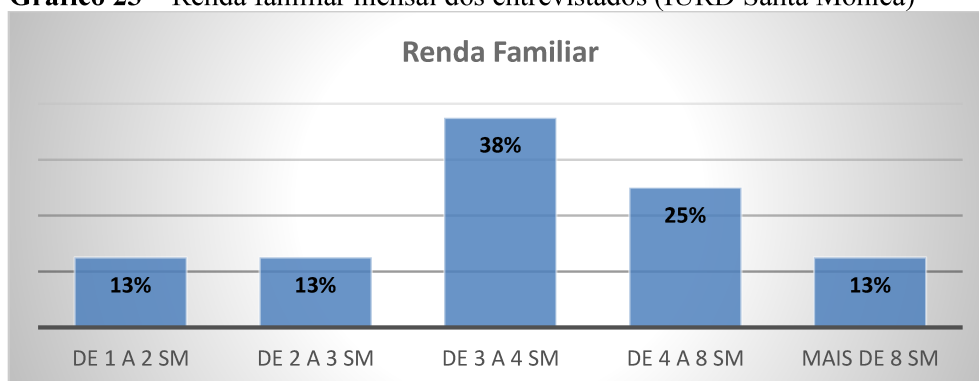
⁶⁸ Jessé de Souza (2010) ressaltou que haveria no interior da camada periférica de trabalhadores urbanos brasileiros, uma diferenciação dentro da mesma fração de classe, que são: os “batalhadores” e a “ralé”. Cada uma dessas frações, teriam, segundo suas análises, preferência por uma determinada religião: os “batalhadores”, em sua maioria, convertem-se ao pentecostalismo clássico; e a “ralé” se identificaria, preferencialmente, com o neopentecostalismo, pois trata-se de uma fração de classe que não consegue ter perspectiva a longo prazo, buscando assim um milagre em momentos de desespero.

Gráfico 22 – Renda individual mensal dos entrevistados (IURD Santa Mônica)



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 23 – Renda familiar mensal dos entrevistados (IURD Santa Mônica)



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

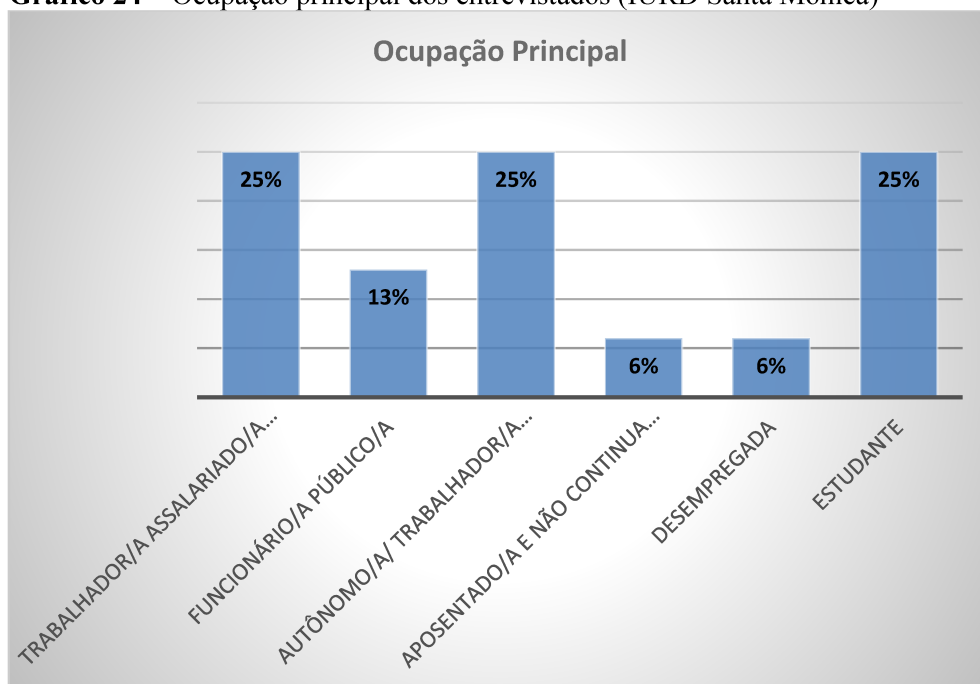
Nessa unidade da IURD ninguém que respondeu ao questionário é empresário(a). Mas na perspectiva do capital humano no neoliberalismo norte-americano, todos são empresários, já que todos possuem capital: si mesmos. A proposta então é que o fiel desperte seu “espírito” empreendedor via benção divina, seguida da ação individual. Muitos adeptos relataram que a relação com o trabalho, antes e depois de Universal, mudou, pois tem crescido em muitos a vontade de empreender e abrir o próprio negócio. Alguns disseram ter feito a transição de trabalhador assalariado para autônomo, como é o caso da cabelereira Alice, que passou a atender a domicílio; e de Jorge, vendedor de cosméticos, de mel, de material reciclável, e do que mais tiver oportunidade.

Observe nos gráficos abaixo que os trabalhadores autônomos representam a mesma proporção dos trabalhadores assalariados, 25%. Outros 25% são estudantes, e 13% funcionário público. Uma narrativa interessante é a de Maria, mulher de 47 anos, que está a 10 anos na Igreja, e atua profissionalmente como funcionária pública, na área

administrativa. Diz que mesmo não tendo mudado de emprego depois que entrou para a Universal, modificou o modo de encarar o seu trabalho, em suas palavras:

Eu sempre estive no mesmo emprego, eu sou funcionária pública da prefeitura, mas a minha visão é outra hoje, a maneira de eu ver, pensar e analisar as coisas é de outra maneira. Você tem mais ideias, quando você participa desse culto da segunda-feira que é da vida financeira, ele é voltado totalmente para isso, a sua visão abre, eu não sei te explicar. Você não consegue ver uma coisinha, porque o nosso Deus é grande, então ele te dá ideias grandes, ideias e projetos, para que você possa estar ampliando e ser uma pessoa grande também nos seus empreendimentos, nos seus projetos, em tudo que você vai fazer.

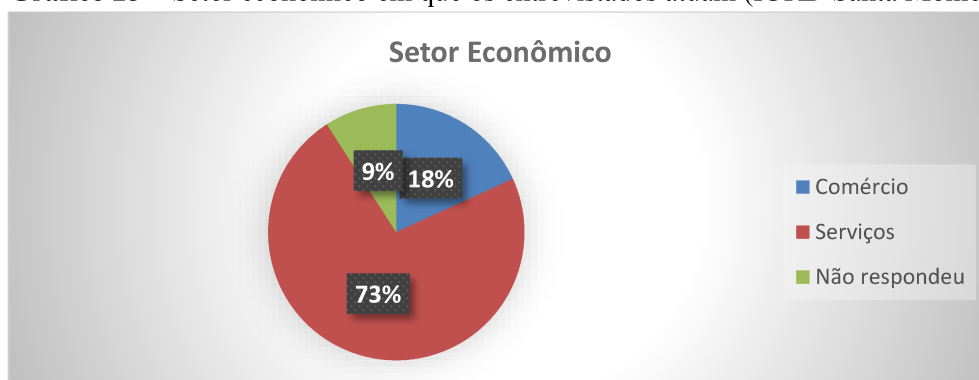
Gráfico 24 – Ocupação principal dos entrevistados (IURD Santa Mônica)



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Conforme gráfico abaixo, 73% respondeu que o setor econômico em que atuam é o setor de serviços, outros 18% no comércio, e 9% que não respondeu. As áreas de atuação acerca do setor de serviço foram bem variadas, desde estética corporal e limpeza, a serviços mecânicos e servente de obras.

Gráfico 25 – Setor econômico em que os entrevistados atuam (IURD Santa Mônica)

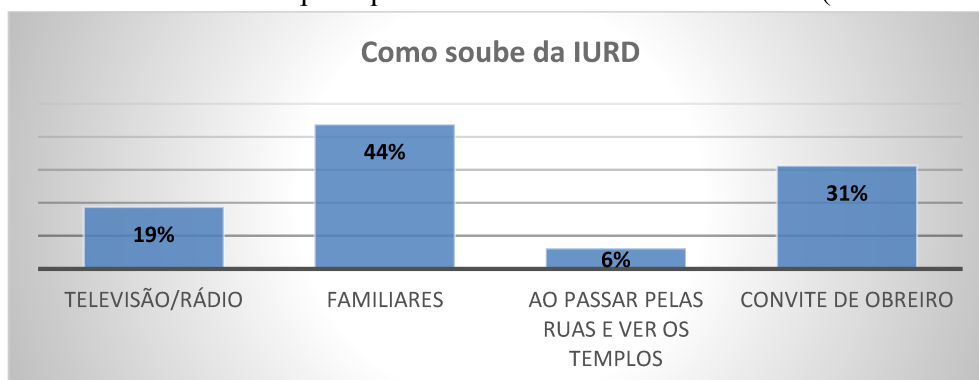


Fonte: Dados apurados pela pesquisa

4.1.2. Concepções culturais e políticas do fiel

Na unidade do bairro, onde as relações comunitárias são mais ativas, 44% dos fiéis responderam que ficaram sabendo da Igreja por familiares e outros 31% foram à Igreja através de convite de obreiros. O trabalho dos obreiros “para salvar almas” é muito valorizado, há um mural na Igreja com os nomes de cada um dos obreiros seguidos da ilustração de uma árvore, onde cada um deveria colocar “frutos”, representado por percevejos de afixar papéis, equivalentes a quantas pessoas conseguiu levar para a Igreja.

Gráfico 26 – Maneira pela qual o entrevistado soube da IURD (IURD Santa Mônica)

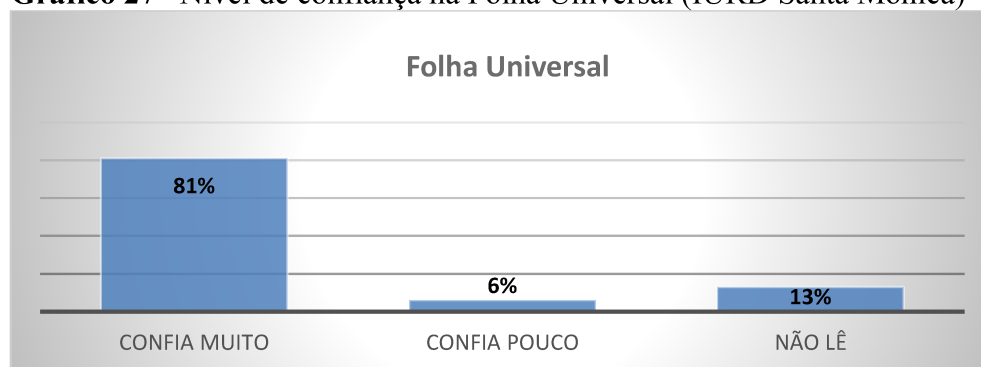


Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Quando se trata da influência da mídia da Igreja em seu cotidiano, 81% dos entrevistados responderam ler e confiar muito na Folha Universal, dessa forma as informações tidas como relevantes são determinadas pela Igreja, que através da criação de um discurso de verdade, norteia o fiel para uma certa forma de vida,

adequada e ajustada ao modelo proposto pela Igreja. Em relação as demais grandes mídias – Folha de São Paulo (APÊNDICE 23), Estadão (APÊNDICE 24), Veja (APÊNDICE 25), Jornal nacional (APÊNDICE 26), Globo News (APÊNDICE 27) – responderam não ler ou não assistir, e as mídias orientadas à esquerda no espectro ideológico-político, como Carta Capital (APÊNDICE 28) e El País (APÊNDICE 29), a maioria respondeu que não conhece, provavelmente por não se identificarem com os temas tratados por tais mídias.

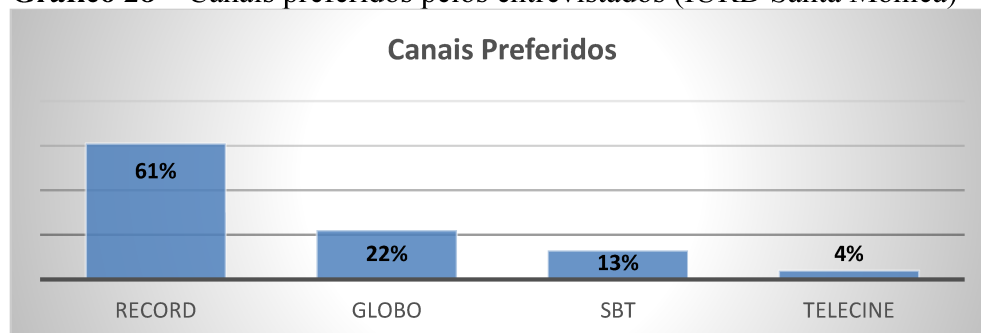
Gráfico 27– Nível de confiança na Folha Universal (IURD Santa Mônica)



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Tais dados confirmam a hipótese de que as mídias pertencentes a Igreja são as mais acessadas pelos fieis, 61% dos entrevistados responderam que consideram a Record o canal preferido, sendo que o que mais assistem são novelas (APÊNDICE 30). Além disso, dos 94% que disseram ouvir música (APÊNDICE 31), o gênero musical gospel foi indicado por eles como o preferido (APÊNDICE 32). Dessa forma, temos que as temáticas bíblicas perpassam todas as áreas da vida do fiel, seja no seu momento de trabalho ou de lazer.

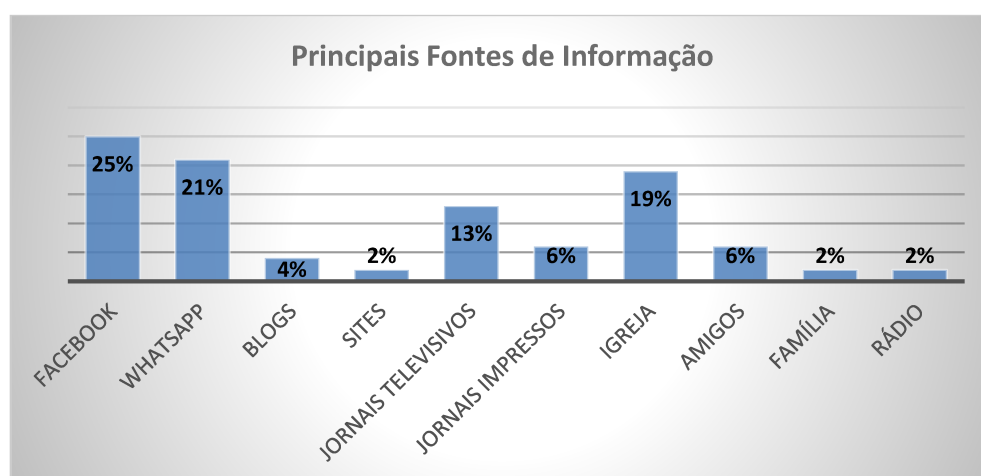
Gráfico 28 – Canais preferidos pelos entrevistados (IURD Santa Mônica)



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Ao escolher três fontes de informação mais utilizada, a maioria dos entrevistados(as) do Santa Mônica responderam na mesma direção dos entrevistados(as) do centro, selecionando como principais o Facebook (25%), o WhatsApp (21%) e a Igreja (19%). O conteúdo acessado e compartilhado por eles na rede são, em sua maioria, também relacionados a Igreja, contendo postagens seja da transformação pessoal a partir da Universal, da propagação de alguma ação que a igreja tenha realizado, divulgação de reuniões, ou ainda frases dos inspiradores de tais ensinamentos: Edir Macedo, Cristiane Cardoso, Renato Cardoso.

Gráfico 29 – Principais fontes de informação dos entrevistados (IURD Santa Mônica)



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

No que se refere a questões políticas, 94% (APÊNDICE 33) responderam não possuir preferência partidária, os outro 6% disseram preferir o “partido que elegeu o Isac”, se referindo ao PRB. Nessa perspectiva, 94% dos(as) entrevistados(as) também acreditam que a religião deve estar na política e defendem essa visão principalmente por considerarem que é imperativo ter representantes da parcela evangélica da sociedade nos poderes executivo, legislativo e judiciário e por defenderem que quem “verdadeiramente segue a palavra de Deus, a obediência, a santidade, não vai se corromper” (ENTREVISTADA MARIA).

Gráfico 30 – A relação entre religião e política para os entrevistados (IURD Santa Mônica)



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

A IURD do bairro Santa Mônica é uma igreja com bem menos membros do que a Igreja central, sendo que a maior parte dos frequentadores moram no mesmo bairro onde se localiza a Igreja. As mulheres representam nessa unidade da IURD, assim como na unidade do centro, a maioria. Segundo Maria das Dores C. Machado (2005) as mulheres são maioria no neopentecostalismo porque a partir da Teologia da Prosperidade há uma melhora na auto-estima feminina. Além disso no âmbito da Igreja são criadas novas relações de sociabilidade, incentivando que as mulheres desenvolvam habilidades extradomésticas, de modo que a “busca da prosperidade certamente ajuda na superação dos constrangimentos da cultura tradicional, favorecendo a participação da mulher na esfera econômica (MACHADO, 2005, p. 390).

Na questão da ocupação, nenhuma das pessoas que responderam ao questionário disse ser empresário. No entanto, houveram diversos relatos sobre as mudanças na relação dos indivíduos com o trabalho, a partir da adesão à fé iurdiana. É perceptível a modulação da conduta que prevê o despertar de uma visão empreendedora, que impulse o fiel a agir e transformar sua atuação no mercado de trabalho, que, muitas vezes, representa um trabalho sem direitos trabalhistas, pois transforma o trabalhador em “microempreendedor”. Nessa unidade a taxa de trabalhadores assalariados e autônomos representam a mesma quantidade, 25%, mostrando que, de fato, a IURD tem orientado o fiel nas questões relacionadas a trabalho.

Assim como na unidade do centro a grande parte dos entrevistados responderam ler e confiar na Folha Universal, demonstrando que é a Igreja que seleciona as informações indispensáveis para o fiel, constituindo um discurso de verdade, que o orienta para um determinado estilo de vida, compatível aos preceitos iurdianos. As

concepções políticas do fiel da unidade do bairro seguem a mesma tendência da central, uma vez que a maior parte dos fiéis defendem a presença da religião na política.

CAPÍTULO 5

IURD Glória: A incompatibilidade da fé da Universal com o movimento social de luta pela terra do assentamento Élisson Prieto

O interesse de pesquisar também a unidade da IURD localizada na “Ocupação do Glória”, surgiu por se tratar de um bairro em construção, mas que apesar de seu pouco tempo de existência, possuía na ocasião da pesquisa uma série de igrejas: ao todo 17, sendo 15 evangélicas, um terreiro de candomblé e uma igreja católica⁶⁹. No Glória a luta pela moradia se interlaça a uma linguagem evangélica, o desafio de conquista da terra é aclamado por graças divinas ou encarado como uma batalha espiritual que deve ser superada (SWATOWISKI & BARBOSA, 2016).

O modo como a Universal “conduz” seus fiéis não foi muito atrativo nesse contexto, pois é uma fé que pode ser interpretada como individual, na medida em que se recorre ao divino pretendendo alcançar a prosperidade para sua própria vida, e não para a coletividade. Mas nas circunstâncias vividas pelos moradores “a igreja tem o papel de tranquilizar as pessoas, orar por elas, para que não se precipite e não saia daqui”⁷⁰.

A permanência na “ocupação” é perpassada por discursos bíblicos que fortalecem o movimento. Mas, no entanto, o núcleo da Igreja Universal naquela localidade fechou, o motivo seria a não renovação do contrato de uso do imóvel. Entretanto, pode-se formular a hipótese que a motivação para a interrupção do trabalho da IURD na localidade pode ter como uma de suas razões a ausência e/ou o enfraquecimento do engajamento dos moradores na “fé Universal”.

O galpão que era utilizado pela Universal no Glória era amplo e ficava na via principal. Funcionava uma vez por semana, na sexta-feira, e aos domingos era enviado um ônibus para transportar os moradores que quisessem assistir as reuniões na sede principal da Igreja, no centro. O responsável por abrir o espaço e conduzir a reunião era o obreiro Pedro. Ele chegava mais cedo ao local para convidar as pessoas a participar do culto que começava às 19h. Havia apenas dois moradores que eram frequentadores ativos da Igreja, mas conseguia-se reunir, em média, dez pessoas. Pedro reclamava que era muito difícil conseguir adeptos ali, porque as pessoas eram acomodadas. E como o foco da Universal é o movimento, a ação, não teria atraído os fiéis dessa localidade.

⁶⁹ Este mapeamento foi feito em fevereiro de 2016, desde então algumas igrejas fecharam e outras abriram.

⁷⁰ Fala do pastor Rodrigo, representante da igreja evangélica “Igreja da fé do Brasil”, que possui cerca de 40 membros.

A vida no Glória não é fácil, pois além das dificuldades estruturais, há também, segundo os moradores, um estigma criado por parte dos que são de fora. Por isso muitos pensam em desistir de viver nessas condições. Os moradores da ocupação relataram os principais problemas: falta de saneamento, quedas de energia, violência, o uso de drogas, “que parecem que foram liberadas ali”, e o preconceito sofrido ao frequentar outros espaços (escolas, lojas de outros bairros, etc).

As dificuldades enfrentadas pelos moradores do assentamento do Glória já duram 4 anos. Nesse tempo investiram dinheiro e expectativa, e ainda aguardam as negociações, que se forem favoráveis, ou seja, tornar o Glória enfim um bairro, será também cômodo à prefeitura, já que a organização do bairro (separação de lotes, medição das ruas, etc.) está pronta. Mais uma vez, veremos a atuação dos órgãos do Estado mais na forma da emergência do que do planejamento, comprovando que a atuação estatal não mais prevê a preservação de direitos, e sim a gestão da desordem. Seu papel passa a ser o de fazer uma triagem, separando a população em graus de vulnerabilidade, para só depois aplicar alguma política pública (FELTRAN, 2014). E a parcela da população que não foi o “público alvo” do Minha Casa Minha Vida recorre ao assentamento. A gestão da pobreza se estabelece nos interstícios entre o que é legal e ilegal, e desse modo, a ocupação se torna funcional para o exercício do Estado, e talvez o único recurso para garantir o direito à moradia dessa parcela da população.

Em maio de 2016 o contrato do uso do imóvel que era utilizado pela Igreja, localizado na via principal do Glória, perto, inclusive da Igreja Católica, não foi renovado. No lugar, atualmente, há o maior supermercado dentro do assentamento. Com isso, a ação da Igreja no bairro ficou por um tempo intermitente, ainda que houvesse, por vezes, o trabalho de evangelização. Mas em janeiro de 2017 a Universal retomou suas atividades, segundo o obreiro, a pedido dos moradores. Uma vez por semana há um núcleo de oração no Glória, feita por uma equipe de obreiros da Universal vindos do centro. É realizado no local onde acontecia a plenária do assentamento, mas já há algum tempo não acontecem mais assembleias, possivelmente por um desânimo causado pós eleição municipal, pela derrota de uma das lideranças do movimento, que havia se candidatado como vereadora e prometido melhoras para o assentamento. O lugar atualmente também tem sido utilizado como feira, e como um depósito de roupas e sapatos para doação.

Na ação da Igreja realizada no Glória, o obreiro Fábio explicou como era feita a escolha dos bairros onde vão fazer a evangelização, quais as estratégias da Igreja para

atrair pessoas ao culto, e, a partir de sua perspectiva, o porquê das pessoas procurarem a religião. Segundo ele, os bairros escolhidos para evangelização são onde residem os indivíduos com menor poder aquisitivo, uma vez que não adianta ir pregar no Jardim Karaíba, que é um bairro de classe alta, porque lá as pessoas já têm a prosperidade material oferecida pela Universal. Afirmou que pensa, como o obreiro Pedro, que os moradores do Glória são acomodados, que se já que não estavam pagando aluguel, nem água e nem luz, deveriam investir em um curso técnico, por exemplo; mas que muitos preocupam apenas em ter o que comer e não teriam visão empreendedora.

Afirmou também que o que provoca a transformação na vida do indivíduo é uma decisão, que deve partir do próprio sujeito, e que a Igreja não fornece apenas a palavra de Deus, mas uma conduta, uma moral, um comportamento. Ressaltou que para atrair mais pessoas a estratégia usada é oferecer comida, doações (de roupa, alimento), ou serviços, como corte de cabelo e barba. Segundo ele, as pessoas não vão para Igreja buscando Jesus; perseguem, na verdade, uma melhora para sua própria vida, seja na área financeira, familiar ou profissional. Disse que os principais problemas relatados pelos moradores do Glória são o vício e o desemprego. E que o que ele recomenda aos que não têm trabalho é que a pessoa tenha objetivos e atitude; e aos que estão entregues ao vício tenta mostrar que existem outras coisas boas além da droga, em suas palavras: “comprar um carro, levar sua família para jantar na churrascaria, passar um fim de semana em Caldas Novas”.

Para interpretar essa impressão dos obreiros a respeito da falta de visão empreendedora entre os moradores do Glória, é interessante retomar a hipótese de Jessé Souza (2010) que argumenta que o neopentecostalismo funcionaria como um “pronto-socorro” dos desesperados, por isso o interesse da “ralé” na perseguição de um milagre para problemas urgentes, como doença, desemprego, desestruturação familiar, vício em drogas, entre outros. Entretanto, com a reconfiguração da IURD em anos recentes, a Igreja não oferece mais, simplesmente, soluções mágicas, mas agora exige também uma atitude do fiel, que requer disciplina, obediência e persistência, e muitas vezes, a ralé não possui tais atributos pois vivenciam uma realidade inconstante.

Partindo desse pressuposto os frequentadores do Centro e do Santa Mônica podem ser considerados “batalhadores”, pois se engajam em diversas atividades mercantis, tais como: consultores de cosméticos, vendedores de mel, trabalhadores da reciclagem, cabelereiras, depiladoras, esteticistas, motoristas de ônibus, seguranças, etc. Em contrapartida, os moradores do Glória seriam ainda parte da ralé que podem até

procurar a Igreja em momento de urgência, mas não permanecem, pois não se reconhecem no discurso iurdiano acerca do empreendedorismo e do investimento.

A entrevista feita com uma moradora do Glória demonstra que os preceitos da Universal são inéditos para ela, que resolveu ir para Igreja para aprender um modo específico de fé, que ela acredita ter uma real eficácia. Eliane é moradora do Glória desde o começo do assentamento em 2012, mas nos últimos dois anos estava morando na zona rural em um assentamento do movimento dos sem-terra. Conheceu a Universal pela televisão, o que lhe chamou a atenção primeiramente foi a fala do bispo Formigoni sobre suas experiências com narcóticos. Como os dois filhos dela vivenciam essa realidade, ela se interessou em saber mais com intuito de ajudá-los. Além disso, também pela televisão, através de água consagrada, curou uma dor crônica que ela sentia no ombro. Mas relatou que nos programas os pastores sempre falavam para procurar uma das unidades da Igreja. Aí um dia ela veio pra Uberlândia visitar os filhos e procurou a Universal do São Jorge, o bairro mais próximo ao Glória. Quando chegou à Igreja foi recebida pelo pastor João, que deu a ela o livro *A Última Pedra*, testemunho do bispo Formigoni sobre sua cruzada pessoal de superação das drogas, mostrando a ela que a situação de dependência química dos filhos tinha solução, e que por meio dela, eles poderiam “largar o vício”.

Eu tenho ido e buscado por ele, participado das orações. Porque até então eu tinha aprendido que era a pessoa que precisava da benção que tinha que ir. Mas lá eles ensinaram que não, que os meus filhos podem receber a benção através de mim (ENTREVISTADA ELENA).

Antes era testemunha de Jeová mas está agora na Universal para “aprender”, afirmando que as concepções das duas denominações são bem distintas. Ressaltou como principais diferenças o fato de que a benção da IURD poder ser “terceirizada”, como relatou no trecho acima; o modo de lidar com o dinheiro e bens materiais; e a forma como o pastor prega: “eles pregam com uma convicção muito grande de que Deus ele é vivo, e que ele prometeu na bíblia e ele vai cumprir, basta você determinar que aquilo vai acontecer”.

Destacou que a Igreja a auxiliou a ter mais iniciativa, curou o desânimo, a depressão, o pessimismo, que ela voltou a acreditar mais em si mesma. Contou também que a partir de uma “direção” que recebeu pela Igreja decidiu empreender e abrir o próprio negócio. E no mesmo dia soube de alguém que queria trocar a casa dela por

outra que tem um cômodo para comércio e se localiza na rua principal do Glória: “Um dia lá eles falaram para a gente orar, pedir a luz, uma orientação, uma direção para Deus pra poder arrumar alguma coisa, aí eu tive a ideia de mexer com comércio. Através do incentivo das reuniões que eu estou indo”.

Disse que pretende continuar na Universal, pois acredita que a Igreja tem contribuído muito nesses pouco tempo que ela frequenta (6 meses), ressaltou que quer aprender mais, para saber em que mais deve se adequar. “E eu vou fazer o que precisar para fazer os reajustes necessários”. Isso demonstra que a IURD apresenta um outro tipo de fé, denominada “fé inteligente”, que combina preceitos religiosos com ideais neoliberais. E como a governamentalidade neoliberal representa um sistema normativo em nossa sociedade, comprova-se que também está presente no meio religioso brasileiro.

Apreendemos ao longo desses últimos três capítulos três atuações diferentes da Igreja Universal, mas em todas está presente o viés empreendedor. Na unidade central da Igreja Universal em Uberlândia as relações entre os fiéis não se configuram para a formação de uma comunidade de adeptos, mas sim para a formação de rede, com frequentadores que vieram de diferentes bairros e que pertencentes a classes sociais diferentes. A partir da análise de dados, conclui-se que para todas elas se faz os mesmos aconselhamentos, as mesmas sugestões de modulação da conduta, e a mesma cobrança em relação a dedicação e o sacrifício primordiais para que a “mágica” aconteça. A reunião de segunda se parece mais como uma consultoria pública de agenciamento de capital humano: todos saem de lá potenciais novos empreendedores.

O estímulo empreendedor tem inspirado os fiéis, contudo, a maior parte, em todas as três unidades, ainda são trabalhadores assalariados, atuantes, principalmente, no setor de serviços. A Igreja não apenas influencia no aspecto da prosperidade, mas também permeia as concepções culturais e políticas do fiel, seja em suas novelas transmitidas pela Rede Record, ou pelos preceitos transmitidos pelas mídias digitais. A influência no cotidiano do fiel acabou também percorrendo os caminhos da política, a maioria dos entrevistados afirmaram que a religião tem que estar presente no campo político.

No Santa Mônica, a retórica do empreendedorismo combina com a formação de uma solidariedade interna, principalmente entre os jovens, que são atraídos para a Igreja mais pela rede de sociabilidade do que pela doutrina. E muitos testemunharam a migração de trabalhadores assalariados para autônomos. No Glória, o discurso do empreendedorismo esbarra na “acomodação” dos moradores da ocupação, ainda que,

mesmo esses, em algum momento, podem vir a ser possíveis novos empreendedores, com é o caso de Eliane.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

AS AFINIDADES ELETIVAS ENTRE O NEOPENTECOSTALISMO E O NEOLIBERALISMO

No momento histórico analisado por Max Weber, em seu livro *“A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo”* (2004), o autor encontra “afinidades eletivas” entre as ideias puritanas e o desenvolvimento do capitalismo, mostrando que o crescimento de uma religião individualizante combinava com o capitalismo industrial em seu desenvolvimento inicial (WEBER, 2004).

O conceito weberiano de “afinidade eletiva” foi discutido por Michel Lowy no livro intitulado *“A jaula de aço”* (2014). Segundo Lowy, o termo apareceu primeiramente a partir da alquimia medieval ao ser usado como explicação da atração e fusão dos corpos. Surgiu na alquimia, passou pela literatura romântica até chegar nas ciências sociais por Max Weber, esse “grande alquimista” (LOWY, 2014, p. 63). Na tentativa de definição, “afinidade eletiva” é uma ligação de um sistema social e um “espírito” cultural que se ajustam um ao outro e se favorecem reciprocamente. Foi o uso desse conceito que permitiu aos estudos weberianos “evitar as explicações estritamente ‘materialistas’ ou ‘espiritualistas’, que não lhe pareciam aptas a dar conta da complexidade histórica das relações entre os comportamentos religiosos e econômicos” (LOWY, 2014, p. 70).

O protestantismo histórico, que crê na Teologia Calvinista da Predestinação, impõe uma solidão ao indivíduo, pela incerteza de alcançar a salvação, pois o Deus calvinista distribui salvação e condenação ao acaso. Desse modo o provável seria que o devoto ficasse inerte perante a indeterminação. Todavia, ao contrário, o mesmo passou a ter atitudes mais racionais em sua prática cotidiana, vivendo de forma disciplinada e contribuindo com o “espírito” do capitalismo em pauta. Tal transformação no imaginário dos fiéis proporcionou aparatos psicológicos necessários que deram condições à ascensão do capitalismo (WEBER, 2004).

Weber (2004) encontrou essa conexão de sentido entre o plano econômico e religioso, entretanto tal conexão não se encaixa na sociedade brasileira contemporânea, uma vez que tanto a forma religiosa como o modo de produção capitalista se transformaram. Tanto o capitalismo neoliberal, quanto as igrejas neopentecostais, se tornaram flexíveis, no sentido de estarem comprometidos com a mudança, buscando sempre uma melhor adaptação.

O objetivo dessa pesquisa foi encontrar as afinidades eletivas entre o novo espírito do capitalismo, sob a forma do neoliberalismo, e o neopentecostalismo, que tem como uma de suas maiores representantes a Igreja Universal do Reino de Deus (1977). Tal igreja possui discursos doutrinários e práticas mágicas e ritualísticas, como por exemplo: ungir algum objeto que auxiliará a vida profissional. De modo que, a “eficácia da “máquina narrativa” da Igreja Universal está ligada à demanda simbólico-ritual de emular a vitória, de incitar a luta secular pelo sucesso e à rejeição implacável do fracasso” (TORRES, 2007, p. 112). E em um mundo regido pela competição, nada mais desejado do que estar ao lado de Deus, em constante negociação com Ele, buscando através Dele escapar da miséria.

Nesse sentido, a aparente irracionalidade da Universal começa a se desfazer quando percebemos que a lógica do sacrifício não é uma lógica mágica de uma religião atrasada (pelo menos, não o é simplesmente). A lógica do sacrifício é imanente à lógica do novo “espírito” do capitalismo. Na sociedade concorrencial atual quem não investe não tem futuro. No âmbito da Igreja, quem não sacrifica não tem prosperidade.

Boltanski e Chiapello (2009) pesquisaram a gestão do “novo espírito do capitalismo” e mostraram que as empresas passam a funcionar em redes, os trabalhos são agora organizados por projetos de média e curta duração, que requerem urgência, e ressaltaram o perfil do líder que deve inspirar os outros trabalhadores sem determinar ordens. Todas essas premissas perpassam a forma de organização da IURD. As redes foram estabelecidas através da criação dos grupos, onde há também a realização de diferentes projetos. Por sua vez, os líderes – pastores e os consultores via mídias, como a Cristiane e o Renato Cardoso – não possui formação na área em que atuam, seu trabalho é se adaptar e servir de inspiração para os fiéis

As afinidades entre neoliberalismo e neopentecostalismo podem ser percebidas em vários aspectos: 1) na habilidade que este tem em otimizar as diferenças, introduzindo elementos de outras religiões e culturas em sua crença; 2) a capacidade de se readaptar constantemente; 3) a organização da igrejas em moldes empresarias; 4) e no fato de que para se tornar bem-sucedido, tanto no neoliberalismo como no neopentecostalismo, é preciso compor o capital humano baseado nos valores de desprendimento, coragem e adaptabilidade.

Além disso, tanto no neoliberalismo como no neopentecostalismo, há a transferência de responsabilidade para o indivíduo por possíveis fracassos ou vitórias. Ambos propõem um autogoverno, de forma que o próprio sujeito deve investir em si

mesmo para conseguir a prosperidade, pois ao proclamar que “nada é impossível”, legitima-se a meritocracia, a recompensa virá para quem merecer. Com isso, não se leva em conta os problemas estruturais que dificultam (impossibilitam) a realização da mobilidade social desejada por muitos.

A IURD propõe uma formatação identitária do fiel através dos grupos criando discursos de verdade que combina preceitos bíblicos e empreendedorismo, para “fabricar” um certo tipo de sujeito, que respeite os padrões estabelecidos de gênero, e que se adapte, da melhor forma possível, na sociedade concorrencial, e que tenha visão para poder se destacar.

A partir da análise de dados conclui-se que não é mais apenas a “ralé” que está na Universal. E que para os convertidos, a religião perpassa por todas as esferas da vida, pois as mídias preferidas, os conteúdos compartilhados via rede social, os gêneros musicais mais ouvidos, são os vinculados à Igreja. Além de que a Igreja transformou a relação do fiel com seu trabalho na direção de assalariados para empresários/autônomos, com a sua família, e principalmente mudou – moldou – o próprio sujeito, através das técnicas de si e da inculcação do investimento como necessário à vida.

A Teologia da Prosperidade incita o indivíduo a doar para receber retorno, e ao fazer isso os fiéis traçam uma guerra espiritual contra a exceção estabelecendo um jogo de apostas pela ação divina. Portanto, não se trata “de perguntar aos sujeitos como, por quê, em nome de que direito eles podem aceitar deixar-se sujeitar, mas mostrar como são as relações de sujeição efetivas que fabricam sujeitos” (FOUCAULT, 2010a, p. 38). O neopentecostalismo, a partir da governamentalidade neoliberal, pretende “produzir” sujeitos potencialmente empreendedores, que possam investir tanto na fé quanto em sua própria vida profissional.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ARANTES, Paulo. **O novo tempo do mundo:** e outros estudos sobre a era da emergência. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2014.
- _____. A fratura brasileira do mundo: Visões do laboratório brasileiro da mundialização. In: _____. **Zero à esquerda.** São Paulo: Conrad Editorado Brasil, 2004. p. 25-78.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.
- BRANCO, Guilherme Castelo. Governamentalidade e terrorismo de Estado. **Revista Cult**, São Paulo, v. 191, n. 17, Junho, 2014. p. 31-33.
- BOLTANSKI, Luc.; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. IURD: Teatro, templo e mercado. **Instituto Humanista Unisinos – IHU online. 2012.** Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3213&secao=329#form_comentario>. Acesso em: 26 nov. 2014.
- CÔRTEZ, Mariana. **O bandido que virou pregador.** São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores; Anpocs, 2007.
- _____. **Diabo e fluoxetina: formas de gestão da diferença.** Tese de Doutorado. Campinas: Programa de Doutorado em Ciências Sociais, 2012.
- DORDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo.** Ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução Mariana Echalar. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.
- FELTRAN, Gabriel. **O valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo.** Caderno CRH, v.27, n 72. Salvador, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber.** Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- _____. **História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres.** Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 1ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

_____. **História da Sexualidade 3: O cuidado de si.** Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 1ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

_____. **Ética, Sexualidade e Política.** Manuel Barros da Motta (org). Tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2006.

_____. Técnicas de Si. **Revista Verve**, São Paulo, v. 6, Abril, 2004. p. 321-360.

_____. **A Ordem do Discurso.** Aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

_____. **Microfísica do poder.** (org. Roberto Machado). Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Aula de 18 de janeiro de 1978.** In: _____. Segurança, território e população. Tradução Eduardo Brandão. SP: Martins Fontes, 2008a. p.39 – 72.

_____. **Aula de 22 de fevereiro de 1978.** In: _____. Segurança, território e população. Tradução Eduardo Brandão. SP: Martins Fontes, 2008b. p.217 – 252.

_____. **Nascimento da biopolítica.** Tradução Eduardo Brandão. SP: Martins Fontes, 2008c.

_____. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France (1975/1976). Tradução Maria Ermantina Galvão – 2º ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

_____. **Do governo dos vivos:** curso no Collège de France (1979/1980). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

_____. **A hermenêutica do sujeito:** curso no Collège de France (1981/1982). Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010c.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOMES, Edlaine de Campos. “Fé racional” e “Abundância”: família e aborto a partir da ótica da Igreja Universal do Reino de Deus. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista latinoamericana.** ISSN 1984-6487, n. 2, 2009. p. 97-12. www.sexualidadsalutysociedad.org

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

JAMESON, Fredric. **Pós modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 2002.

SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 2005.

_____. **Os batalhadores brasileiros: Nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.) *Tendências e Impasses: o feminismo, como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, pp. 206-241.

LÉVI-STRAUSS. **O pensamento selvagem**. Tradução de Tânia Pellegrini – Campinas, SP: Papyrus, 1989.

LÓPEZ-RUIZ, Osvaldo Javier. **Os executivos transnacionais e o espírito do capitalismo. Capital humano e empreendedorismo como valores sociais**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

_____. **Weber, Foucault e as ciências sociais hoje: é possível pensar os processos de socialização e subjetivação no século XXI com estes autores?**. No prelo.

LOWY, Michel. **O conceito de afinidade eletiva**. In: _____. *A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano*. Tradução: Mariana Echalar. – 1 ed. – São Paulo: Boitempo, 2014.

MACEDO, Edir. **Os mistérios da fé**. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Universal, 1999.

_____. **Nada a perder**. – 1 ed. – São Paulo: Planeta, 2014.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.13, n.2. Maio-agosto, 2005. p. 387-396.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais. Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religiosos brasileiro no censo 2010. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 14, n. 24, jul./dez, 2013. p. 119-137.

MARTINS, Erik Fernando Miletta. **O percurso sociocognitivo das recategorizações metafóricas: construção de sentidos na retórica neopentecostal**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro 1. Tradução de Reginaldo Sant'Anna – 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

OLIVEIRA, Francisco de. **Política numa era de indeterminação: opacidade e reencantamento**. In: _____; RIZEK, Cibeale Saliba (Orgs.) *A Era da Indeterminação*. São Paulo: Boitempo, 2007.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostalismo: dinheiro e magia. **Revista Ilha**, Florianópolis, v. 3, n.1, novembro, 2001. p. 71-85.

_____. O neopentecostalismo macumbeiro. **Revista USP**, São Paulo, n.68, dezembro/fevereiro, 2006. p. 319-332.

PAEGLE, Eduardo Guilherme de Moura. **A “macdonaldização” da fé. O culto como espetáculo entre os evangélicos brasileiros**. (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI Reginaldo. **A realidade social das religiões no Brasil**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Religião como solvente**: uma aula. Novos estudos. CEBRAP. 2006, n.75, p. 111-127.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros**: Nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SWATOWISKI, Claudia Wolff. **Novos Cristãos em Lisboa: reconhecendo estigmas, negociando estereótipos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

SWATOWISKI, Claudia Wolff.; BARBOSA, Luciano. **Movimento social e movimento evangélico na “Ocupação do Glória”, Uberlândia – MG**. 2016, p. 1-22. Disponível em: [file:///C:/Users/Nayara/Downloads/Paper%20Claudia%20Luciano%20RBA%202016%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Nayara/Downloads/Paper%20Claudia%20Luciano%20RBA%202016%20(2).pdf). Acesso em: 20/10/2016.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. **Mídia e performaces de gênero na Igreja Universal**. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 34 n. 2, 2014. p. 232-256.

TELLES, Vera. **Tramas da cidade: fronteiras incertas do informal, ilegal, ilícito**. In: *A cidade nas fronteiras do legal e do ilegal*. Editora: Argvmentvm. Belo Horizonte, 2010.

TORRES, Roberto. **Neopentecostalismo e o novo espírito do capitalismo na modernidade periférica**. *Perspectivas*, v.32, 2007.

VIANA, Silvia. **Rituais de sofrimento**. São Paulo: Boitempo, 2012.

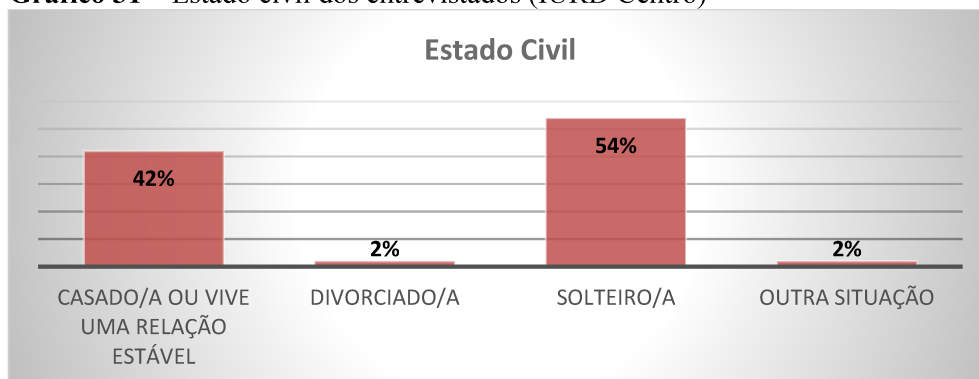
WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução José Marcos Mariani de Macedo e Antônio Flávio Perucci. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

_____. **Sociologia das Religiões e consideração intermediária.** Lisboa: Relógio D'água, 2006.

_____. **Economia e Sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

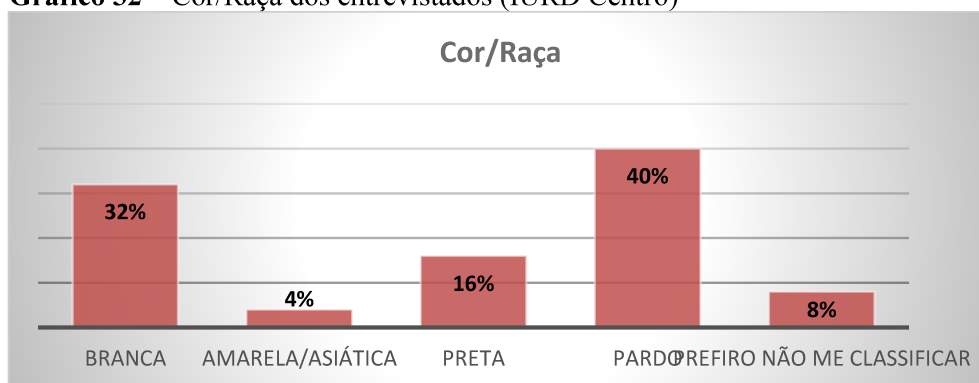
APÊNDICES

Gráfico 31 – Estado civil dos entrevistados (IURD Centro)



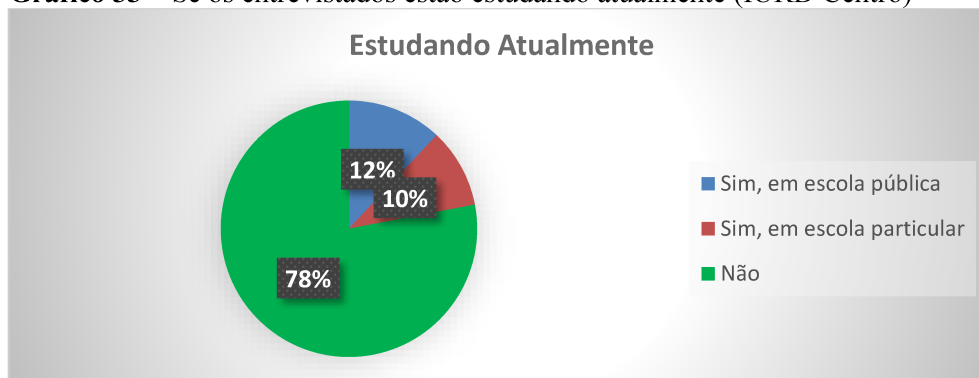
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 32 – Cor/Raça dos entrevistados (IURD Centro)



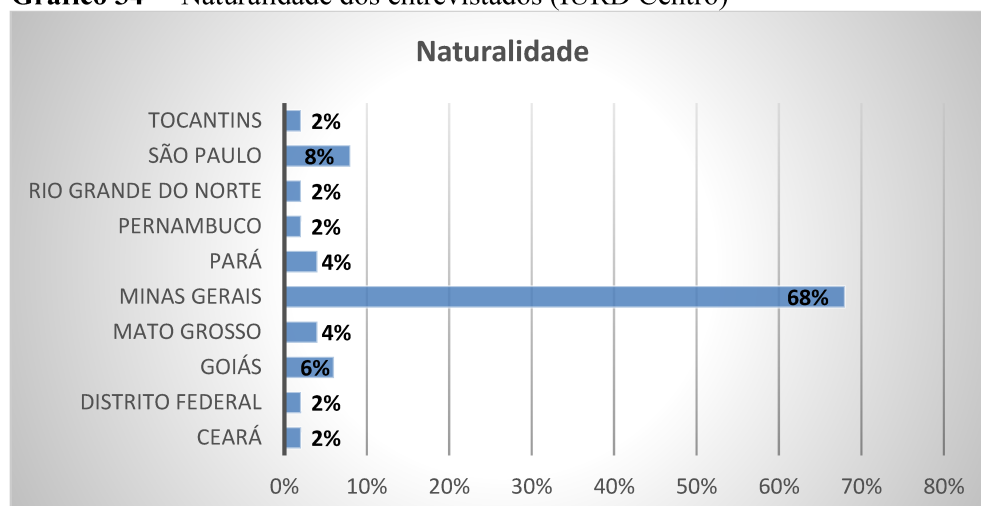
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 33 – Se os entrevistados estão estudando atualmente (IURD Centro)



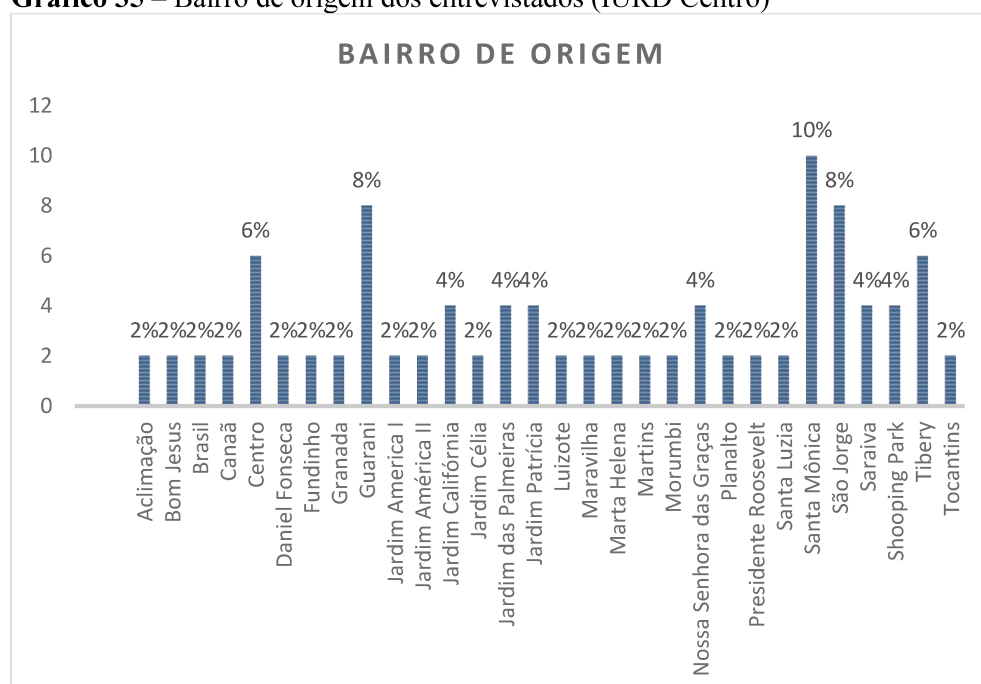
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 34 – Naturalidade dos entrevistados (IURD Centro)



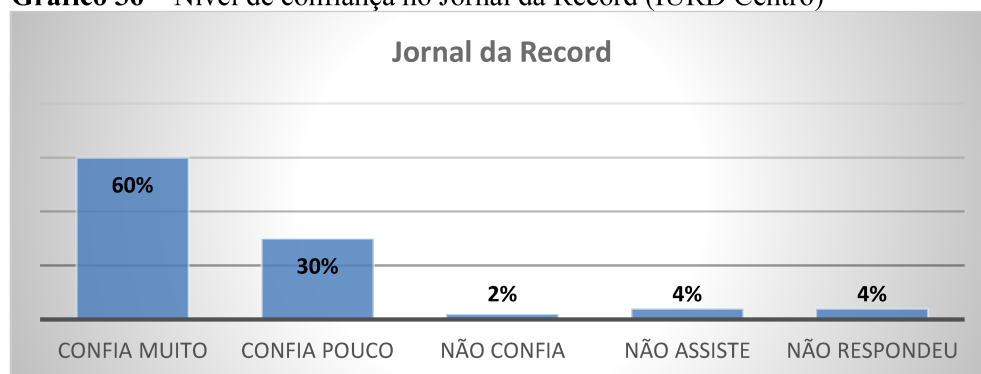
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 35 – Bairro de origem dos entrevistados (IURD Centro)



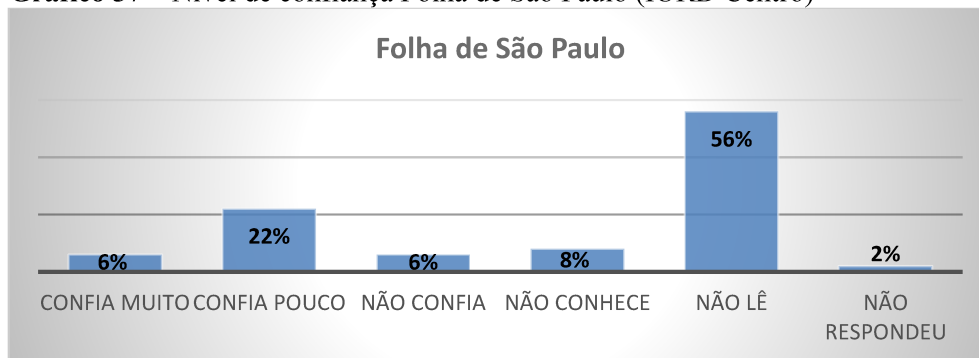
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 36 – Nível de confiança no Jornal da Record (IURD Centro)



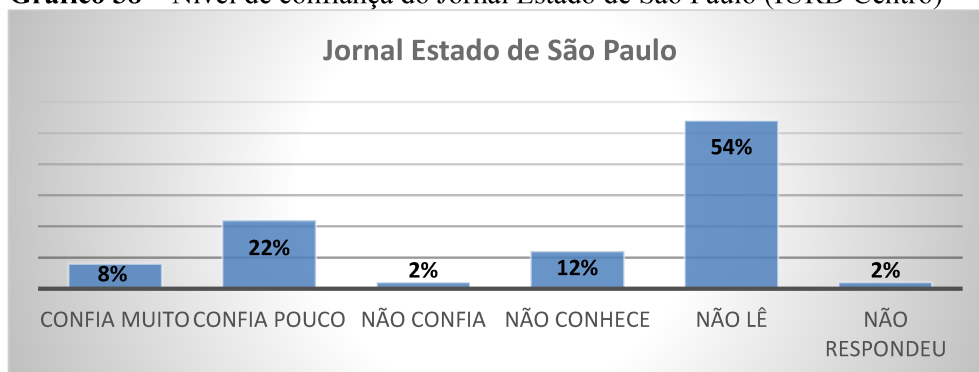
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 37 – Nível de confiança Folha de São Paulo (IURD Centro)



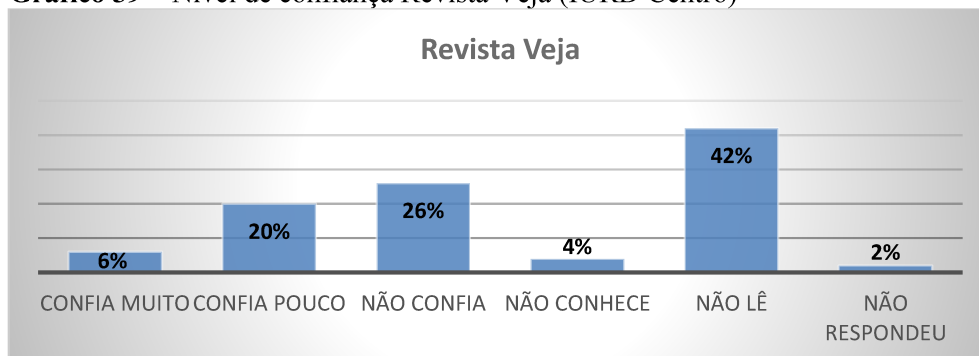
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 38 – Nível de confiança do Jornal Estado de São Paulo (IURD Centro)



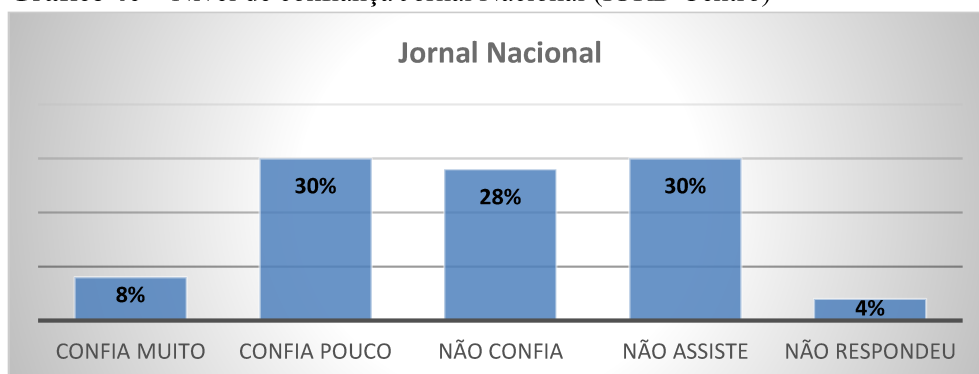
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 39 – Nível de confiança Revista Veja (IURD Centro)



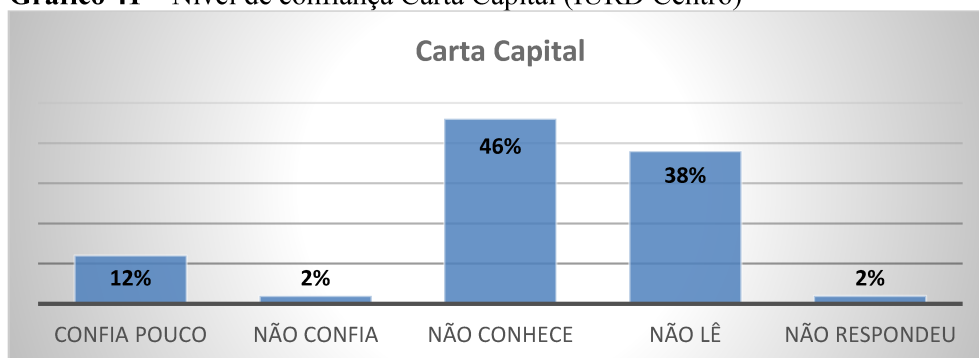
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 40 – Nível de confiança Jornal Nacional (IURD Centro)



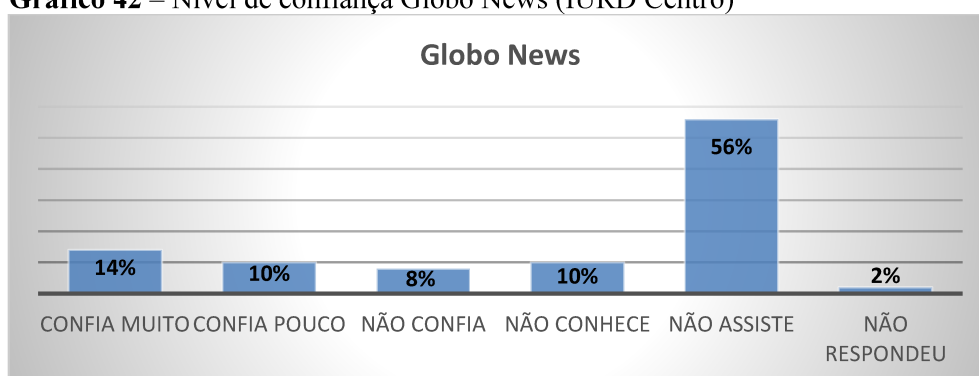
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 41 – Nível de confiança Carta Capital (IURD Centro)



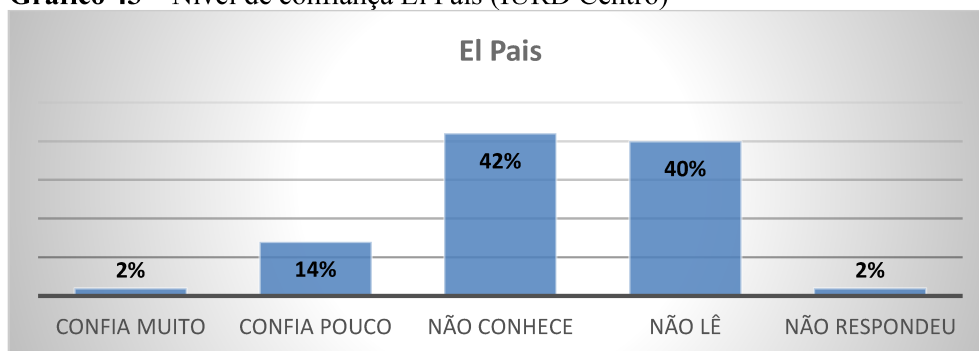
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 42 – Nível de confiança Globo News (IURD Centro)



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 43 – Nível de confiança El Pais (IURD Centro)



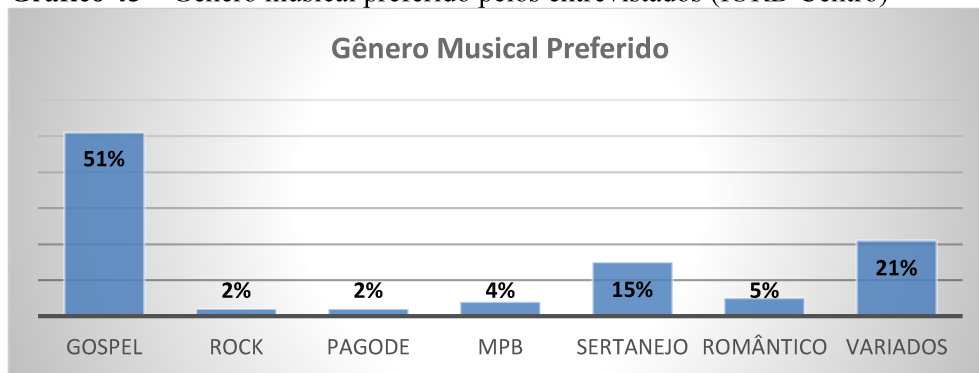
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 44 – Se os entrevistados escutam música (IURD Centro)



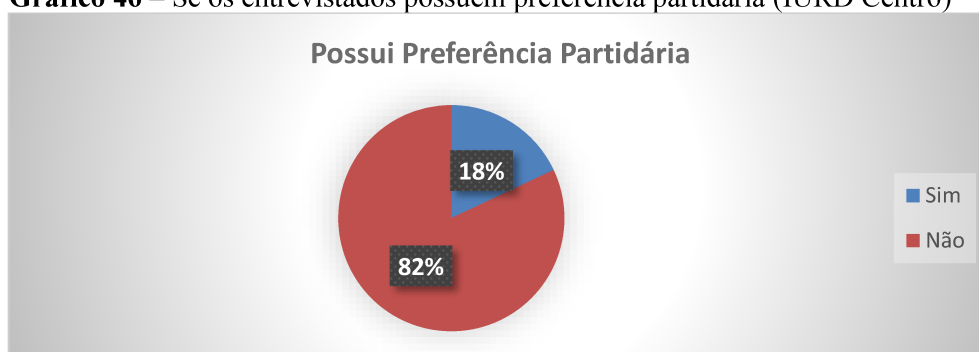
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 45 – Gênero musical preferido pelos entrevistados (IURD Centro)



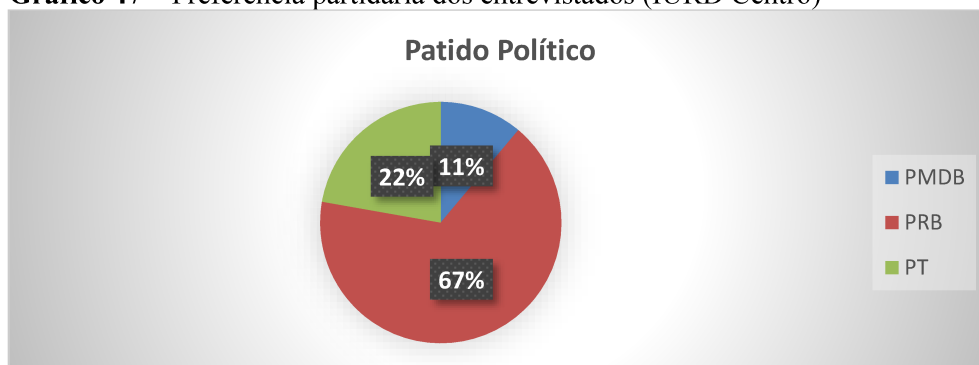
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 46 – Se os entrevistados possuem preferência partidária (IURD Centro)



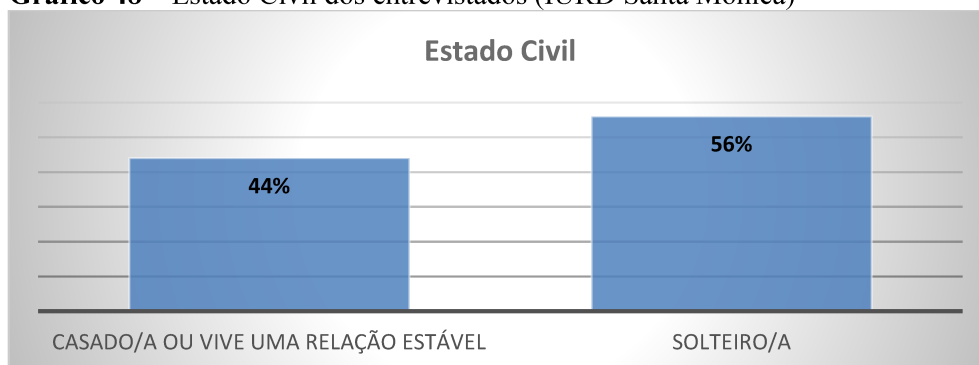
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 47 – Preferência partidária dos entrevistados (IURD Centro)



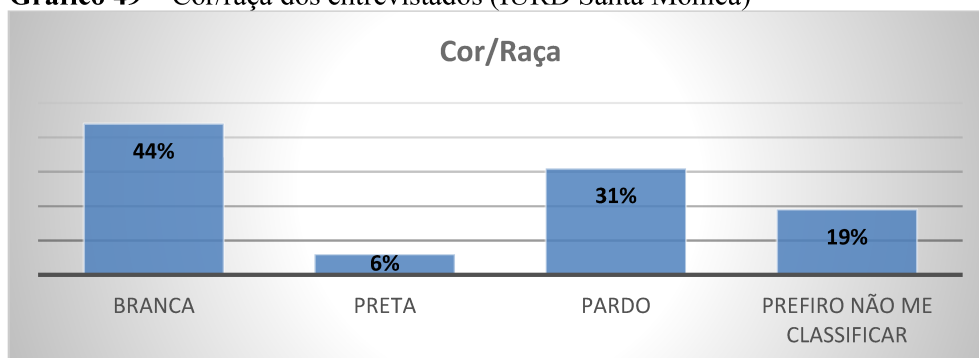
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 48 – Estado Civil dos entrevistados (IURD Santa Mônica)



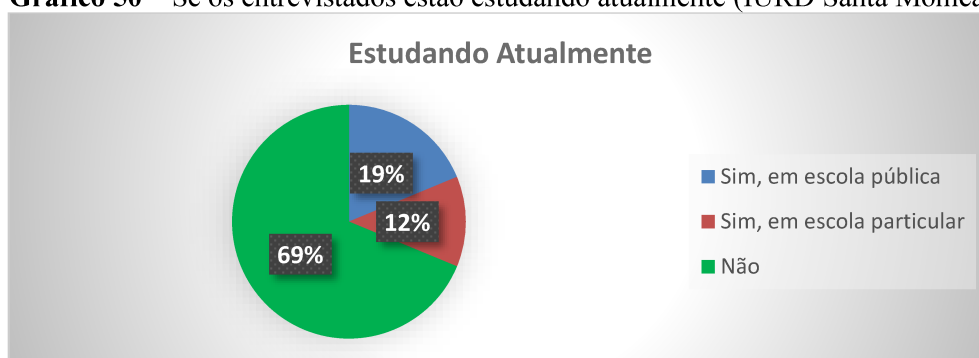
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 49 – Cor/raça dos entrevistados (IURD Santa Mônica)



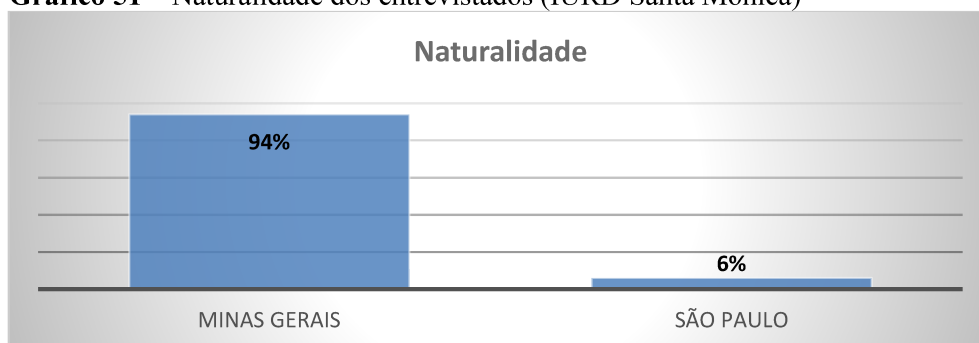
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 50 – Se os entrevistados estão estudando atualmente (IURD Santa Mônica)



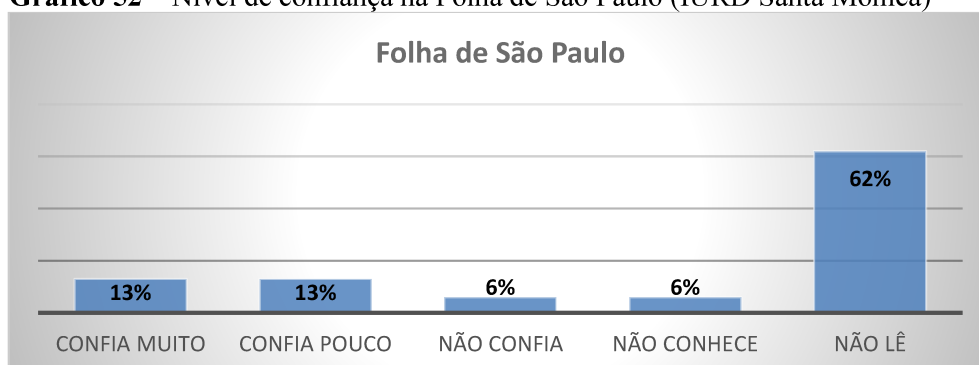
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 51 – Naturalidade dos entrevistados (IURD Santa Mônica)



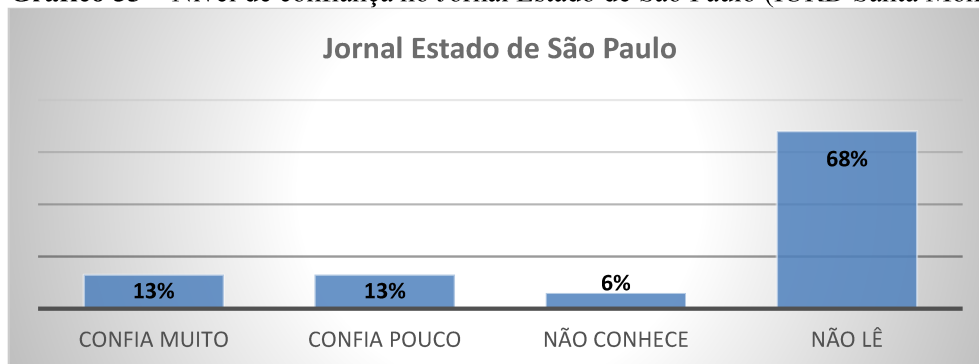
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 52 – Nível de confiança na Folha de São Paulo (IURD Santa Mônica)



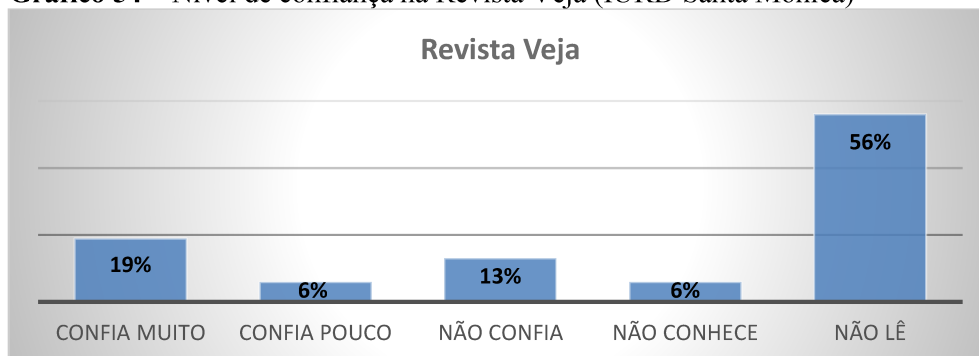
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 53 – Nível de confiança no Jornal Estado de São Paulo (IURD Santa Mônica)



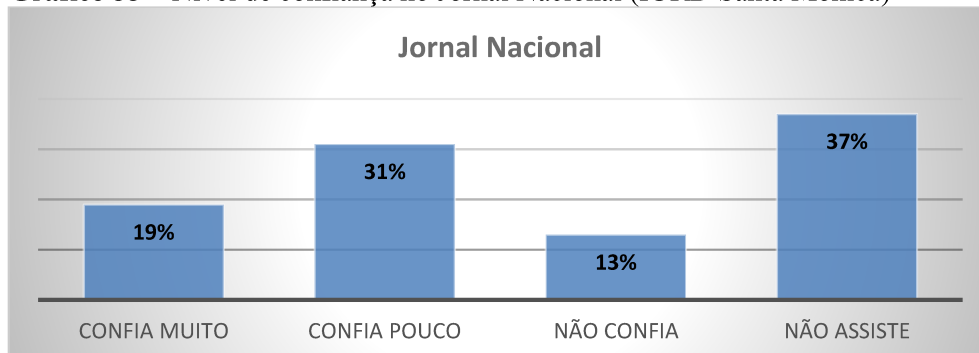
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 54 – Nível de confiança na Revista Veja (IURD Santa Mônica)



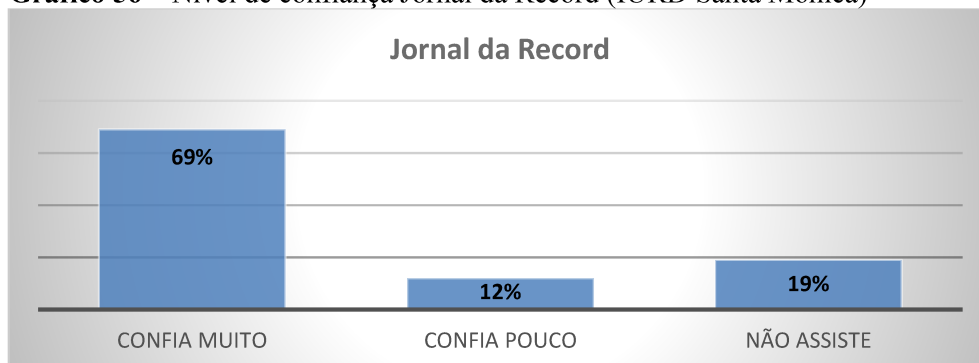
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 55 – Nível de confiança no Jornal Nacional (IURD Santa Mônica)



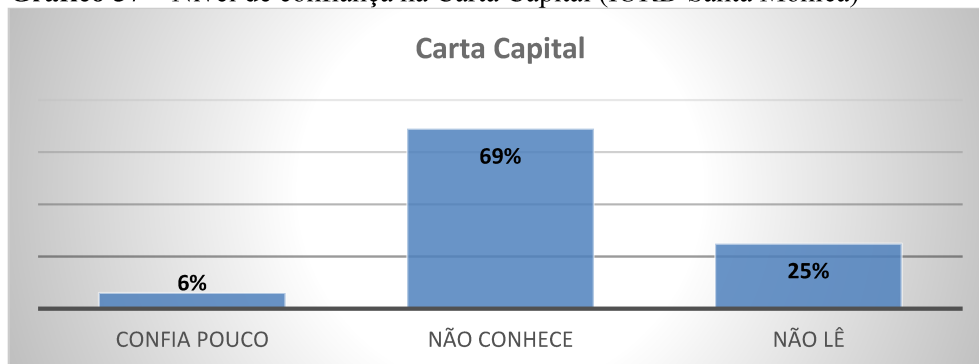
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 56 – Nível de confiança Jornal da Record (IURD Santa Mônica)



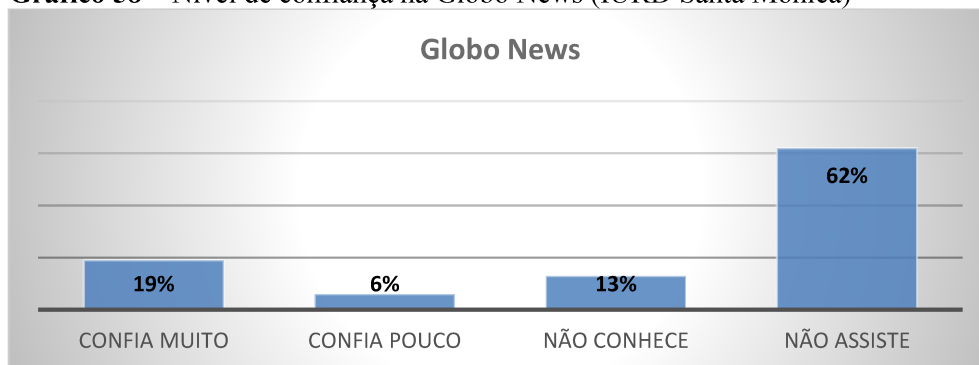
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 57 – Nível de confiança na Carta Capital (IURD Santa Mônica)



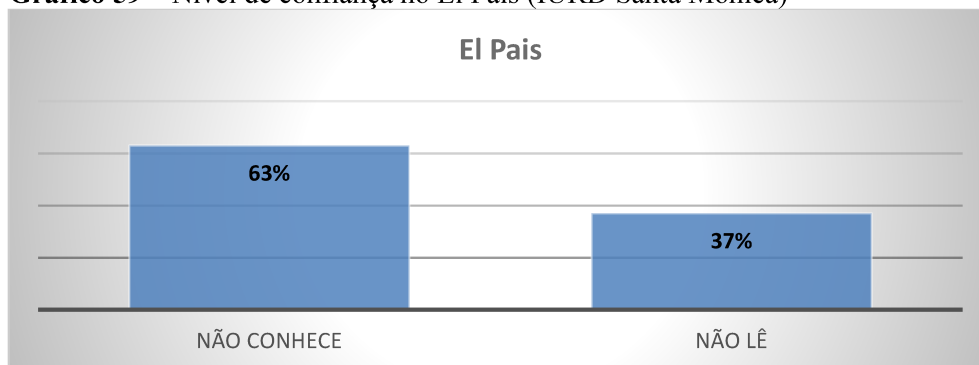
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 58 – Nível de confiança na Globo News (IURD Santa Mônica)



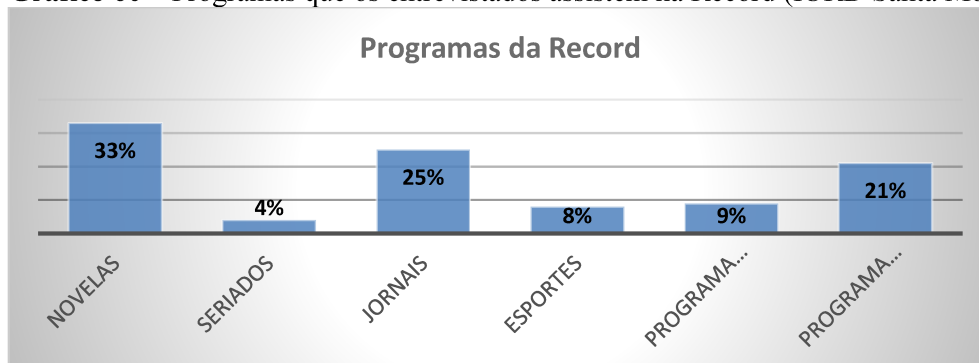
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 59 – Nível de confiança no El Pais (IURD Santa Mônica)



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 60 – Programas que os entrevistados assistem na Record (IURD Santa Mônica)



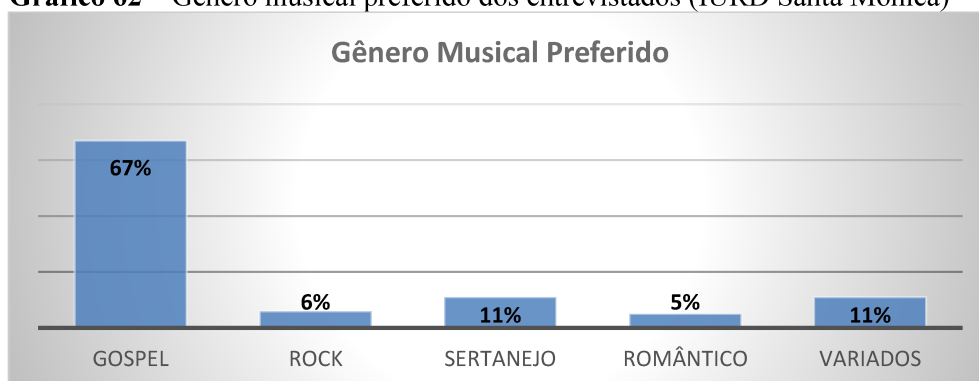
Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 61 – Se os entrevistados escutam música (IURD Santa Mônica)



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 62 – Gênero musical preferido dos entrevistados (IURD Santa Mônica)



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

Gráfico 63 – Se os entrevistados possuem preferência partidária (IURD Santa Mônica)



Fonte: Dados apurados pela pesquisa

ANEXOS



Confraternização Anual do grupo *Godllywood* em Uberlândia

Fonte: Facebook

Godllywood

<i>Auto-ajuda</i>		&	<i>Grupo</i>	
Benefícios	Quando		Benefícios	Quando
Reunião	Mensal		Reunião	Mensal
Tarefa como oferta	Mensal		Tarefa como oferta	Mensal
Amiga como irmã	Mensal		Amiga como irmã	Trimestral
			Comunidade	Diária
			Momento Godllywood	Mensal
			Passeio	Anual
			Sister	
			Graduação	
			Pulseira e camiseta	

Quadro sobre as diferenças entre *Godllywood* Auto-ajuda e Grupo Fechado

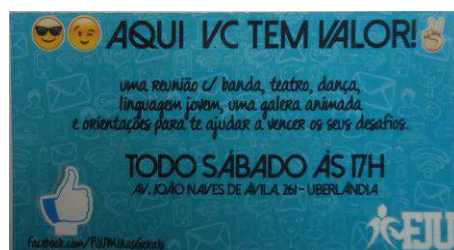
Fonte: Site *Godllywood*

<http://www.godllywood.com/br/rush/inscricoes-godllywood-2015/>



Renato Cardoso fazendo o “sinal de mão oficial do intellimen– o soco da inteligência”.

Fonte: Blog Renato Cardoso



Cartão-convite de divulgação do FJU

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora



Divulgação da consagração dos instrumentos de trabalho

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora



Divulgação da campanha do Vale do Sal
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora



Estola usada pelos fiéis que contêm a estrela de Davi, um símbolo judaico seguido dos dizeres “Disse Davi a Abiatar, o sacerdote, filho de Aimeleque: Trazei-me aqui a estola sacerdotal. E Abiatar trouxe a Davi. Então, consultou Davi ao SENHOR, dizendo: Perseguirei eu o bando? Alcança-lo-ei? Respondeu-lhe o SENHOR: Persegue-o porque, de fato, o alcançarás e tudo libertarás.”

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora



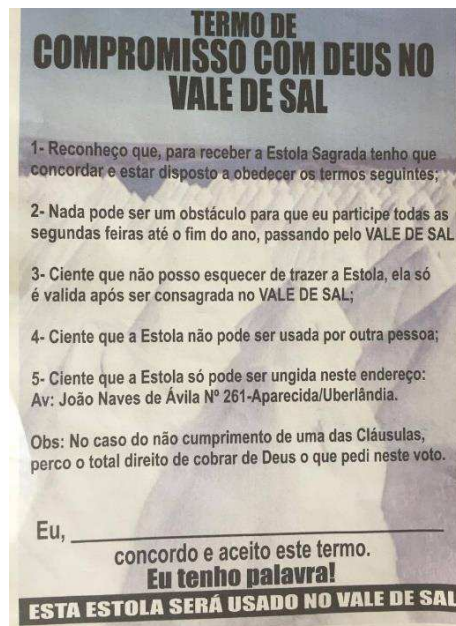
Divulgação da reunião que irá distribuir o Anel da Arca da Aliança

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

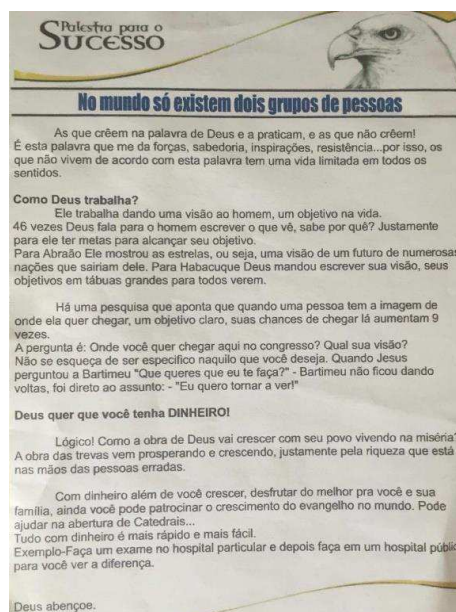


Divulgação da Reunião de domingo com a água consagrada

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora



Termo de compromisso para participar da campanha do “Vale do Sal”
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora



Palestra motivacional da reunião da prosperidade
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora



Exemplo de uma fiel da IURD que prosperou na área empresarial
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora